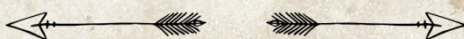




# **NASCER DENTRO DO MUNDO**

NARRATIVA DE VIVÊNCIAS EM COMUNIDADES  
INDÍGENAS GUARANI MBYÁ E SATERÉ-MAWÉ



Eduardo Roberto Pereira da Silva

Orientador: Dr Leandro Belinaso Guimarães





Eduardo Roberto Pereira da Silva

**- NASCER DENTRO DO MUNDO –  
NARRATIVA DE VIVÊNCIAS EM COMUNIDADES INDÍGENAS *GUARANI MBYÁ*  
E *SATERÉ-MAWÉ***

Florianópolis/SC

2018

Eduardo Roberto Pereira da Silva

**- NASCER DENTRO DO MUNDO –  
NARRATIVA DE VIVÊNCIAS EM COMUNIDADES INDÍGENAS *GUARANI MBYÁ*  
E *SATERÉ-MAWÉ***

Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em Ciências Biológicas do Centro de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito para a obtenção do Título de Licenciado em Ciências Biológicas.

Orientador: Prof. Dr. Leandro Belinaso  
Guimarães

Florianópolis/SC

2018

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Silva, Eduardo Roberto Pereira da  
Nascer dentro do mundo : narrativa de vivências em  
comunidades indígenas Guaraní Mbyá e Sateré-Mawé / Eduardo  
Roberto Pereira da Silva ; orientador, Leandro Belinaso  
Guimarães, 2018.  
134 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -  
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências  
Biológicas, Graduação em Ciências Biológicas, Florianópolis,  
2018.

Inclui referências.

1. Ciências Biológicas. 2. Vivências em comunidades  
indígenas. 3. Narrativa Ficcional. 4. Formação. 5. Encontro.  
I. Guimarães, Leandro Belinaso. II. Universidade Federal  
de Santa Catarina. Graduação em Ciências Biológicas. III.  
Título.

Eduardo Roberto Pereira da Silva

**- NASCER DENTRO DO MUNDO –  
NARRATIVA DE VIVÊNCIAS EM COMUNIDADES INDÍGENAS *GUARANI MBYÁ*  
E *SATERÉ-MAWÉ***

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de Licenciado em Ciências Biológicas e aprovado em sua forma final pelo Programa de Licenciatura em Ciências Biológicas.

Florianópolis-SC, 19 de novembro de 2018.

---

Prof<sup>ª</sup>. Andréa Gonçalves Trentin, Dr<sup>a</sup>.

Coordenadora do Curso

**Banca Examinadora:**

---

Prof. Leandro Belinaso Guimarães, Dr.

Orientador

Universidade Federal de Santa Catarina

---

Prof.<sup>a</sup> Ivete Souza da Silva, Dr.

Universidade Federal de Roraima

---

Prof.<sup>a</sup> Marina Lopes e Gomes, Bióloga

Universidade Federal de Santa Catarina

Dedico esse trabalho à minha família, amigos e aos povos originários deste país.

## AGRADECIMENTOS

Além de um Trabalho de Conclusão de Curso, estas páginas representam o final de um grande ciclo da minha vida que se encerra. Foram anos de caminhada compostas por mudanças de cidade, Universidade, concepções e propósitos. Encontrar-me dentro da Biologia e conciliar os diversos mundos que habito foi um grande desafio. Mas neste momento consagro essa passagem. Algumas pessoas foram cruciais para que eu chegasse até aqui. Então, deixo meus agradecimentos a essas pessoas especiais.

Aos meus pais, Lázaro e Marilene, por todo o esforço dedicado aos estudos de seus filhos. Por me transferirem seus espíritos guerreiros, dando-me forças para seguir meus sonhos e por me ensinarem a conciliar espiritualidade e conhecimentos do ser-humano.

Aos meus irmãos, Aline e Alexandre, pela parceria repleta de conselhos e cuidados. Agradeço pelo compartilhamento desta existência, pelos momentos de sensibilidade e apoio mútuo.

Aos amigos que fiz durante essa caminhada. Eterna gratidão pela troca de ideias, por cada frase e momento que me direcionou a um novo olhar. Irei guarda-los para sempre em meu coração.

Ao meu orientador, professor Leandro, por ter me apresentado o mundo da escrita, desenvolvendo algo muito especial que me habitava, mas ainda não conhecia. Gratidão pelos conselhos, por receber tão bem meus pensamentos soltos e transformá-los em combustível para desenvolver esse trabalho.

Ao coletivo TECENDO pelo acolhimento, fornecendo um espaço onde pude me sentir vivo novamente dentro do curso.

A todos que de alguma forma contribuíram para o desenvolvimento deste trabalho e para minha construção pessoal.

À Karine, primeira leitora dos meus textos, gratidão por ouvir minhas aflições e crises durante o processo de construção deste trabalho, encorajando-me a expor cada vez mais aquilo que gritava dentro de mim.

Aos povos indígenas que me acolheram, principalmente o povo *Sateré-Mawé*. Gratidão por terem realizado um dos meus grandes sonhos de infância: conhecer uma aldeia indígena na Amazônia. Pelas experiências que me ofereceram e pela grande transformação que me causaram. Por terem me permitido realizar seus rituais sagrados, oferecendo-me um pouco da sua força e reconectando-me com parte da minha ancestralidade. *Waku Sese*.

Em especial ao Jafé, integrante da etnia *Sateré-Mawé*, o qual o acaso fez atravessar meu caminho e possibilitou tantas experiências. Gratidão pela confiança de abrir as portas do seu povo e da sua família para mim. *Waku Sese*.

Ao Grande Espírito, por trazer estas pessoas especiais em minha jornada que abriram caminhos para tantas oportunidades.

“Desejamos uma visibilidade que seja menos *sobre* os indígenas e mais *a partir* do encontro com suas forças de expressão e de pensamento” (Wunder, 2017)



## RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) foi construído a partir de vivências com comunidades indígenas. Realizou-se um mergulho junto a estes povos para apreender um pouco alguns dos seus modos de viver. Que potencialidades foram acionadas no pesquisador a partir dessas vivências? O quanto ele pôde ser transformado? Para apresentar os atravessamentos que surgiram durante essa pesquisa, decidiu-se por uma escrita repleta de leveza, utilizando-se da noção de narrativa ficcional. Nela, dá-se vida aos encontros com sujeitos e lugares. A pesquisa está dividida em duas partes: na primeira, o personagem narrador, criado a partir do próprio pesquisador, está em um avião e tem um devaneio que o desloca para seu passado, revivendo visitas realizadas a duas aldeias *Guarani Mbyá*; na segunda, continua sua viagem para a área indígena Andirá-Marau, do povo *Sateré-Mawé*, localizada no estado do Amazonas. A intenção da pesquisa foi expor as contribuições oferecidas pelas vivências à formação do pesquisador.

**Palavras-chave:** Povos indígenas. Narrativa ficcional. Formação Inicial. Encontro.

## ABSTRACT

This Final paper was constructed by experiences with indians communities. It was made an cultural immersion with these people to learn a little of them and the way that they live in their places. What does the researcher learned about these experiences? How much does his mind was changed? To presente all the results that surged by that research was made a work fully of delicacy, using some fictional narrative that gave life to several peoples and places known by the Researcher. The undergraduate thesis is divided in two parts: The first one, the narrator character that was created using experiences from the autor by himself: He is in a plane, place where he has a reverie that put him back to his past, place that he visit two indians *Guarani Mbyá* Tribes. the second one he continue his day dream to the indian community named: Andira-Marau, from the *Satare-Mawe* indians, located in Amazonas state. The purpose of this Research was expose all the profit that was offered by his formation and cultural experiences.

**Keywords:** Indians communities. Fictional narrative. Initial Formation. Meeting.

## SUMÁRIO

<b>PARA COMEÇO DE CONVERSA...</b>	<b>11</b>
<b>NASCER DENTRO DO MUNDO .....</b>	<b>13</b>
Devaneios na Poltrona do Avião .....	13
Abrindo Caminhos – Primeiro Encontro .....	19
Interlúdio .....	23
O Rio Continua - Segundo Encontro.....	24
De Volta à Poltrona .....	28
Indígenas na Cidade .....	32
O Sonho em Existência .....	41
Falece o Sonho .....	46
Mais Confrontos, termina o Romance .....	59
Cantador e Caçador .....	64
A Mata, O Caçador e a Sapopema.....	68
Dias a Menos .....	77
Renovação .....	85
Pessoas que Mudam o Mundo.....	89
Será o Sonho Retornando? .....	94
Caminhos. Ah! Os Caminhos. ....	97
O Retorno .....	101
A Força do Pajé.....	107
Adeus Ponta Alegre .....	117
Sarican: Dor e (Re)Nascimento .....	123
Devaneios na Poltrona do Avião .....	132
<b>PARA FINAL DE CONVERSA...</b>	<b>132</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>133</b>

## PARA COMEÇO DE CONVERSA...

Em uma leitura superficial da imagem dos povos indígenas em artefatos culturais variados, em circulação no Brasil, posso ver que está em jogo a construção de estereótipos, que têm adentrado, acredito, o ensino básico nas escolas.

Comumente, o primeiro momento em que os indígenas são apresentados às crianças nas escolas é no dia de rememoração do “descobrimento do Brasil”. Eles são vistos, geralmente, como um povo pacato, que vivia em meio à natureza e acolheu os “aventureiros” europeus. À imagens recorrentes dos indígenas estão associadas: plumagem na cabeça, nudez e casas de palha em meio às matas. Outro momento em que são lembrados é no “Dia do Índio”, cuja celebração abarca muitos desses aspectos, conforme li em Bonin (2010). Cria-se, então, a imagem do “índio de verdade” composto por um personagem idealizado pelos “não indígenas”, sem direito a dar movimento à sua própria história e aos seus modos diferenciais de existir. E assim, aquele que luta por suas terras, que é massacrado, que luta por seus direitos e/ou estuda nas Universidades é apagado em prol desta rotulação, afirma Wunder (2017).

Mas então quem é esse “índio de verdade”? Alik Wunder (2017) ressalta o que seria importante atentar sobre este assunto: “Desejamos uma visibilidade que seja menos *sobre* os indígenas e mais *a partir* do encontro com suas forças de expressão e de pensamento” (Wunder, 2017, p. 1) e, a partir desse entendimento, a pesquisadora cria potentes oficinas que vão ao encontro desses sujeitos. E prossegue, “...ir ao encontro de sons, imagens, palavras, modos de pensar, dos povos indígenas é um dos desafios de uma educação aberta à diferença” (Wunder, 2017, p.2). Movido por estas ideias, resolvi vivenciar através deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), um pouco dos modos de viver indígenas.

Segundo Martins, “Ele [o índio] é afogado no meio das palavras, quando na academia, os estudiosos entendem mais de índio que o próprio índio” (Martins, 2011). Assim, até mesmo os pesquisadores acabam contribuindo para a invisibilidade destes povos. Resolvi mergulhar no universo de alguns desses povos, a fim de aprender um pouco sobre como enxergar o mundo. E eis que ficaram alguns questionamentos: Que potencialidades descobri a partir destes encontros? Quanto foi possível dizer que transformei nesses próprios modos de ver o mundo?

A prática da narrativa é o principal modo de muitos povos originários transferirem conhecimento e, também, inerente ao nosso próprio modo de se comunicar (Aragão, 2011). Diante disto, essa ferramenta foi utilizada para apresentar todos os encontros tornados possíveis durante o tempo desta pesquisa. Para tanto, em concordância com o que fora exposto por Chaves “(...) A narração harmoniza-se duplamente: com minha intenção de contar, relatar o experienciado e com o meu propósito de elucidar percursos e percalços que constituem a trajetória de processos de investigação” (Chaves, 2000 apud Aragão 2011, p.32), essa narrativa foi redigida, sendo que o personagem central é o próprio agente em pesquisa movido também por uma busca pessoal. Minhas impressões e transformações de concepções durante cada experiência vão sendo evidenciadas.

Este TCC pode ser visto como dividido em duas partes. Na primeira, o personagem que criei de mim mesmo está se deslocando e, em meio a esse deslocamento, tem um devaneio, mergulhando em suas memórias e revive o início da pesquisa e as duas visitas às aldeias *Guarani Mbyá* da Grande Florianópolis. Na segunda parte, volta de seus pensamentos e continua sua viagem para a área indígena Andirá-Marau, do povo *Sateré-Mawé* na Amazônia. Tais momentos foram baseados em experiências próprias, no entanto, fiz uso da noção de ficção como ferramenta para narrar o que vivi.

Em respeito ao próprio processo de desconstrução da imagem que eu possuía no início da pesquisa, as ideias que surgiram naquele momento foram mantidas. Nos primeiros trechos pode parecer radical e um tanto romântico, mas ninguém é isento de concepções de tais naturezas. Faz-se pesquisa para tornar mais completos os modos de ver o mundo.

Há nessas outras culturas diferentes formas de explicar o universo que os circunda. Não há certo ou errado, mas sim visões de mundo diferenciadas. Segundo Wunder, ao descrever suas narrativas como lendas, “corremos o risco de entender as suas produções culturais como erro, ilusão ou loucura e perder a oportunidade de entrar em contato com um povo indígena...” (Wunder, 2010, p.13). Neste sentido, há o uso desses recursos, expondo diferentes caminhos possíveis e, apropriação da pergunta feita por Castro para reflexão: “o que acontece quando se leva o pensamento nativo a sério?” (Castro, 2002, p. 129). Sendo assim, são apresentadas diversas possibilidades (longe de serem esgotadas) de olhar para esses outros mundos e aprender com eles. A intenção aqui não é determinar um jeito “correto” de ver esses indivíduos, ou de enquadrá-los em novas definições. Mas sim, mostrar as potencialidades que o encontro com eles produziram na minha formação.

## NAScer DENTRO DO MUNDO

### Devaneios na Poltrona do Avião

<sup>1</sup>Sou só mais uma pessoa entre essas tantas sentadas agora nas poltronas deste avião. Pergunto-me: para onde estão indo? De onde vieram? Olho então para a terra. E sinto-me pequeno e grande ao mesmo tempo, pequeno ao olhar essa vastidão toda, mas grande por estar olhando de cima. Aliás, sempre invejei as aves, voar me soa liberdade, oferece uma sensação de poder observar tudo do alto de árvores ou de onde vivem as nuvens. Trata-se de uma questão de perspectiva, assim como esta história, que caminhou por cumes que, na verdade, estavam submersos no mar, e por planícies localizadas no alto de grandes montanhas. Repleta de encruzilhadas e com dois caminhos que levam a infinitas possibilidades presentes dentro de cada momento de vida, de cada indivíduo ou visão de mundo. Assim como essa vastidão de água abaixo de mim. Como isso me fascina! Braços e braços de rios serpenteando por esse verde sem fim. As linhas d'água se encontram e desencontram. Bifurcam, bifurcam, bifurcam, para quem sabe, se unirem após um pouco ou muito de caminhada sós, ou talvez nunca mais se encontrem mesmo. Semelhante à vida, pelo menos à minha...



---

<sup>1</sup> As imagens contidas neste trabalho foram todas capturadas por mim. As que irão aparecer em diante foram modificadas por meio do aplicativo "PicsArt" de aparelho celular.



Em meio à minha observação, ruídos surgem. Afinal, onde vocês estavam que eu não os notava? Parecem ter vida própria, surgem apenas quando algo os excita a levantar e vir até nós. É... talvez estes rios sejam mágicos mesmo. O que antes era silêncio dá espaço para ruídos, que logo se transformam em lembranças? Sensações? Desejos ocultos? Imagens? Lembro-me então dos rios e encruzilhadas da minha vida. Entro na distorção do tempo e embarco em outra viagem...

Chamam-me de Tenente Pereira, nasci no interior do estado do Paraná, no ano de 1993. Não irei revelar o nome da cidade, não porque ela não tem lugar no meu coração, mas porque não quero tirar a atenção de outros lugares desse Brasil, que são meu destino nesta jornada. Cresci em um ambiente familiar e social, cuja a maioria das pessoas diria ser tradicional. Mas pensando bem, dizer que algo é tradicional é muito relativo, pois a tradição se veste de maneiras diferentes, dependendo do meio que ela vai conviver. Então prefiro não dar medidas generalizadas para este local que primeiro me acolheu. Fato importante é que cresci com uma marca registrada: desde criança eu era velho. “Aham”! Isso mesmo. Mas não como vocês imaginam, nasci velho de alma mesmo. Às 06h57min saturno girava lentamente sobre a quinta casa do meu Universo. Fazendo parar minha auto expressão. Responsabilidades passaram a ocupar espaços na mente daquele garoto, lugar que era para a criatividade de uma criança habitar. Quando era novo queria ser veterinário, professor, padre ou médium, uma personalidade de alguém que sente vontade em cuidar, eu diria. Era uma criança que não carecia de imaginação, meus brinquedos possuíam nomes e falavam. Com o cachimbo na boca, meu avô era o ouvinte preferido para minhas histórias. Devem estar pensando: “Onde está o menino velho?” Aqui dentro. Mesmo em todos esses momentos de brincadeiras, meu ser interior encarava tudo como “responsabilidade”. E eu notava isso? Não! Só agora olhando para esses rios é que percebo.

Depois veio a escola. Anos e anos me moldando para atender as obrigações de notas nas disciplinas e relacionamento social, mas pelo menos essa fase possuía fim com data marcada. Fase cumprida. Adentrei à universidade para ser biólogo e, logo em seguida, ingressei no oficialato do Exército. Era um tenente. Tinha que mandar e desmandar, logo eu? Precisando de menos seriedade, o Universo me coloca num coliseu, em meio a leões que só aumentavam a dificuldade do meu desafio. Mas me habituei, como um camaleão que ajusta seu exterior de acordo com o ambiente, porém o seu interior continua intacto. Está bem! Talvez não seja tão camaleão assim, pois esses mundos habitados causaram grandes

transformações internas. E vai saber se com os camaleões também não ocorre desta forma a cada nova expressão diferente de sua cor? Quem sabe na próxima encarnação, eu não venha dentro de um corpo escamoso desses para desvendar esse mistério. O fato é que os rios me levaram de uma cidadezinha pouco conhecida à Curitiba e depois, para Florianópolis. A partir daí novos mundos abriram-se... principalmente aquele da espiritualidade.

Tantas vezes reformulei minha noção dessa tal espiritualidade, que é impossível dizer que limites a cercam. Ainda novo, eu já apresentava uma personalidade fortemente religiosa. Católico extremamente crente, depois um espírita kardecista extremamente crente. Então, de repente, desaguei na Ilha da Magia, submergindo em uma corrente repleta de possibilidades. Tão intensa era, que não consegui nem relutar, acabei me entregando aos novos horizontes que meus olhos deslumbravam e meu corpo sentia. Talvez eu não fosse tão crente assim afinal. Só estava em busca de algo que fizesse me sentir mais responsável e em serviço. Rompendo com essas barreiras, descobri um ser aventureiro escondido dentro de mim. Um modo de viver sob uma busca incansável pelo inalcançável. Talvez justamente por esse abismo assustador relutei tanto em viver assim, mas foi chegada a hora.

Certo dia, decidi realizar uma consulta com uma Xamã. Era início do ano 2014 e fazia quase um ano da minha mudança. A vida me pesava os ombros. Já estava com dores físicas, inclusive. Algumas noites, após dias estressantes, procurava dormir cedo para esquecê-las, porém berravam para eu acordar de madrugada, como se quisessem que eu lhes desse atenção. Queriam dialogar. Ora! Convivendo por tanto tempo comigo, não sabiam que eu não gostava muito de conversa? Bom, segui a trilha que me indicaram, quilômetros de caminhada por entre matas e morros. Chegando à cabana da tal mulher, pude ouvir o barulho dos tambores. Estava chamando o céu para se ligar à terra, a fim de que pudessem trabalhar juntos em alguma missão. Um cheiro de defumação pairava no ar. Aproximei-me da porta e levantei o braço. Estava tremendo, afinal tudo aquilo era totalmente novo para mim. O que falar? No momento que embalei para bater, ela se abriu. A figura de uma senhora com cerca de 60 anos, cheia de amuletos com formas de diversos animais, surge na minha frente, a fumaça me envolve, juntamente com o cheiro de Palo Santo, causando-me uma tontura. – Entre! Senti você chegar - disse ela.

Isso tudo é o que eu esperava de um encontro como esses, mas a realidade criada por nós, por vezes se distancia daquela que acabamos contemplando com estes órgãos sensoriais que costumamos usar. A trilha, na verdade, era feita de asfalto, e a paisagem do caminho era

mesclada por casas e prédios. Engarrafamento, como sempre, marcou presença, oferecendo um momento de pausa para contemplação, disponível apenas para aquele que decide respirar três vezes e deixar de reclamar das familiares filas de carros desta cidade. Foi o que fiz, então passei a viajar mentalmente. Lobos surgem na minha imaginação, eles caminham em fila. Afasto da mente. Distraio-me, e surgem novamente, agora caçando em grupo, dividem a caça com os mais velhos e dormem juntos. Cheiro. Nunca vi um lobo, mas sabia que era de um. Assim foi todo meu trajeto. Cheguei ao local no horário marcado. Subi as escadas. A tensão era a mesma. Ao adentrar à recepção, fui tomado pela sensação de troca de espaços ou dimensões. Era outro ambiente, pelo menos energeticamente. Cheiro de incenso, música calma, parede contrastando entre um azul claro e bege, móveis agradavelmente posicionados no local. Tenho certeza que uma barreira havia sido passada. Abre-se a porta e a figura de uma mulher de trinta e poucos anos surge na minha frente, um largo sorriso no rosto e um jaleco branco no corpo. Cheiro. Alcateia. Nesse encontro fui inundado por uma sensação de reencontro. De longa data, de outras vidas. Éramos da mesma família, como os lobos. Abraçamo-nos e fui convidado a entrar. Chamava-se Wilka Nina. Não demorou muito para ela enxergar o velho, pois uma das primeiras frases que me disse foi:

- Como fazer esse velho de 40 anos viver a idade que tem?
- Velho? – retruquei confuso.
- Veja, você possui um mestre muito rigoroso dentro de si, precisa conectar-se com seu coração, com sua criança interior.

Depois dessa conversa inicial, foi o momento de bater os tambores, e então, o céu desceu, eu já não sabia mais onde estava. Escuto uma voz chegando, mas não chega a tocar meu aparelho auditivo. Parece ultrapassar esses limites do existir comum. É direto na minha mente que ela toca, em algum órgão sensorial que não estamos habituados a usar. Suavemente. Um toque. Um outro idioma, em que não se separam palavras, apenas causa sensações tão fortes, fazendo-se compreensível. “Era momento de iniciar uma busca que derrubaria grandes estruturas.” Assim é.

Alguns anos se passaram. Meus passos me levaram a trilhas, nas quais acabei até me esquecendo desta mensagem enviada sem palavras. Talvez fosse porque eu ainda precisava ser lapidado para viver o que estava por vir.

Agora que já me conhecem, falarei sobre quem impulsionou minha revolução. É de um povo. Não. Na verdade são vários, mas insistimos em falar que é um só. Falo deles, pois são os atores principais dessa minha história. Pensou que fosse eu não é? Sou apenas um agente em movimento, permeado por esses mundos enredados a eles, colhendo belos frutos e doando o melhor que posso, em retribuição. A sabedoria e a história são deles. Não falo só dos encarnados, falo também de todos e todas que vieram antes destes. Esse é um ensinamento presente em vários desses povos, de honrar seus ancestrais.

Na faculdade eu deixava de lado a ciência, desisti da vida de laboratórios. Com o tempo descobri que meu coração vibrava mesmo era pela educação. Outro achado foi que também se faz ciência nessa área! Sabiam? Então, um dos meus sonhos ainda continuava com o mesmo nome: “ser um cientista”. Porém, com algumas mudanças conceituais. No início do ano 2017 chegara o momento de iniciar meu Trabalho de Conclusão de Curso. O problema é que eu não me identificava com nada do que eu pensava que precisava me identificar. Sentia-me perdido. Sem lugar, sabe? Não parecia que eu era daquele espaço. Um alienígena, talvez. Minha personalidade sempre foi controversa, e isso dificultava minha definição. Militar, biólogo e espiritualista. Cumpria as regras com uma vontade inconsciente de quebrá-las. Meu caminho ia sendo tecido. E em meio a outros tecumes, minha linha encontrou com o Tecendo<sup>2</sup>. Grupo de pesquisa em educação que acolheu as vontades da minha alma. Sob a orientação do Leandro Belinaso, alinhei meu propósito na graduação com eles. Os indígenas.

Ingenuamente, me joguei em meio a essa pesquisa achando que sabia muito sobre ela. Durante minhas experiências espirituais, já havia participado de viagens meditativas usando técnicas com “animais de poder”. Então, minha mente viajava em torno da ligação cultural desses povos com a natureza que conviviam. Quantas contribuições poderiam nos oferecer com sua visão de mundo? Porém, tenho que ser sincero e dizer que, pelo menos inconscientemente, ainda os encarava como um só grupo de pessoas. Esse foi um dos questionamentos que me levaram a direcionar minha pesquisa a eles. Foi um daqueles *insights* que você não sabe por que nunca lhe passou pela cabeça antes, mas quando surge, não te deixa mais. Brota em sua mente e ali fica, aguardando ser adubado para poder crescer, florescer e dar frutos. Ao longo da minha caminhada na escola, foi me passada uma impressão repleta de clichês sobre nossos povos ancestrais.

---

<sup>2</sup> Grupo de pesquisa em educação da UFSC.

Em certo momento da pesquisa recebi um encontrão de Iara Bonin<sup>3</sup>. Esbarramos mesmo, pois vínhamos na mesma direção. Disse-me ela: “Em livros didáticos, identificamos os povos indígenas por características estereotipadas como nudez, a cor da pele, as pinturas corporais, o uso de arcos e flechas, adereços plumários, fabricação de cestaria”. E não é que é mesmo? A abordagem da escola na qual fui “educado” seguia exatamente o que me disse. Ela continuou: “São lembrados como povos do passado, aprisionados em representações fixas, ou recordados por algumas contribuições e marcas que deixaram na chamada cultura nacional...”<sup>4</sup>. Passa-se a impressão de que essas pessoas faziam parte de comunidades antigas, cuja presença era dominante nessas terras. Foram descobertas pelos conquistadores europeus e, praticamente, deixaram de existir. Repare na expressão: “conquistadores”. Parece algo forte, não é? Imponente, honroso. As palavras costumam ser bem escolhidas, “conquistadores”, “viajantes”. A Iara Bonin concordou comigo quando expus isso a ela, acrescentando: “E o inverso também ocorre, exemplo disso é como são vistos os movimentos de luta nos livros escolares – nomeados como rebeliões, insurreições, levantes, guerrilhas, motins, revoltas, são tidos como algo que, erguendo-se e pondo em risco a ordem, deve ser contido, para o “bem de todos””<sup>5</sup>. O Dia do Índio era sempre carregado desses estereótipos. Meu rosto era pintado, tirava a camisa e colocavam uma pena em minha cabeça. Nunca vi nenhum representante indígena nessas comemorações. Estavam realmente mortos, pelo menos para aqueles professores.

Minha indignação pela condição dessas pessoas e minha pesquisa alinharam-se à minha vida espiritual. Então o desejo que me ocorria era: *Criar algo, uma oficina talvez, que desconstruísse a imagem estereotipada do índio, utilizando ensinamentos e rituais para aproximar a ciência da espiritualidade*. Um sonho: quebrar a distância entre os opostos. Então, para compor meu trabalho, fui movido pelos seguintes questionamentos: O que significa toda a superficialidade apresentada nos estereótipos? Por que a fogueira? Por que a cara pintada? Por que de uma vida mais pacata? E o que diz a história antes de 1.500? De que forma se relacionam com a natureza à sua volta? E assim meu remo passou a redirecionar minha canoa, rumo a novos horizontes. Queria a resposta para esse e tantos outros questionamentos.

O que eu não sabia era que eu também estava carregado de clichês.

<sup>3</sup> Professora da ULBRA e pesquisadora sobre a temática indígena desde 1990.

<sup>4</sup> Bonin, Iara. “Povos indígenas na rede de temáticas indígenas: o que isso nos ensina sobre identidades, diferenças e diversidade?”, 2010, P. 78.

<sup>5</sup> Idem, p.79.



## Abrindo Caminhos – Primeiro Encontro

Busquei e descobri o que a maioria não sabe. Existem aldeias *Guarani Mbyá* próximas de Florianópolis que realizam rituais abertos a visitantes. Quando soube, não pensei duas vezes, já logo vi a data e me organizei. Era junho de 2017. Grande oportunidade para realizar um sonho e aprofundar minha pesquisa.

Até hoje me lembro das diversas sensações que me percorreram o corpo, causadas pela grande alegria de estar adentrando aquele mundo. E não é para menos, foi uma experiência de alguém que teve o primeiro contato com seu povo, com suas raízes. A tal proximidade, que poucas pessoas conhecem, é tanta, que há uma inevitável e intensa invasão de nossa cultura sobre a deles.

Foi nessa experiência que conheci o *temazkal*, ou tenda do suor - ritual tradicional dos índios norte-americanos - e a cura através da medicina sagrada (*ayahuasca*).

O trajeto em si já proporcionou total mudança de ambientes, o caminho até a aldeia oscilava entre estradas de terra e asfalto. Cada vez mais adentrava à zona rural, com predominância do verde na paisagem, à medida que avançava. Sabe que até verbos foram (re)significados nesta experiência? Pois me veio a percepção do “estar”, ainda não havia ingressado nos rituais, mas o espaço em que estava já remexia. Era outro ambiente, com presença massiva da natureza, um vale em meio a árvores e serras. O cenário estava sendo construído e com ele, boas expectativas.



Uma trilha, desta vez não era de asfalto, mas como eu realmente imaginava, levou-me até o espaço em que aconteceriam os rituais. A casa de rezo, feita pelo próprio Seu Alcindo, cacique da aldeia, em uma tentativa de manter vivas as tradições do seu povo. Entrar naquele espaço provocou sensações muito fortes, como uma criança conhecendo um mundo que povoou por muito tempo sua imaginação. Vivendo, aprendi o quanto coisas que só vemos pela TV ou pela internet fazem certos cotidianos ficarem abstratos e distantes em nossa mente, e o quanto é valioso olhar com seus próprios olhos, vivenciar por você mesmo e sentir com seu próprio coração.

Tive também a oportunidade de visitar algumas residências, onde estavam jovens e crianças. Como esses pequenos encantam, com seu sorriso fácil, carinho e receptividade. Parei para interagir com uma menina de aproximadamente seis anos e quando perguntei-lhe o nome, ela me respondeu com uma profunda troca de olhares, um sorriso e um abraço. Isso, digo com absoluta certeza, foi o momento mais incrível daquela vivência toda. Quanta entrega e carinho. O quanto uma criança pode ensinar um coração enrijecido como o meu e tornar gestos pequenos e simples em momentos grandiosos. Mal sabia ela, mas naquele momento interagi com algo muito maior do que era óbvio, mexeu com estruturas extremamente sólidas, de emoções já cristalizadas. Um sopro de calor invade a casa repleta de gelo dentro de mim. Água começa a pingar dos móveis e das paredes. Cores surgem. Não, eram somente lágrimas escorrendo dos meus olhos. Por quê? De onde? Um sorriso agora. Como? Gostaria de ficar explorando mais aquele momento, mas era hora de continuar.

Agora me recordo do *temazkal*. Quando voltei daquela residência, as pedras já estavam aquecidas o suficiente para começarmos. Então nos organizamos em círculo, ao redor da fogueira que aquecia as pedras. Cada um de nós recebeu um punhado de salgueiro para colocar nossa intenção junto ao fogo. Cada um à sua vez foi chegando junto à fogueira e desejando algo em voz alta. As vontades proferidas eram sempre direcionadas em prol do grupo e não só a si mesmos. Fato que já evidenciou uma integração naquelas pessoas em volta daquele círculo, todas unidas e despidas de seu individualismo.



Ingressamos então em uma tenda oval, por uma abertura que nos obriga a agacharmos, praticamente de joelhos, simbolizando o despir-se de todo o ego, entrando com humildade e resignação. O espaço é apertado e escuro para assemelhá-lo a um útero, o útero da mãe terra, assim o processo possui essa finalidade, realizar uma purificação e simbolizar um renascimento para um novo propósito. Sentamos em círculo, em volta de um buraco no chão. Esta disposição oferece a sensação de estarmos todos em um só patamar, sem diferenças, sem hierarquia. Estamos todos juntos por um objetivo em comum, e podemos contar uns com os outros, pois sempre terá alguém ao nosso lado. Assim veio a primeira de quatro levadas de pedras quentes chamadas de “Abuelitas”. Em seguida, fecha-se a porta e adiciona-se água a elas, espalhando vapor pelo espaço, fazendo parecer uma sauna totalmente escura. Entoam-se cantos em guarani e em português que fazem você mergulhar em suas emoções. Cada vez que novas pedras entravam, era um portal novo que se abria, cada um com um propósito diferente. Como de costume em minha vida, decidi repentinamente ir, então acabei não me informando muito sobre o ritual, mas a própria situação do local, a completa escuridão, as canções e o calor me guiaram para esse mergulho. Nos dois primeiros portais senti nada muito intenso. No primeiro não conseguia tirar minha família dos pensamentos. Lembranças e mais lembranças de uma juventude repleta de obrigações. Até mesmo brincar parecia ser um dever. No segundo veio questões mais relacionadas ao trabalho, algo que me gerava imensas dúvidas sobre o benefício que ele me oferecia. Lembro que a cada portal que se abria eram adicionadas mais pedras e o local ficava com a temperatura ainda mais elevada. Foi assim que o terceiro portal foi bem mais quente e intenso. Tive a sensação que uma força me tomava. Senti o chão, a terra, o calor, o vapor, meu coração pulsar. As pessoas à minha volta pareciam estar conectadas a mim. Estava repleto de alegria por estar participando de algo tão antigo e

com tanto significado. Esse era o portal do poder, o último era do agradecimento. O mais quente. Já transpirava muito nesse momento, e não consigo nem descrever a intensidade de emoções que trinta minutos naquele local fechado, com aqueles cantos, calor exalado das pedras e das pessoas a minha volta me causavam. Era como se uma nova força brotasse de dentro do meu ser. Quando acabou, a sensação era de um nascimento. Estava com a mente totalmente diferente para o ritual que aconteceria naquela noite e as pessoas pareciam muito mais integradas e conectadas.

Partimos para o segundo ritual da noite dentro da casa de rezo. A fogueira já estava acesa no centro, com alguns nativos sentados em volta dela. Os participantes da cerimônia já se organizavam em volta do local encostados na parede. Em meio disso havia visitantes como nós e nativos, mulheres, homens, idosos, idosas e crianças, quando é dia de rezo, todos da aldeia se reúnem naquele espaço para participar. O início estava previsto para às 21 horas. Tínhamos então cerca de duas horas para descansar, neste tempo pude observar e sentir algumas coisas marcantes. Em certo momento, estava sentado no canto que escolhi e notei o quanto eu estava pleno e feliz comigo mesmo, com tão pouco, com tanta simplicidade. Era uma fogueira, um grupo em prol de um mesmo objetivo, uma casa feita de barro e a natureza. Estávamos sem celular, sem conforto, sem luz artificial, enfim, sem as coisas das quais eu me apegava tanto e julgava tão importantes, mesmo assim não estava entediado, me sentia feliz e em paz. Da mesma forma que ocorreu com o sorriso da criança, atestei mais uma vez o quanto coisas aparentemente simples e pequenas podem se tornar grandes dentro de nós, e de um imenso significado. Acabei adormecendo e acordei no momento de compartilhar o fumo, alguns com seus cachimbos e outros confeccionando seu próprio cigarro de palha, semelhante ao que meu tio fumava na minha infância. Nunca pensei que um dia fumaria aquela coisa fedida que me incomodava tanto quando criança. Mas ali estava eu, aberto à experiência, e posso dizer mais uma vez que foi única, entramos em comunhão e novamente em sintonia em prol de algo em comum. Acredito que já seja perceptível que em todo esse tempo o maior aprendizado foi a integração, a maior ação que tudo isso pode proporcionar é a interação entre as pessoas.

Então era momento de iniciar a cerimônia, alguns homens indígenas se reuniram no centro e começaram a entoar cânticos em guarani, seguiam o som de um violão e alguns maracás<sup>6</sup>. Não vestiam tangas, penas e nem estavam pintados, usavam roupas como nós. Eu já

---

<sup>6</sup> Instrumento de som utilizado em cerimônias e como ferramenta de cura pelos pajés.

esperava por isso, mas antes me incomodava de certa forma, os julgava por estarem deixando de lado partes de sua cultura. Mas a partir das leituras que fazia para a pesquisa, minha compreensão foi outra, percebi que isso não é tão importante quanto minha mente fazia parecer, e o que obtive foi um misto de alegria e satisfação por estar em meio a povos nativos, em meio às minhas raízes. Nasceu em mim aquela boa sensação de pertencimento, que nos é tão importante. As pessoas eram livres para ficarem deitadas, sentadas ou se reunirem em volta do fogo, eu, no caso, não podia perder a oportunidade de me unir à dança. Levantei e me juntei à roda. Um passo para o lado esquerdo e pé direito à frente, passo para direita e pé esquerdo à frente. Assim ficamos dançando em volta do fogo sagrado. As mulheres faziam sua própria dança, com seu instrumento próprio, para evocar o feminino. Era algo próximo a um pau de chuva, talvez fosse isso mesmo, mas de toda forma, o som e formato eram, pelo menos, muito semelhantes a um.

Quando o *ayahuasca* começou fazer efeito em mim, senti uma força tremenda florescer. A experiência é sempre diferente para cada indivíduo, uns não sentem nada, outros sentem pouco, alguns, como eu, sentem muito. Uma energia muito forte se fez dentro de mim. Meu coração acelerou e minha vontade era de sair pulando em volta da fogueira, mas contive essas emoções, guardei para dentro. Um turbilhão de intensas sensações começou a correr em meu ser e senti uma profunda conexão com o todo, com a roda, o fogo, a terra e a natureza. Não há palavras para descrever tal momento. É algo que se conhece apenas sentindo. A noite foi uma mistura de dança ao redor do fogo, momentos deitado, dormindo, sonhando e tendo vários *insights*, foi uma noite de profundo encontro comigo mesmo. Isso me fez pensar e dar mais valor ao que realmente me traz paz, e rever as coisas banais às quais vinha me preocupando diariamente. Foi uma noite toda assim. De manhã foi momento de compartilhar as frutas levadas, chimarrão e os aprendizados da noite.

## Interlúdio

A partir daí, fui arrastado por uma onda que me levou a mergulhar cada vez mais na questão indígena. Comecei a enxergar de outros modos o mundo. Notícias e outros fatos que pareciam estar se escondendo de mim, passaram a se mostrar. Massacres contra diversos povos. Assassinatos. Em meio aos momentos de distração nas redes sociais, tive um encontro com uma notícia que me provocou uma raiva intensa. Era sobre o sequestro da mãe cacique da aldeia do Morro dos Cavalos. Ela só sobreviveu porque os agressores pensaram que estava



morta, depois de terem espancado-a e decepado suas mãos. Eu fervilhava, e minha raiva por esse modo de sociedade egoísta só aumentava, me levando a ter cada vez mais certeza que era em meio às culturas indígenas que poderíamos encontrar saídas para fugir desse caminho de violência.

Através do vídeo “Yma Nhandehetama”<sup>7</sup>, fui atravessado pelo conceito de invisibilidade indígena. A partir deste artefato, Almires Martins tornou-se visível em minha vida. Em um espaço escuro, com apenas um foco de luz azul em seu rosto, iluminou todo um Universo de pessoas apagadas da história. Expondo-os à minha vista. Nos livros de história prevalece a imagem do indígena como ser colonizado, submisso e que anda pelado em meio à natureza com cocar na cabeça. Sendo o indígena que luta por suas terras, assassinado, não tendo vez nas representações culturais desses povos. Aquele que move sua existência é apagado. Iara Bonin também me incendiou nessa direção, falando sobre a prisão do índio no passado. De repente vislumbrei: “*Quantas invisibilidades habitam esse mundo? E o meu?*”. Somado a isso, o livro “A Terra dos Mil Povos” de Kaka Werá Jecupé, emprestado por um amigo, trouxe à tona o encobrimento de grande parte da história dos quinhentos anos do “descobrimento”. Deparei-me com a complexidade de toda essa variedade de nações dentro do Brasil. Etnias que realmente se apagaram e outras que são forçadas a ser, mesmo ainda existindo. Até eu que sinto tanta atração pelo movimento indígena, desconhecia toda a amplitude das etnias presentes no Brasil. Aquilo atuou como um disparador para um sonho antigo meu. *Passar um tempo em meio a uma tribo indígena da Amazônia. Seria ótimo para o momento acadêmico que vivia, mas acreditava ser cedo demais para vivenciar essa experiência.*

Então prossegui nas aldeias que estavam próximas a mim...

## O Rio Continua - Segundo Encontro

O rio seguiu seu curso, e em outubro daquele mesmo ano, fluí para mais um ritual. Desta vez desaguei na aldeia Morro dos Cavalos, a qual é cortada ao meio pela BR-101, de forma a ter indígenas habitando em ambos os lados. Enquanto eu seguia (a pé) o caminho que levava até o local da cerimônia, podia ouvir os carros e caminhões transitando pouco abaixo dos meus pés. Automaticamente, me coloquei no lugar dos integrantes daquele povo, a

---

<sup>7</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Xjn5GGRVCjo>.

principal preocupação era com a identidade daquelas pessoas. Como deixar sua cultura viva com tamanha invasão? Fico pensando na curiosidade dos jovens em saber para onde todos aqueles diferentes veículos vão a todo o momento. Uns grandes, outros pequenos, o porquê de tanta pressa e em como é a vida das pessoas que vivem nas casas que são vistas lá de cima do morro. Esta é uma estrada que parece cortar muito mais do que um pedaço de terra.

Se o que aprendi, com os dias vividos até então, for verdade, e me refiro neste momento àquilo que falam sobre um indivíduo ser marcado pelo meio em que se desenvolve. Dói só de imaginar crescer naquele lugar. A Aldeia Guarani Morro dos Cavalos é marcada por uma disputa pela demarcação de suas terras. A história dela começa no século XX, quando houve um movimento, em todo o litoral brasileiro, de indígenas guarani indo em direção ao Atlântico, em busca da “Terra sem males”, que seria um sonho indígena. O ponto máximo de evolução espiritual humana, onde não haveria fome, doenças e guerras. Porém, nos últimos anos, tem havido intensas disputas, cujos moradores locais reivindicam a posse das terras por se considerarem proprietários. A situação do sequestro relatada anteriormente aconteceu lá.

Em meu devaneio adentro no mundo do nativo que nasce nesse ambiente de tensão. Onde não se há terras para plantar, e a todo o momento questionam a posse de suas terras. Indivíduos que, por vezes, são obrigados a se dirigir aos semáforos da cidade de Florianópolis para conseguirem o mínimo de recursos para sobreviver. O jovem que recebe um conhecimento que não é aplicado pela maioria das pessoas que vivem em seu entorno. Apenas alguns pensamentos jogados ao vento.

Antes do início da cerimônia, lembrei-me de algo que senti falta no último ritual. Não sabia cantar as canções. Olhei em volta buscando alguém que eu pudesse conversar. Encontrei um senhor, de aproximadamente quarenta anos, fumando seu cachimbo, sentado à beira da fogueira que aquecia as pedras para o *Temazkal*. Era ele mesmo! Aproximei-me e iniciei a conversa:

- Com licença, tudo bem?

- Olá! Sim – respondeu sem dedicar muita atenção.

- Gostaria de pedir um favor. No último ritual que vim, senti falta de acompanhar as canções, então se pudesse me ensinar alguma, ficaria muito agradecido.

- Ah, as canções. – Puxou seu cachimbo olhando para a fogueira e soltou uma fumaça sem deixar que aquele contato estabelecesse muitas conexões, logo em seguida prosseguiu - as canções não são declamadas em palavras. Os ensinamentos guarani são passados de geração para geração por meio da oratória e assim é também com as músicas. Elas devem ser ouvidas, sentidas e, então, reproduzidas. Aprende-se o significado delas como um todo e não palavra por palavra.

- Ah sim, entendo.

Na realidade eu não havia entendido, mas isto fica entre nós. Preferi manter assim para não incomodá-lo com mais perguntas. Percebi em pouco tempo que os *Guarani* são um tanto reservados. Eu também. Deixei para o tempo, aprenderia com o desenrolar da experiência. Então, durante o *Temazkal*, procurei me recordar deste ensinamento e deixei me envolver pelo canto ao invés de buscar as palavras. Já que tudo acontece em total escuridão, o que resta é recorrer aos outros sentidos mesmo. É uma mistura deles, a audição com os cantos, o olfato com o cheiro da terra e as essências e o tato com a terra e corpos que se tocam e transpiram juntos. A mescla de tudo isto resulta numa sensação incrível, pode não ser magnífica para alguns, mas é única, diferenciada. Momento em que se abre espaço para a avaliação sobre as próprias atitudes. Ensina sobre a importância de olhar os seus atos acerca de você mesmo e sua família. Sobre resgatar forças para assumir uma nova posição na vida, um novo propósito, ou fortalecer o já existente. Imagens e símbolos começaram a surgir em minha mente. Um céu? Uma ave? Cobras? Não sabia bem naquele momento. Mas uma sensação familiar me tocava.

Como na primeira experiência, o próximo passo foi nos dirigirmos à casa de “rezo”. O altar era feito de um elevado de terra em forma de meia-lua, onde posicionavam diversas flores para enfeitá-lo, ao centro foi feita uma estrutura em forma de tartaruga, também com terra. Externamente, foram dispostos alguns objetos, como pedras, ervas para defumação, tambores e maracás. Geraldo, o líder espiritual, estava com seu cocar, e foi ele quem dirigiu todo o ritual. Diferentemente da primeira vez, decidi que ia participar de tudo em pé e dançando, visando observar e sentir cada movimento que aconteceria naquela noite. Algumas pessoas se organizam de forma a se colocarem em círculo em volta da fogueira. As canções iam sendo conduzidas, acompanhadas do som dos tambores e maracás. No início, a música e a dança ainda não tinham tanto significado para mim, não reproduziam nenhum grande sentimento. Em certo momento, perguntei a um dos indígenas o que estava sendo cantado,

para procurar me integrar melhor. Outra vez veio o ensinamento anterior: *São sons que devem apenas ser entoados da forma que você escuta*. Então procurei ouvir atentamente, me arrisquei e aprendi a cantar. Dancei, cantei e me entreguei. Assim, realmente entrei no círculo. Acompanhei-os e me senti parte daquilo. Canções que se encontram com o ritmo através dos corpos presentes na roda, estes por sua vez, se entendem e passam a seguir uma mesma direção. Ora para a direita, ora para a esquerda, ora nos sentimentos. Fui sendo levado. Um êxtase me atingiu. Uma sensação de que, a qualquer momento, minha consciência deixaria meu corpo e um inconsciente desconhecido tomaria conta. Saio do ritmo, passo a dançar com mais energia, sinto formigas subirem pelos pés. Muitas. Sobem meu corpo juntamente com a força que me envolve. Quando parece que vou explodir, caio com um joelho no chão e de cabeça baixa, virado ao fogo. Ele me chama e, obedientemente, dedico minha atenção a ele. Então vejo, ouço e sinto: “*É chegado o momento*”. Após isso desmaio no chão.

Fui acordado por um dos indígenas que haviam organizado suas coisas próximas a mim. Perguntei a ele o que estava acontecendo:

- Você desmaiou na frente da fogueira, então te trouxeram para cá, para se recuperar.
- Estou começando a lembrar. Obrigado!
- Imagina.
- Você é daqui da aldeia mesmo?
- Não, sou da Amazônia.

Instantaneamente meu cérebro fez milhões de sinapses, milhares de conexões. A fala da minha mestra no passado, as sensações da noite, esse encontro. Tudo me levava a uma única conclusão: *Eu tinha que ir para a Amazônia*. Lembrei de todas as vezes na minha vida que sonhei conhecer aquele lugar. Seja vendo documentários na televisão, nas aulas de biologia, e quando ingressei ao exército. Um filme inteiro da minha vida rodou dentro de mim.

- Me diga, por favor. Posso visitar sua aldeia?
- Como assim? Está falando sério?
- Sim! Sempre quis passar por uma experiência como essa, e estou em um projeto de pesquisa que visa cooperar com a questão indígena.

- Entendi. Sem problemas, sou filho do Capitão Geral do meu povo. Quando eu for para lá, vamos juntos. Aliás, como se chama?

- Chamo-me Kaian. E você?
- Sou *Yaguarete*<sup>8</sup>.

## De Volta à Poltrona

*Tornando todo o “antes” próximo a um sonho, uma vaga lembrança, o que parecia tão distante se aproxima. Presente. Sonho vivido. E, afinal, o passado aconteceu em mim? Sinto-me tão diferente adentrando essa outra experiência que toma e guia meu corpo. Quase como se múltiplas existências coexistissem dentro de meu ser. Quando uma fala, as outras se calam. Voz suprimida ante as máscaras que devemos vestir de acordo com o palco que atuamos nesta grande peça. Engolida. Em alguns momentos são vozes sussurrantes, outros são gritos. Berros escancarados dentro da própria alma. Mas calados, suprimidos. Engolidos. São recebidos então pelo estômago. Digeridos. Quebrados em moléculas menores de tristeza? Ansiedade? Raiva? Transformados em combustível ou toxinas. Outra identidade assume agora, resgata toda essa energia de gritos deglutidos e armazenados. Grita para o corpo: “Livre”. Para existir. Viver aos berros, um jeito antes calado de ser. Então sonho e realidade são temporariamente invertidos. Troca-se o agente em movimento... Prazer, Kaian.*

Uma turbulência me fez sair do devaneio, passo daquele mundo que habitam as lembranças para o agora. Volto a olhar para as pessoas e penso se esses rios estão levando todos a reverem as encruzilhadas de suas vidas também. *Yaguarete* mesmo está dormindo, acho que para ele já não é mais novidade tudo isso. Mas é o contrário para mim, vários questionamentos incrementados com algumas convicções passam pela minha mente. Como vim parar aqui? O que esse destino me reserva? Sinto nascer a sensação de que há algo muito especial e transformador me aguardando nessa viagem.

Em poucos minutos chegamos à Manaus. Era alguma segunda-feira do mês de fevereiro de 2018. Incrível como uma cidade tão grande e industrializada pode estar localizada em meio à mata.

Aterrissamos.

---

<sup>8</sup> Sobre os nomes: dentro das aldeias relatadas, os indivíduos são chamados por nomes, na maioria, bíblicos. Nessa narrativa faço uso de palavras do idioma *Sateré-Mawé*, que indicam animais, objetos, posições sociais, entre outras. No entanto, “*Yaguarete*” é o único nome que não faz parte daquela língua. Coloquei-o, pois ao buscar o significado de “onça”, recebi essa indicação. Mas ao fim da construção da narrativa descobri que não se trata de uma palavra *Sateré*. Mas sim, Tupi-guarani. Faz referência a uma figura mítica que mescla homem e onça. Em respeito ao convívio com o personagem durante o processo de escrita, mantive. Apeguei-me a ele.



É a vez de *Yaguarete* me conduzir. Chegamos em cima da hora para pegar o barco que nos levaria até a cidade de Parintins, localizada próxima à fronteira do Amazonas e do Pará, mas conseguimos. O barco estava com os dois andares praticamente lotados, foi difícil encontrar um local para atarmos nossa rede. Acabamos encontrando próximo ao corredor.

- Vamos lá Kaian, coloque sua rede aí nessa extremidade bem alta para que não atrapalhe o corredor.

- Ok! Vou tentar sozinho. Qualquer coisa precisarei da sua ajuda para os nós.

- Não te ensinaram isto no quartel não? – diz *Yaguarete* entre risos.

- Sim, mas há muitos anos. Já não me lembro mais. Outro momento. Quanto tempo dura a viagem?

- Cerca de 18 horas.

- Tudo isso? Vou deixar isso bem amarrado então.

Peguei minha rede e comecei a estudá-la, era diferente das comuns, comprei uma própria para viagens, o que fez todos ao redor me observarem atentamente. Terminei de atar e ao subir, percebi vários olhos atentos na minha direção, como se ansiassem presenciar o turista cair um tombo pela sua engenhoca. Mas felizmente não foi o que houve, deitei agradavelmente em minha rede.

Em certo momento ele me chamou para irmos até a área superior do barco, tida como espaço de lazer. De lá tínhamos uma bela vista do Rio Negro, com a mata transbordando em

suas margens. Estávamos cercados por todo aquele verde.

- Meu amigo, obrigado por essa oportunidade. Acredito ainda não ter perguntado isto, qual grupo indígena seu povo faz parte?

- Nós somos os *Sateré-mawé*.

- Nunca ouvi falar.



É como se fosse um tronco dos *Guarani*?

- Não, somos outra etnia. Com costumes, idioma e crenças diferentes. As pessoas do sul tem o costume de colocar todos os indígenas dentro do *Guarani*.

- Entendi, e vocês praticam rituais com a *ayahuasca* também?

- Não! A *ayahuasca* é utilizada ancestralmente por dois povos amazônicos. Recentemente outros têm incorporado a medicina em seus rituais, como é o caso dos Guaranis. O que fazemos é o *Waymat*, Ritual da Tucandeira. Já ouviu falar?

- Está me dizendo que aquele ritual de dor é do seu povo? Vi na televisão. O apresentador fez e acabou sendo encaminhado para um hospital.

- Aquele mesmo. É responsabilidade dos homens da aldeia realizar este ritual quando completam 12 anos. Depois que iniciam, devem completar 20 vezes para ser considerado realizado.

Vinte vezes. Colocando a mão em uma luva com cerca de duzentas formigas tucandeiras. Fiquei impressionado. É uma tribo de guerreiros mesmo. Ele continuou me dando mais explicações sobre o ritual. Agindo como uma passagem, ele serve para iniciar os meninos na vida adulta, dando força aos seus desejos como homens, seja para se tornar um caçador, guerreiro ou, na maioria dos casos, um marido. Os homens geralmente são escolhidos pelas mulheres através do ritual, as quais observam atentamente aqueles mais fortes, que não choram e não gritam, sendo considerados bons *Sarican*<sup>9</sup>. Essa é a maior motivação para os meninos se aventurarem a passar por tanta dor. Esperam conquistar um amor eterno num momento passageiro. Parece demonstrar também um certo empoderamento da mulher dentro da cultura, estando no seu controle firmar o matrimônio ou não.

Era um mundo completamente novo para mim, minhas dúvidas eram tantas, que eu nem conseguia realmente definir quais eram elas. Mas precisava partir de algum ponto e, posteriormente, abrir meu horizonte. Questionei-o também sobre seu pai ser cacique da aldeia, ao que me explicou que a nomenclatura na verdade é “Capitão Geral”. O pai dele é responsável pelas mais de cem aldeias dispostas ao longo do Rio Andirá e Rio Amaral. A família toda acaba tendo a responsabilidade de atuar como líder da tribo, lutando por suas causas. *Yaguarete* e seus irmãos já entram neste rol também. Por falar em irmãos, fiquei muito empolgado ao saber que um deles é biólogo e atua na educação também, ótima oportunidade para explorar meus interesses de pesquisa.

---

<sup>9</sup> Aquele que coloca suas mãos nas luvas da tucandeira.

*Yaguarete* era uma pessoa de conversa fácil, então tudo foi fluído como o rio que navegávamos. Outra descoberta foi que o *Sateré-Mawé* é uma etnia dividida em vários clãs, na qual, tradicionalmente, cada um tem sua função. O clã *Sateré*<sup>10</sup> é tido como o líder, gavião real são os guerreiros, cobra seriam bons pajés e assim por diante. Mas com o tempo se modificou um pouco este costume, fazendo a tradição migrar e se transformar. Ninguém mais quer dizer que é do clã açai ou do clã guaraná, todos querem ser *Sateré*. Mas os antigos sabem pela linhagem quais são todos os clãs.

Aproveitei para adentrar mais no assunto do ritual.

- Me responda uma pergunta. Você já completou o ritual?
- Já sim, vinte e nove vezes. Pretendo inteirar trinta agora. Quem sabe você já não faz também.
- Então vocês permitem que pessoas de fora da aldeia realizem o ritual também?
- Sim, já tivemos visitantes que realizaram antes.
- Vamos vendo, seria uma experiência e tanto. Se eu sentir que devo fazer, quem sabe.

Vontade com certeza era algo que não faltava em mim. Rituais sempre me atraíram, mas as recordações do apresentador da TV em minha mente, passando mal após o ritual, e um medo passaram a disputar espaço com o desejo. Preferi não pensar muito sobre isso naquele momento. Era desnecessário. Deixaria o tempo fazer sua parte e me mostrar o melhor caminho. Por hora, deitamos em silêncio olhando o céu, estava incrível. O terreno plano favorecia uma ampla visão daquele telhado cheio de estrelas sobre nossas cabeças. Perdi-me por um instante em meio aqueles pontos luminosos, então me dei conta de quanto tempo não fazia aquilo. Era reflexo. Assim como todas aquelas estrelas, eu também era só mais um ponto no Universo. O que de especial temos então? Bilhões de pessoas nesse mundo. Será que realmente temos um propósito aqui? E ele é tão especial assim? Passei a reparar ponto por ponto. Intensidades e tamanhos diferentes, alguns decidiam se unir dentro da minha compreensão e se tornavam um conjunto conectado, fingindo ser alguma forma conhecida. Olhei para uma em especial que havia aprendido a identificar, era Vênus. Fechei meus olhos e me aproximei daquele planeta, então veio a imagem daquela grande esfera vermelha. E não é que com dedicada atenção podemos contemplar a beleza única de cada um? Cada brilho daquele flutuando no universo deve ser único. Pondero ao incidir estes pensamentos em mim. Sim, sou mais um ponto em meio a essa vastidão habitando nosso planeta, mas ao aproximar

---

<sup>10</sup> Lagarta-de-fogo.

a atenção, sou único. *Yaguarete* também. Fiquei imaginando a quantidade de pessoas únicas que encontraria nessa viagem. Não “o índio”, mas sim, o indivíduo da etnia *Sateré-mawé*, descendente de indivíduos com nomes, vivendo ao longo do Rio Andirá, com sua visão de mundo e sua história particular. Em meio aquele rio calmo e distante que eu percorria, adormeci.

Acordei na minha rede. Em algum momento da noite, levantei e fui me deitar. Estávamos ancorando em Parintins.

### Indígenas na Cidade

Já fora do barco, subimos em um moto táxi que nos levaria até a casa em que o pai de *Yaguarete* residia. Encontrei uma casa simples, de concreto mal acabado, tijolos a mostra, tábuas de madeira na janela. Foram os próprios pais dele que abriram a porta para nos receber, um senhor, na casa dos 60 anos de idade, de baixa estatura, nos cumprimentou com grande alegria nos olhos por ver seu filho depois de um ano distante. Antes de qualquer conversa, fomos obrigados a resolver problemas mais urgentes... saciar nossa fome. Cardápio: pão (com formato estranho), margarina e chá de capim cheiroso. Saciados, foi momento de começar alguma conversa. Deixei que conversassem um pouco. O Capitão *Morekuat*<sup>11</sup> falava do desafio que estava enfrentando com o vício em suas aldeias, tido como o problema mais grave:

- Minha preocupação maior é com os jovens. Ih! Está muito difícil. Tem curumins até de 10 anos seguindo esses passos. Desse “tamanhico”. – Fez um gesto com as mãos indicando a altura deles. - Eles veem os pais deles ingerindo e pensam que é normal. É difícil educar os mais velhos, já estão com as ideias feitas demais para deixar que alguém influencie. São cabeça-dura. Mas as crianças não, por isso meu foco seria na educação. “As crianças são o futuro do amanhã”, já dizia meu pai.

Aquilo me espantou muito. Dez anos? É uma situação realmente muito triste, ainda mais para um líder que se importa com seu povo. Assim, aquele outro mundo foi aos poucos se mostrando para mim.

- O que o papai pensa em fazer sobre isso? – pergunta *Yaguarete*.

---

<sup>11</sup> Chefe.

- A primeira e mais populosa aldeia é Ponta Alegre. De lá controlaremos o acesso dos barcos. Não é só álcool o problema, há o transporte ilegal de madeira também. Além da própria venda do guaraná, que os produtores acabam vendendo muito barato na ânsia de obter dinheiro rápido. O apoio dos *Tuxauas*<sup>12</sup> eu já tenho. Das 100 aldeias, apenas três votaram contra, que são as que os próprios líderes estavam envolvidos no vício. O problema é a liderança fraca da grande maioria, ninguém se impõe para resolver os conflitos. Quando há confusões por causa de porre, as lideranças se escondem. Têm medo. Não enfrentam a situação. Desse jeito eles vão se perdendo – responde.

- Penso que o álcool é mais um integrante da família de coisas que entram em determinada sociedade sem que as pessoas estejam realmente preparadas para aquilo. Inocentemente, as pessoas se aventuram e se entregam ao êxtase, pensando estar apenas desfrutando de algo novo vindo do mundo desenvolvido. Mas acabam acorrentadas àquilo, sem a menor ideia de como se soltar ou, na pior das situações, sem a menor ideia do porquê se soltar. Enquanto não há consciência, não há motivos – acrescentei.

Aproveitei para me informar sobre como cumprimentar as pessoas em seu idioma. Ao que me ensinaram.

- Existem expressões diferentes para bom dia, boa tarde e boa noite. Mas para ficar mais fácil para você pode dizer apenas: “*Waku Sese*”. Significa obrigado e tudo bem. Costumamos usar para realizar um cumprimento. Quando te disserem isso responda: “*Waku*” – respondeu-me o Capitão.

Assim seguimos compartilhando ideias. Pude saber mais sobre a história da família deles. *Yaguarete* e seus irmãos fazem parte de uma visão futurista de seu avô paterno, primeiro Capitão Geral dos *Sateré-mawé*. Ao longo de sua vida, percebeu que seu povo nunca seria livre enquanto dependesse dos “brancos” para tudo. Uso esse termo, pois é assim que eles falam, esse é o termo para nos designar, os “não indígenas”. Mas essa é prosa para outro momento. Voltando... O então Capitão França fez questão que seus filhos completassem pelo menos o ensino médio, era na educação que ele depositava suas esperanças. Com os pais cumprindo o papel de esperar que os filhos possam ter mais oportunidade que eles, na próxima linhagem o objetivo foi alcançar a Universidade. Dessa forma, o povo *Sateré* não precisaria mais dos brancos para lhe prestar trabalhos, teriam médicos, professores,

---

<sup>12</sup> Adaptação da palavra *Tu'isá*. Designa o líder da aldeia. Existe um para cada e um geral da área indígena. É uma liderança abaixo do Capitão.

advogados e tantos outros. Seriam independentes. Fiquei admirado com essa ideia. A visão diferenciada que havia ouvido falar do clã *Sateré* começou a ficar mais nítida. Mas todo esse planejamento tinha um preço, seus filhos cresceram todos fora da aldeia, distantes dos conhecimentos ancestrais. Era perceptível que faltava em *Yaguarete* o conhecimento de alguns saberes de seu povo. Mas vontade de um dia retornar e, finalmente viver dentro da reserva, não faltava. Desejava lutar ao lado dos seus com os aprendizados da área do “Direito”, colhidos graças ao convívio com os “brancos”.

Ficaríamos dois dias ainda naquela cidade antes de seguirmos para a área Andirá-Marau.

Por entre rios, casas, urubus e passeios de moto, Parintins me apresentou experiências interessantes. Em uma prima distante de *Yaguarete*, conheci o famoso açaí natural, o qual ouvi falar o trajeto todo. Ele me dizia: “Agora você vai provar do verdadeiro açaí, não aquela coisa com mais farinha do que a própria fruta que servem lá no sul”. Provei e percebi todos os olhos atentos esperando minha reação, expressei aprovação e prazer ao tomar, mas por dentro refletia: *Está aí um alimento que, com uma alquimia culinária, transformamos e melhoramos*. Era amargo e forte, que, misturado a tudo que eu já havia ingerido de diferente no dia, levou-me a intensos incômodos intestinais por algum tempo. Nesta visita, ainda fui surpreendido por uma criança de aproximadamente cinco anos. Ela era filha de uma mulher com idade entre vinte e vinte e cinco anos, essa era mestiça, filha de uma indígena, mas há muito tempo já haviam se mudado para a cidade, buscando estudos e uma vida “melhor”. *Yaguarete* foi mostrar algumas fotos reveladas de seu pai e o cantador *Hat*<sup>13</sup>, nelas os dois estavam de cocar. A menina olhou e, com grande entusiasmo, perguntou: “Mãe, são indígenas de verdade?”. Aquilo movimentou uma série de questionamentos, não era ela uma indígena de verdade, afinal? Sua família nunca havia lhe contado sobre sua linhagem? Ou ela sabia disso tudo, mas considerava índio de verdade só aqueles que usavam cocar? Quem é o índio? Passei a questionar se o índio possui uma identidade única e delimitada e, quais características se unem em torno dela.

Ainda sobrou tempo para visitarmos a irmã do Capitão *Morekuat*, *Win*<sup>14</sup>, casada com o *Gãp*<sup>15</sup>. Uma casa simples, mas que abrigava uma grande família, dentre eles, filhos, netos, e ficava cada vez maior. A cozinha com chão de cimento, mesa e banco de madeira. A tia

---

<sup>13</sup> Caçador.

<sup>14</sup> Mosca.

<sup>15</sup> Caba.

ficava numa das extremidades da mesa mais próxima a uma TV, o tio, na extremidade oposta, concentrado no aparelho. Sentei próximo ao *Gãp*, era um homem sério, mas que falava muito. Minha atenção acabou ficando nele, já que sempre se atravessava nas conversas que a mulher me dirigia. Assim, *Yaguarete* conseguiu dar toda atenção para sua tia. Enquanto ela falava, ralava o famoso guaraná em uma cuia com água, ao terminar tomou três goles e passara ao seu sobrinho. Eu era o próximo:

- Prove, é um costume típico dos *Sateré*. Chama-se *sapo*. Em nossa cultura, nas rodas de conversa, as mulheres ralam o guaraná dentro de uma cuia com água, depois passa de mão em mão, dando três goles cada. Assemelha-se ao chimarrão que costumam tomar lá no sul – diz *Yaguarete*.

Provei. Um pouco amargo e diferente das bebidas com guaraná que eu estava habituado, mas era bom. Sinto-me muito confortável com esses pequenos rituais do dia-a-dia. Sempre olhando em direção à TV, *Gãp* falava do ritual da tucandeira:

- Então *karaiwá*<sup>16</sup>, vai fazer a tucandeira?
- Ainda não decidi, mas vontade não falta.
- Dói muito. Já vi homens duas vezes maiores que você ficarem desse tamanho. – Fez um gesto com a mão indicando uma pessoa muito baixa.
- A dor faz parte, mas morrer não morre não é?
- Não, isso não, nunca ninguém morreu. A formiga fortalece. Depois que terminei o ritual, nunca mais peguei nenhuma doença. Fiz para ganhar a irmã do *Morekuat*. Foi minha motivação para terminar as vinte vezes. Sabe que depois que faz a primeira vez não pode mais desistir? Deve finalizar todo o ritual.
- É mesmo?
- Sim, por isso os pais de nosso povo nunca obrigam seus filhos a meter a mão, pelo contrário, alertam sobre as fortes dores. Mas depois que fazem a primeira vez, os pais são os primeiros a garantirem que os filhos vão até o fim. Nós levamos muito a sério a nossa tradição. Não deixamos que nossos descendentes levem na brincadeira e façam só por curiosidade. Então, vai fazer as vinte? – perguntou-me aos risos, tirando os olhos da TV.
- Posso fazer uma vez por ano? – respondi rindo

---

<sup>16</sup> Estrangeiro.



- Terminando está bom, afinal, você não quer ficar barrigudo não é? Dizem que a formiga engravida quem não termina o ritual. Além disso, pode ter complicações em sua saúde futuramente.

Comecei a ficar apreensivo. Realizar o ritual uma vez é uma coisa, vinte vezes já é uma situação totalmente diferente. Não sei se daria conta. Ainda que realizasse apenas uma vez agora e deixasse as outras para depois, será que teria coragem de voltar? E se realmente os ancestrais me punissem por não terminar? Levava muito a sério estes rituais, não sei se queria carregar este fardo na minha vida. Acredito que deixei transparecer meu receio, pois Lucio ria:

- É rapaz, a Tucandeira não é fácil. Acredito que nós, *Saterés*, temos o ritual mais dolorido de todos os povos. Quer saber como é a dor? Coloque sua mão no fogo, é a mesma coisa, mas com duração de 24 horas. Suas mãos ficam paralisadas por horas, precisando de ajuda para tudo.

Aquele homem parecia ser uma boa fonte de informações. Resolvi deixar que as Tucandeiras ferroassem meus pensamentos depois e migramos de assunto. Ele passou a falar de sua história:

- É... O tempo, senhor, nos arrasta em movimento sem pausa. Passamos por muita coisa já. Graças a Deus construímos algo bom.

- Quando foi que decidiu vir para a cidade?

- Não lembro direito o ano, só de momentos. Era novo ainda, consegui um emprego na FUNAI, aqui em Parintins, era uma ótima oportunidade para uma vida “melhor”. É muito difícil dar educação aos filhos lá nas aldeias. Muito distante, então vim para cá. Hoje meus filhos estão todos formados, um é advogado, inclusive. Assim é.

- Mas você prefere morar aqui ou lá?

- Lá não é? Muito melhor, mais tranquilo. Já sou aposentado, poderia voltar, mas moro aqui para apoiar meus filhos. Cuidamos dos netos enquanto eles vão estudar e trabalhar. Sacrificamo-nos aqui para ajudar nossos parentes de lá. Tem pessoas lá que acham que o mundo é aquele pedaço de terra pequeno que vivem, fazem suas plantações, criam seus filhos, olham o sol nascendo lá e se pondo do outro lado. Acreditam que tudo se resume e acaba ali. São ingênuos e indefesos. Se nós, que somos mais instruídos, não protegemos eles, não podem manter suas vidas tranquilas, já teriam sido obrigados a mudar seus hábitos pela

invasão dos “brancos”. Forçados a encararem essa realidade maior. Eu sofri muito preconceito quando vim para cá, sabia?

- Se hoje existe, imagino naquela época. Foi dos brancos?

- Sim! Os “Brancos”. Brancos que não eram bem brancos na realidade. Falamos assim, pois foi a palavra que acostumamos usar para os outros que não são índios.

- Não entendi.

- As pessoas que mais tiveram preconceito comigo foram os negros, chamamos eles de brancos também. Há muitos vivendo aqui nessa rua, famílias que eram moradoras desde aquela época. Só me chamavam de “índio”, nunca pelo nome. Viviam me mandando voltar para o mato, que aqui não era nosso lugar. Eu não me importava, continuei lutando. Hoje em dia é diferente, acabei conquistando o respeito deles e, acabaram se acostumando.

Enquanto isso, *Win* ralava o *sapo* e falava com seu sobrinho sobre feitiçaria, chamou-me a atenção quando começou a contar sobre as magias que um feiticeiro tinha lhe deixado. Com muito custo cortei a conversa com *Gãp* e me pus a prestar atenção. Por muito tempo da sua vida teve dores intensas nas pernas, que a limitavam muito em seus movimentos. Até que pediu a um pajé para ver sua situação. Ele encontrou, embaixo da casa, um boneco enterrado com marcas nas pernas. Quebrou o feitiço e as pernas dela nunca mais doeram. Fiquei empolgado com mais histórias do tipo que viriam com a viagem.

Enquanto seguia a conversa, recebemos visita. Era sobrinho de *Gãp*, e aparentava possuir a mesma idade que eu e *Yaguarete*. Veio saber se seu tio ia à igreja no dia seguinte. Fui apresentado ao rapaz e ele ficou muito curioso para ver fotos de Florianópolis, local onde ainda possuía interesse em ir estudar. Comecei a mostrar imagens do meu celular. Em certo momento, ele me mostrou uma imagem dele com um uniforme semelhante ao de escoteiros, repleto de medalhas, e disse:

- Orgulho é isso aqui.

- É de escoteiros?

- Parecido, é dos desbravadores. Um programa da Igreja Adventista.

- Você é evangélico então?

- Sim. A Igreja Adventista é forte lá na aldeia também. Titio e titia também são.

Aquilo mexeu e remexeu comigo. Acredito que minha decepção ficou estampada no meu rosto. Passei e vinha repetindo o discurso de: *Os povos indígenas devem ser livres para*

*movimentar sua cultura e suas crenças.* Mas minha paixão pelo místico, pelo oculto fez sentir aquilo como uma traição. Via representantes de religiões por toda parte, tendo viajado para tão longe, queria encontrar outras formas de viver o sagrado. Então insisti nas crenças tradicionais.

- E o que acha sobre as crenças que fazem parte da tradição dos *Sateré*? – perguntei.

- Os tempos mudaram. Acredito que algumas coisas devem morrer.

Quando nos retiramos da residência, aproveitei para questionar *Yaguarete* sobre o que achava da presença de religiões cristãs dentro das aldeias. Ao que me respondeu:

- São livres para acreditar no que desejarem, contanto que as Igrejas sejam conduzidas por indígenas e não por brancos.

- Mas não tem medo que algum dia as crenças tradicionais possam desaparecer com o tempo?

- Não, ainda há pessoas devotas às crenças ancestrais. Acima da nossa vontade e do nosso controle, alguns aspectos de nossa cultura acabam se perdendo. Mas, o ritual da tucandeira, este não se perdeu e nunca irá se perder. As luvas até hoje possuem um mistério que atrai aqueles homens que a olham, seduzindo-os ao desafio.

Em seguida, passamos para visitar o irmão biólogo de *Yaguarete*, que vivia em Parintins com a esposa não indígena, aproveitei para conhecê-lo. Chamava-se *Awyato*<sup>17</sup>. No trajeto tive a surpresa de ver uma quantidade enorme de urubus nas ruas, revirando lixo e disputando comida com cachorros. Involuntariamente, sem pistas de direção da vinda, aquilo que meus olhos enxergavam foram compreendidos como um sinal. Era um símbolo ativando sentimentos e novas direções. Lembrei-me dos ensinamentos “xamânicos” sobre os “animais de poder”, os quais representam espíritos dotados por alguma sabedoria. Fazendo uso dessa forma de pensamento, os urubus são seres que se alimentam de carniça, consomem o que os outros não abandonam, realizando a “limpeza” do que já está morto. Sim, tive essa convicção, aqueles seres que se apresentavam para mim, ou que eu era apresentado a eles, conduziam-me a uma limpeza. Algo já estava morto e necessitava ser ingerido e transformado.

Chegando à casa de *Awyato*, achei interessante o fato de ter uma rede montada no meio da sala. Era um costume muito presente na região, principalmente entre os indígenas. Mesmo mudando para a cidade, não conseguiam se habituar às camas. Eu mesmo pensei que

---

<sup>17</sup> Onça.

seria desconfortável, mas não tive o mínimo de desconforto. *Yaguarete* deixou-nos conversando a sós. Ele já era formado em biologia e acabara de ser aprovado no mestrado, tanto em Parintins, como em Manaus, eis o novo conflito da sua vida, tomar essa decisão. Honrando as características ancestrais do seu clã, era mais uma pessoa de boa conversa. Levamo-nos ao tema Educação Indígena. Despertou-me para o fato dessa ramificação da educação brasileira ainda não ser bem definida. Afinal, como ia ser? Em meio a tantas etnias, com tantos saberes e culturas diferentes, é possível criar uma única forma própria de educar indígenas? Há certas dúvidas em como proceder nas escolas que se localizam dentro das aldeias, em como sistematizar e equilibrar o conhecimento do “branco” e do indígena.

Outra reflexão que me tomou foi em relação às identidades indígenas. Minhas conexões passaram pela questão dos clãs, a religião e escolarização. Afinal, o próprio desligamento da cultura ancestral dos clãs já não demonstra uma soltura dos saberes da própria etnia? A religião não acaba reforçando esse afastamento. Que portal será que foi esse que o álcool utilizou para adentrar nesse meio? Uma porta que, antes de tudo, está aberta para a comunidade como um todo e não no indivíduo, pois se trata de um hábito compartilhado. Afetando a vida de tantos integrantes de forma tão avassaladora. Apostaria que todos esses campos estão conectados, expondo fragilidades e vulnerabilidades, carentes de acolhimento. Mas a viagem estava apenas começando, tinha muito ainda a observar e aprender.

À noite, armamos nossa rede na sala. Estava chegando o grande momento. *Eu estava preste a entrar numa reserva indígena na Amazônia*. Enquanto minha rede balançava, meus pensamentos embalavam-se junto a ela. Que mundo eu iria conhecer? Ou que mundos? Será que seria muito diferente do nosso? Queria ver habitações tradicionais, rituais, provar substâncias diferentes e de valores culturais enormes, ouvir histórias sobre os tempos antigos. Mas será que eu conseguiria? Afinal, depois de tudo que eu ouvi, muito do “branco” havia se infiltrado na cultura indígena.

*“Esse “Outro” chamado de “branco””.*

Ainda me incomodo com esse termo, mas é desta forma que nos reconhecem aqui. Antes de 1.500 haviam diferentes “Outro”. Tribos vizinhas. Aliados e inimigos. Com o tempo, fomos assumindo e monopolizando essa destacável posição na cultura dos “povos originários”. Gosto desta forma de falar, mas eles não adotam. Intitulam-se como “indígenas”. “Índio” é outra palavra que todos utilizam. De tanto falarmos que eles são índios, acreditaram

e incorporaram. Vestiram-se. Que subjetividades podemos encontrar em palavras que aparentemente não passam de uma característica do dialeto e nada mais? Observo que não há um questionamento sobre a origem do termo, em como o “branco” usou-o para simplificá-los em apenas um grupo, diminuindo a diversidade étnica. Continuo a refletir. Meus pensamentos já não estão mais naquela sala. O balanço da rede os jogou para longe. Navego em outros rios, talvez mares e oceanos. Afundo-me. Encontro outros caminhos. Afinal, não lutam todos juntos? O que era um termo para, de forma preconceituosa, reunir os povos em uma só identidade e conjunto de características, está sendo usado como matéria prima para a luta. Lembro-me de um texto que li de Daniel Munduruku<sup>18</sup>. A ressignificação da palavra se torna importante ferramenta para o movimento assumir uma identidade nacional. Lógico, agora eles se unem em torno desse termo para construírem um grupo maior e, conseqüentemente, mais forte. Não com características preconceituosas, mas sim de comunidades de seres humanos que lutam pelo seu direito de continuar existindo como bem entenderem. Então, mesmo com os incômodos ao pronunciar tais palavras, continuarei usando para me adequar à realidade deles.

Acordei cedo para ir ao banheiro. Era aos fundos da casa, na parte externa. Outra coisa impressionantemente simples, sem nenhum luxo na construção. Lá fora estava uma mulher que vivia na casa. Os pais de *Yaguarete* eram muito caridosos com as pessoas da aldeia. Viviam no limite. Sua mãe morava na cidade para cuidar da filha mais nova e também desta mulher e sua filha. Depois de compartilhar algumas garrafas de álcool, foi vítima de estupro. Então a decisão foi afastá-la da aldeia e ajudar a criança ir para a escola. Ao abrir a porta, a menina, cerca de três anos de idade, já veio correndo para os meus braços. Elas não param. Sempre carinhosas e mantendo aquele calor em seu jeito de ser. Após isso, tomamos café e fizemos os preparativos para partir.

Atenção! Se for viajar para Parintins, cuidado com a água e evite misturar açaí, cupuaçu, hambúrguer e suco de goiaba. Tive fortes incômodos gastrointestinais (para não dizer outras palavras) logo ao acordar. *Morekuat* saiu três vezes naquela manhã com sua bicicleta com o intuito de comprar remédios para mim. Nada adiantou, ao que ele dizia: “Calma, vamos chegar na aldeia e darei uns chás realmente bons para você”. Na preparação só consegui juntar meus pertences. O Capitão preparava tudo. Sim, o chefe de mais de cem aldeias estava preparando toda a minha viagem. Eu ficava mais impressionado a cada

---

<sup>18</sup> Munduruku, Daniel. “O caráter educativo do movimento indígena brasileiro (1970-1990) – São Paulo: Paulinas, 2012. – (Coleção educação em foco. Série educação, história e cultura).

momento com a humildade daquele homem. Partimos no início da tarde em uma lancha até Barreirinha, município mais próximo da reserva.

- Barreirinha é praticamente uma cidade habitada por índios. Muitos se mudam para lá ou mandam seus filhos para estudar. Já tivemos até um prefeito indígena.

Era interessante o assunto, mas eu estava tão mal que não consegui responder o suficiente para a conversa ir além daquele comentário. Talvez eu tenha interpretado mal a mensagem do urubu. Pois naquele momento não eram emoções que estavam mortas dentro de mim.

Em duas horas chegamos à Barreirinha. Compramos os alimentos para levar para a aldeia e assim, finalmente, começamos o último trecho da viagem. Era um barco simples de um dos moradores. O primeiro passo foi atar as redes, pois seriam mais seis horas de viagem. Por um momento até esqueci-me do mal estar. Estava adentrando a Amazônia, isso já bastava. Talvez me exceda um pouco ao expressar repetidas vezes meu sentimento de estar invadindo esse espaço, mas perdoe-me, é um sonho muito bem alimentado por muito tempo. É de criança. Sonho de criança é velho, tem muita idade. Cansa de esperar se a realização demora muito para acontecer. Senta na cadeira da varanda e balança, balança. Desacreditado. Olha aquilo como algo distante, beirando o inalcançável. Mas eu cheguei Senhor Velho. Estou aqui. Hora de levantar da cadeira e andar. Chega de observar, é preciso viver. A força voltava a mim. Estava orgulhoso, entusiasmado. Mesmo que todas as minhas expectativas desmoronassem, aquilo já preenchia um vazio que eu nem sabia que existia. Só estando cheio é que percebia que havia espaço livre em algum lugar aqui nesse ser. Agora navegava em um rio parecido com aqueles que eu via da janela do avião. Para onde será que iria me levar?

## **O Sonho em Existência**

Findou-se a quinta-feira e era o começo de sexta. Neste dia, nem a lua e nem as estrelas nos prestigiavam com sua presença. Foram lanternas que nos ajudaram encontrar a casa. Carregamos tudo. Malas, comida, água, caixas. Era uma casa de dois cômodos feita de alvenaria e madeira. O banheiro ficava do lado de fora, separado, e era de alvenaria também. Havia uma cama em um cômodo, que por sinal, ninguém usava, fiquei tentado a desenferrujá-la, mas devia ter tantos ácaros que minha rede tornava-se a melhor opção mesmo. Com tudo arrumado, chegou o momento de deitar. Era isso. Estava lá, na aldeia de Ponta Alegre dos

*Sateré-Mawé*, de corpo, matéria e espírito presentes. Meu ser inteiro comparecia àquele grande marco temporal da minha história. Independente de tudo, havia chegado seguindo meu coração. Contra todas as desaprovações e opiniões que consideravam aquilo impossível. Um mochileiro, viajante, caminhante, andarilho. Banho-me e enxaguo naquele caminho que a vida me dava de presente. Queria experimentar-me, sem pressões, sem pessoas me olhando, me dizendo consciente e inconscientemente o que eu deveria fazer. Digo isso, pois por muitas vezes elas não sabem o que estão fazendo, mas eu sinto o incômodo chegar. Por essa razão, busco escapar da própria teia que teci e me enrosquei, em busca de novas possibilidades. Longe do Tenente Pereira em meio aos seus pares militares e dos cientistas com seus pensamentos lineares. Longe das concepções da família, dos amigos e do próprio Pereira. Afasto-me. Acredito que desta vez fui bem longe, talvez encontre algo transformador.

Sonhei que estava na própria casa que dormia e havia ganhado um ovo. Ele era grande. Maior do que o de um avestruz. Nunca vi um, mas deve ser grande. Havia recebido de um espírito da floresta. Mas em algum momento ele teria que voltar para a mata e retornaria com o meu presente. Foi o que aconteceu, um dia acordei e havia sumido. Por muitos dias fiquei esperando, então comecei a perguntar para o Seu *Morekuat* se ele realmente viria, ao que respondia: “*Sim! Demorava, mas sempre aparecia*”. Depois de muitos outros dias, até ele estava apreensivo dizendo: “*Eu queria tanto ver também*”. Assim é a vida, tudo ao seu tempo. Com calma e esperança mantida. Certo dia chegou. Era uma indiazinha de uns seis anos de idade. Vinha da floresta me trazer uma mensagem, mas nada disse. Foi assim que acordei.

Engraçado como há noites que parecem que simplesmente piscamos e passou, enquanto outras são repletas de sonhos que nos permitem memorizar cada detalhe. Lembro-me de cada traço do rosto daquela menina, e a espera pareceu verdadeira. Sonhos que permanecem encravados em nossa memória são, quem sabe, os que a psique realmente quer que lembremos. Algum tipo de mensagem. A menina era a própria mensagem. Mais uma criança me ensinando.

No café comemos alguns biscoitos que compramos em Barreirinha. Não me cobraram nada pela estadia, mas a comida ficou por minha conta. Naquele primeiro dia ficaríamos na própria Ponta Alegre, enquanto que nos próximos dias visitaríamos aldeias vizinhas. Com a luz do sol pude ter uma ideia melhor da aldeia, era um complexo de casas de alvenaria e madeira na beira do Rio Andirá, um grande rio por sinal. Para minha sorte, a casa possuía vista direta para ele. Por causa dos altos níveis que o rio pode chegar em épocas de chuva, as



casas mantinham certa distância. Perto do rio havia apenas um campo de futebol de terra. Compondo a paisagem, algumas mulheres lavavam suas roupas em mesas de madeira no rio. Primeira “obrigação do dia” foi tomar um banho de rio. Momento de lavar e purificar corpo e espírito. Tornei aquele um ato sagrado. Após solicitar permissão àquele rio com muito mais história do que eu... adentrei. A água era escura e relativamente transparente comparada a outros rios da Amazônia, a visibilidade chegava a aproximadamente um metro e meio. Tenho que dizer que nunca me dei muito bem com o mar, mas com os rios já é totalmente o contrário. Fechei os olhos para aguçar a audição. Algumas aves, o vento fazendo as folhas das árvores dançarem e alguns contagiantes risos de crianças brincando de pular de uma canoa na água. Abri os olhos e, um pouco mais distante, vi um menino de aproximadamente dez anos remando só, aproximei-me nadando.

- Bom dia garoto, aonde vai?
- Vou colher amapá. Quer ir comigo?
- É longe?
- Não, logo ali onde o igarapé deságua no rio.
- Então vamos lá.

Subi na canoa e o garoto dirigiu-a para nosso destino. Ancoramos e fomos em direção às árvores. Ele subia nelas e eu pegava as frutas que caíam. Queria eu ser garoto novamente para subir com ele, as árvores e seus galhos não eram muito resistentes. Comemos várias frutas. Ele era bem receptivo, mas não era muito de conversa. Na volta, me deixou remar, obviamente eu não tinha a mesma capacidade de controle. Desviei de algumas árvores no momento da batida e perdi-me algumas vezes para a direita e outras para a esquerda, mas chegamos. *Yaguarete* já me esperava para irmos almoçar, seu pai já estava nos aguardando. Ele era muito preocupado com os horários.

O almoço foi na casa vizinha, da família do *Warana*<sup>19</sup> e da *Wasa'i*<sup>20</sup>. Entregamos um de nossos frangos e a mulher cozinhou nossa comida. Assim comemos todos juntos. Possuem cinco filhos, o mais velho de dezessete e o mais novo com dois. Ainda duas meninas entre doze e quatorze anos e um garoto com seis anos. Logo que chegamos, o Capitão me apresentou como sendo militar e estudante de biologia. Percebi que frequentemente a expressão deles mudava na parte do Exército. Demonstravam certa admiração pelas forças

---

<sup>19</sup> Guaraná

<sup>20</sup> Açai

militares. O Capitão já havia me contado histórias sobre apoios recebidos do Exército e da Polícia Federal naquelas áreas para expulsar barcas de garimpo. Tinha muito orgulho de ter afastado esse problema da sua aldeia. Na mesa, a farinha já chamava minha atenção. Desde Manaus, ela estava em todas as refeições nos lugares que havíamos passado até então. Tentei comer algumas vezes, mas estava vendo que ia quebrar meus dentes a qualquer momento, então desisti.

- Então, o Kaian veio lá do sul conhecer os *Sateré-Mawé*? – perguntou *Warana*.

- Pois é! Realizando um sonho de conhecer um pedaço da Amazônia – respondi.

- Você não tem medo de vir passar um tempo em meio aos índios não? Imagino que o branco deve achar que assamos os brancos que chegam aqui – disse *Warana* entre risos.

- Olha, muitos me fizeram essa mesma pergunta. Meus pais também ficaram muito preocupados, ainda mais quando comentei do Ritual da Tucandeira. Mas sempre nutri uma vontade muito grande de passar por uma experiência como essa. Então, não existe medo que iria me impedir de vir até aqui.

- O Kaian é candidato a *sarican*, *Warana* – disse *Yaguarete*.

- Meu deus rapaz! Não faz isso com sua vida, dói demais – alertou-me.

- O *Warana* conseguiu escapar – Disse *Wasa'i*.

- Sou índio, *Sateré-Mawé* puro, mas não botei e nunca vou botar as mãos naquelas luvas. – contestou *Warana*.

- Achei que você ia ser minha dupla. – Eu falei entre risos.

- Mas *karaiwá*, não me jogue essa praga não, me deixa tranquilo aqui pescando meu peixe e cuidando da minha roça. Aquilo dói demais. Meu filho tinha uma grande vontade de meter, a gente conseguiu convencê-lo a desistir com muito custo. Se for colocar mesmo, não vamos querer perder de ver o tenente ficar miúdo.

- Vontade não falta *Warana*, mas tenho ouvido mais conselhos negativos do que positivos, não sei se encaro não.

Continuamos falando de outros assuntos até o fim do almoço. Mais uma vez estava sendo muito bem tratado. Já podia ver laços sendo tecidos com aquela família. Mesmo já tendo recebido outros visitantes, os olhos das crianças ainda exprimiam curiosidade com o meu surgimento. Para elas eu era um estrangeiro, que vêm de uma distância que ainda nem conseguem compreender. O garoto de seis anos foi o que mais se apegou a mim. Chamava-se

*Hywt*<sup>21</sup>. Vivia me perseguindo com seus olhos, assim como o animal que seu nome significava.

Passamos o dia andando, conhecendo a aldeia e algumas famílias. O lugar era maior do que eu imaginava. Cheguei a me perder. Sério, acreditem, não foi na mata. Perdi-me entre as habitações. Havia vendas, mais um campo de futebol, colégio e pude contar uma igreja católica e três igrejas evangélicas. Perguntei ao Capitão, em que momento o cristianismo havia conseguido entrar no seio dos *Sateré*.

- Faz tanto tempo que já nem me lembro. Quando eu era novo meu pai já era cristão, fui inclusive batizado. Quando a verdade chegou, já não éramos inocentes como nossos parentes antigos. Era uma escolha a se fazer, Deus se apresentava para nós, tínhamos que segui-lo ou nosso destino seria o inferno. Então, aos poucos, fomos deixando de lado aquelas histórias.

Decepcionei-me tanto que preferi dar o assunto como encerrado. Fiz bem em controlar minhas expectativas e deixar um pouquinho o pé no chão. Sabia que isso tinha grandes chances de acontecer, só não esperava que fosse tão forte. Naquela e em outras aldeias próximas parecia não haver mais pessoas que acreditavam nas crenças antigas. Para piorar, diferentes evangélicos e católicos existiam na mesma aldeia. Coexistindo entre apenas cem famílias.

As refeições foram feitas novamente na mesma casa. Acolhimento, risos calorosos, histórias.

Ao deitar, fiquei pensando no ritual. Valia mesmo a pena passar por tamanha dor? Por outro lado, pelo que eu já tinha conseguido observar, era minha melhor e única chance de experimentar algo realmente tradicional daquele povo. No entanto, alguns medos povoavam meus sentimentos. Entre eles, estava não suportar a dor ou brincar com algo sério daquelas pessoas. Não queria realizar o ritual apenas uma vez por curiosidade. Penso que preferia guardar um momento em que estaria mais preparado e fosse realizar as vinte vezes de uma vez, do jeito que devia ser. Mantendo as dietas de alimento e sexo como devia ser. Essa alma libriana me afligiu com dúvidas por muitas horas. Já era difícil me equilibrar em cima daquele muro, imaginem dormir nele. Acabei levando muito tempo para adormecer, sem definir meu destino.

---

<sup>21</sup> Gavião

## Falece o Sonho

Chegava o final de semana, mas para mim estava como todos os outros dias. Naquela data, faríamos visitas a outras aldeias. Levantei cedo, pois queria conversar com o rio sobre minhas dúvidas. Acreditava que sentindo o espaço em que eu estava, viria a coragem para saltar daquele muro e mergulhar no acalento da decisão. Sentei na beirada, olhei o horizonte, inspirei e expirei três vezes, então fechei os olhos. Adentrei com minha mente naquelas águas. Estava tudo escuro. Ao invés da calmaria de um rio, era medo e tensão que surgiam. Dominavam. Não desisti, continuei indo cada vez mais fundo. Até que cheguei a um portão velho de um mausoléu. A cena característica de um lugar sombrio e abandonado. O lugar estava coberto por neblina, árvores mortas, despidas de suas folhas e plantas daninhas espalhando-se, dominando calçadas e muros. Pouco antes da escada que entrava no local, um menino de aproximadamente sete anos estava sentado de costas para mim. Fazia um movimento indo para frente e para trás. Embalado pelo seu choro e pela frase que repetia sem parar: “*eu preciso, eu preciso, eu preciso...*”. Era triste, sólido, pesado. Era neblina, planta daninha. Era a própria força daquela paisagem toda. Tentei conversar, mas não obtive nenhuma resposta. Balancei-o, sacudi, mas ele não parava, não reagia. Então gritei desesperadamente para ele acordar. Berrei com força, raiva e tristeza. Ele continuou sem se mexer, na verdade, quem balançou fui eu. O chão ruiu e eu despenquei. Sob queda livre, caí em meio às ruínas das minhas lembranças da infância e da adolescência, nas quais eu repetia inconscientemente para mim mesmo aquelas palavras daquele garoto. Precisei fazer muitas coisas na vida que me afastaram da minha essência e verdade espiritual. Agora eu via... Por fora, Kaian e Tenente Pereira eram sólidos, estáveis e centrados. Mas por dentro, despencavam. Mais e mais. Sem controle, ultrapassei os limites do tempo e da própria vida. Já não estava mais naquele corpo. Por um momento havia parado e estava brincando na beira de um rio com vários amigos. A felicidade que eu expressava era muito maior do que havia experimentado em toda minha vida. Logo compreendi, era uma vida passada, outra existência, na qual fui uma criança indígena, um *Sateré-mawé* com cerca de dez anos. Sem que eu percebesse, a visão me transportou para um momento em que eu estava muito distante da beirada. Um desespero tomou conta do meu coração, um sufoco invadiu meus pulmões. Minha alegria foi toda para o fundo daquele rio. Morri afogado naquele lugar com uma extrema raiva e incompreensão do porquê haviam levado minha vida em um momento de tanta alegria. O garoto ficou ali, sozinho, chorando. Quem reencarnou nesse corpo foram

somente as descrenças mesmo. Compreendi meu propósito ali. Era resgatar aquele grande pedaço do meu ser aprisionado. Estava no mausoléu novamente. Pensei que agora que havia entendido tudo conseguiria falar com aquele garoto. Mas não foi o que aconteceu. Ainda estava ali, repetindo a mesma frase e os mesmos movimentos: *eu preciso, eu preciso, eu preciso....* Era extremamente forte. Foi então que outra mensagem surgiu como um lampejo em minha mente. Tudo acontecia como lembranças de qualquer outro momento de vida meu. Aquele garoto estava quase na idade de realizar o Ritual da Tucandeira. Era seu sonho. Morreu sem poder mostrar o seu valor e sem conquistar o respeito de sua tribo. Não pôde seguir os passos de seus heróis. Desprovido da honra de ser um dos guerreiros de seu povo. Falece o sonho, falece a vontade de “vida”. Só assim iria acordá-lo, somente em meio a dor do ritual iria fazê-lo levantar e me acompanhar no resto da minha jornada. Voltei para a dimensão física com uma profunda certeza: Eu ia fazer o ritual.

Retornei para casa. O Capitão já havia emprestado uma rabeta<sup>22</sup>. Foi quando falei para ele que iria fazer o ritual.

- Tem certeza?

- Tenho

- Está bem.

Continuou organizando as coisas da viagem. Embarcamos e seguimos subindo o rio, em direção às aldeias mais distantes. Íamos visitar Sapucaia. *Morekuat* ia guiando a rabeta. No caminho falava sobre os problemas da aldeia e seus planos para melhorar a situação.

- Percebo que um dos problemas está ligado à falta de liderança dos *Tuxauas*. Quando estou na aldeia, estas situações não ocorrem. Já quando saio, não tem ninguém para bater de frente com o pessoal da algazarra. Não tem ninguém que assuma a postura de líder e separe as brigas ou promova atividades que mostrem os prejuízos do álcool e da violência na vida das pessoas – disse o Capitão.

- O que o senhor pensa em fazer? – perguntou seu filho.

- Praticamente todas as lideranças aprovaram minhas intenções, agora farei uma força tarefa para fiscalizar a entrada de barcos na área. Faremos cumprir a lei, penso até em criar um uniforme para essas pessoas que farão parte deste grupo. “Os Amigos da Floresta” – falou muito orgulhoso.

---

<sup>22</sup> Refere-se a uma canoa com motor.

- Então desta vez darei uma palestra em Ponta Alegre sobre leis, direitos e deveres dos indígenas perante a constituição. Assim, ficarão sabendo que levar álcool para reserva é proibido por lei. Estando avisados, começaremos a cobrar – disse *Yaguarete*, assumindo sua posição de futuro líder.

- Sim, é muito importante mesmo. Complicado é que eles já não estão mais tomando cachaça ou vodka. Tomam álcool puro mesmo, o que não é proibido – refutou seu pai.

- Álcool? Eles não sabem que isso não é feito para se tomar? – indaguei perplexo.

- Sabem, mas não compreendem os riscos. Quando se fala que é prejudicial, absorvem uma migalha muito pequena das consequências, é quase como se não houvesse perda para eles. Temos médicos e *Tuxauas* que não fazem propagandas mais eficazes.

Enquanto refletia, coloquei a mão dentro da água e perdi-me por um instante naquele rio. Ele me enfeitiçava. Era nítido. Parecia haver algo de mágico naquele espelho de águas negras.



Chegamos à Sapucaia. Duas crianças de cerca de cinco anos lavavam roupas na beirada. Um rapaz e uma menina. Ficaram paralisados quando nos viram chegando. *Morekuat* chegou falando no idioma *Sateré* com eles.

- Aqui poucas pessoas sabem falar português, é uma aldeia mais tradicional.

Aquilo me empolgou. Subimos uma trilha que tinha algumas árvores. No caminho havia um senhor realizando teçume embaixo de uma árvore. O Capitão combinou de almoçar em sua casa depois que visitasse o restante da comunidade. A casa deles ficava logo mais adiante, deixou o frango com a esposa do homem e fomos caminhar.

- Aquele é o *Tuxaua* da aldeia? – perguntei.

- Não, o *tuxaua* de Sapucaia é seu irmão mais novo. Ele se recusou a assumir o posto, então pela linhagem passou para seu irmão. No entanto, o costume é que eu fale com o irmão mais velho, mesmo não assumindo realmente o cargo.

- Entendi. E as mulheres não assumem cargos de liderança?

- Não é proibido, mas é muito difícil acontecer. Pela tendência da tradição, as irmãs mais velhas acabam recusando. No entanto, é uma mulher que guarda nosso bem mais precioso, o Porantim, que é um pedaço de madeira lapidado com a história dos clãs e nossas leis entalhadas. Apenas a linhagem principal dos *Saterés* pode vê-lo. É extremamente sagrado para nosso povo e atualmente temos uma mulher que o guarda. Só que esse Porantim que temos hoje em dia não é o verdadeiro. Alguns séculos atrás a Áustria nos roubou e agora expõem em um museu. Como podem fazer isso se ainda estamos vivos? Deveriam nos devolver. Levaram para outro continente a base da nossa estrutura social – disse o Capitão.

Mais um artefato que pode ter colaborado com a grande invasão de outras religiões e culturas. Sendo aquilo considerado tão importante e poderoso para aquele povo, perco-me imaginando o quanto deve ter sido motivo para apatia e perda de fé quando lhes foi arrancado.

Esta aldeia era muito diferente da outra, mais arborizada e as habitações mais distantes umas das outras. Somente trilhas levavam de um lugar ao outro, nada de ruas. Havia apenas casas de palha, e os únicos que se comunicavam em português eram os líderes. Continuamos andando. Chegamos a uma área destinada à produção de farinha, chamada por eles de cozinha. Lá estavam várias representantes femininas de uma família trabalhando juntas. Avó, mães, irmãs, netas. Algumas crianças ajudavam, outras brincavam próximas ao local com o rosto pintado. Ficaram muito alegres com a nossa visita. Comecei a perceber que os *Saterémawé* não tratavam os “brancos” com desconfiança como os *Guarani*. As pessoas sempre mostravam certa empolgação quando eu aparecia.











As casas seguiam um padrão também. Eram cabanas, feitas de palha, com apenas um cômodo, onde dormem os pais e os filhos e os pertences são guardados. Do lado de fora se estende uma cobertura e ali fazem as refeições, tarefas diversas e conversam. Todas eram feitas assim. Percebi uma vida extremamente simples, pelo menos aos meus olhos. Lembro-me do lócus em que cresci, lugar onde agora, de tantos movimentos, está mais perto de ser considerado um “deslócus”. Cada novo reencontro com nossas lembranças nos leva a um novo “compreender”.



Seguimos... Era uma zona rural de uma cidadezinha do interior. Sem internet, sem telefone. Pensando bem, não era muito diferente da vida dos moradores de Ponta Alegre. Agora volto mais no tempo. Sempre quero mais. Meu pai não possuía nem televisão. A vida de meus avós era cuidar da roça e criar os filhos. Sim, compreendo. Pelo jeito não precisei ir muito longe para entender que a rotina daquele povo não fugia muito do que eu tinha convivido quando criança. A frase dita tantas vezes pelo *Gãp* se encaixaria bem nesse momento: “É o tempo”. Ele avassala nossas vidas em um fluxo corrente sem deixar que tomemos consciência. Quando damos conta ele passou, os hábitos mudaram, já estamos compartilhando nossos prazeres com novos elementos considerados indispensáveis para o nosso viver. No entanto, essas outras visões de mundo nos abrem passagens a variados

caminhos possíveis. Na tangente. No teto. No solo. Debaixo do tapete. Em nossas lembranças. Os acessos podem estar pelos lugares mais inesperados. Começo a acreditar que nossa única dependência para chegarmos perto da tão falada felicidade é o convívio saudável com outras pessoas, com nós mesmos e o mundo que nos cerca, seja ele qual for. Respeitando os limites do outro e, não menos importante, nossos próprios.

Chegada a hora do almoço. Frango novamente. Pensei que fosse comer algo diferente a cada dia, mas pelo visto não seria a alimentação minha grande experiência nessa viagem. Minha lua em touro chorava de decepção. O assunto inicial foi meu ritual, caçoavam desdenhando da minha decisão, ninguém parecia acreditar realmente que eu faria.

- Quer fazer mesmo o ritual? – perguntou-me o Capitão.

- Sim, estou decidido.

O Capitão aproveitou para expor seus planos. Deu a palavra para *Yaguarete* falar um pouco também. O qual expôs o que cabia à sua área de atuação, o direito. Comentou sobre seu nobre desejo de voltar futuramente como advogado para ajudar os *Sateré*. Falou um pouco dos deveres do indígena com relação ao álcool e ao contrabando ilegal de madeira e outros artefatos da floresta. Sabia conduzir as palavras e deixou o assunto muito bem exposto.

Passamos ainda em outra aldeia, que girou em torno do mesmo assunto, apresentar as propostas. Dessa vez fui forçado a participar também.

- Bom. Curso biologia na Universidade Federal de Santa Catarina. Lá no sul do país. Mas meu interesse é dirigido para a educação. Junto a isso, sempre me interessei pelas culturas indígenas, o que me levou a estar aqui neste momento. Acho-as maravilhosas. Isso fez com que voltasse meu projeto de pesquisa final do curso para este tema. Espero contribuir de alguma forma para diminuir o preconceito do “branco” que infelizmente ainda existe.

O *tuxaua* não era um membro do clã *Sateré* e claramente não possuía a mesma desenvoltura no diálogo. Mas as minhas palavras e de *Yaguarete* deram um choque de ânimo no homem.

- É bom ver que temos aliados “brancos” e lideranças nossas adquirindo conhecimento para fortalecer nossa causa. Nosso povo precisa de esperança, dar valor aos seus costumes, ao artesanato, ao ritual. Seguimos na luta.

Voltamos para Ponta Alegre ao final da tarde. O cansaço da viagem nos fez dormir cedo. Aproveitamos para descansar, no dia seguinte conheceríamos a aldeia Molongotuba, localizada à duas horas de rabeta da aldeia que nos abrigava.

No dia seguinte fui despertado às seis da manhã. Pela distância que percorreríamos, tínhamos que ir cedo. Foi mais uma oportunidade de viajar naquelas águas estonteantes, que não cansavam de atrair as minhas atenções mais profundas.

- Capitão, é possível eu fazer o ritual em uma aldeia mais distante, como essa que iremos hoje? – perguntei.

- Então você vai fazer o ritual mesmo? – Num tanto sarcástico. – É possível sim.

Seria um momento marcante da minha jornada, não queria que fosse na aldeia de Ponta Alegre, onde a mescla da cultura *Sateré* com a “branca” era marcante. Podíamos ver as marcas na construção das casas, no idioma principal falado, nas crenças e a lista aumenta. Um local menos transformado por outras culturas não-indígenas me proporcionaria mais conexão para cumprir meu objetivo de pesquisa que é viver experiências formativas junto a comunidades indígenas.

*Molongotuba* ou *Molongol*, era uma aldeia situada no alto de uma encosta. Do rio, só conseguíamos enxergar a escola e a caixa d’água. Desembarcamos e subimos a encosta, tinha uma bela vista lá de cima. Ao subir, algumas casas espaças se apresentavam na minha visão. Havia o barracão, local onde era realizado o ritual da tucandeira e uma igreja católica, sempre localizada em local privilegiado dentro das aldeias. Enquanto o *Tuxaua* não chegava, eu e *Yaguarete* fomos ver a missa que estava tendo.

Seguimos até a casa do *Tuxaua*, ele se chamava *Awyky*<sup>23</sup>. Cumprimentou-nos calorosamente, estava acompanhado do seu irmão e outros membros da comunidade. A conversa seguiu seu curso em torno das mesmas questões políticas. Álcool, violência e fiscalização. *Yaguarete* apresentou seus planos. Eu falei um pouco sobre minha história, meus estudos e ressalttei a necessidade de valorização da cultura indígena na educação das crianças. *Awyky* era notavelmente mais comunicativo que outras lideranças que já havíamos conhecido e ficou muito empolgado com tudo que dizíamos.

---

<sup>23</sup> Espécie de primata.





- Sabe que eu já tive muitos problemas com o alcoolismo também? Mas Deus me mostrou o caminho correto. Constantemente tento mostrar essa verdade que conheci para meus parentes que se perdem naquela mesma ilusão. Isso não leva a nada, hoje sou muito mais feliz. Então Capitão, pode ter certeza que terá meu apoio. *Karaiwá*, vejo que você tem uma câmera, deve entender um pouco disto, a minha está com defeito, pode dar uma olhada?

Olhei, manuseei, apertei botões, mas nada funcionou.

- Que pena que não conseguiu. Tenho uma banda de música aqui e frequentemente fazemos umas apresentações na aldeia e gosto de fazer registros – disse o *Tuxaua*.

- Que interessante! Cantam no idioma nativo da aldeia? – Indaguei.

- Sim, em *Sateré-Mawé*. Vou ver como está o almoço e já retorno.

Enquanto ele estava fora, o Capitão aproveitou para falar comigo.

- Pois bem *Karaiwá*... vai fazer mesmo o ritual?

- Sim, não pergunte mais senão eu desisto – respondi entre risos.

Quando *Awyky* retornou foi aberto o assunto

- *Tuxaua*, o “branco” quer fazer o Ritual da Tucandeira. Experimentar um pouco da cultura *Sateré*. É importante para a pesquisa dele. Ele gostaria de fazer aqui, pois gostou do *Molongol*. O que acha?

Todos gargalharam muito. A Tucandeira é dia de festa para eles ou, pelo menos, para quem não é candidato a “meter a mão”. Toda a comunidade se reúne para rir, beber e ver a dor alheia.

- Claro que é possível. Todos aqui vão adorar ver o “branco” provando da Tucandeira. Temos um cantador aqui, vamos chamá-lo para fazermos os acertos. Pode ser no próximo final de semana? – Perguntou *Awyky*.

- Não será possível. Terei que ir até Parintins, inclusive, você e as demais lideranças também. Marcamos para o outro sábado – respondeu o Capitão Geral.

- Feito! Já vou organizar a banda, faremos um show. Será uma grande festa. – Virando para as pessoas que estavam em volta, *Awyky* falou - Todos aqui podem ir espalhando, Tucandeira do *Karaiwá*. – Olhou para mim. - Posso te pedir uma coisa? Traz sua câmera e com os vídeos, faz a gravação de um DVD para mim?

- Claro, vou trazer sim. O vídeo pode até compor meu projeto de pesquisa - Falei



- Sim, seria maravilhoso. O “branco” precisa conhecer nossa cultura, saber que estamos fortes e vivos. Leve lá para o sul e mostre do que os *Sateré* são feitos.

Em seguida, foi-me apresentada a famosa fruta jenipapo, a qual os índios de diversas etnias utilizam para fazer pinturas corporais. Como indicado, passei nas mãos, mas era um suco transparente, nada como eu já havia visto em fotos.



- Calma! É assim na hora só, amanhã sua mão fica preta onde passou a fruta. – disse *Yaguarete*.

- Sério? Acabei de coçar o rosto. Vai manchar?

- Amanhã descobrimos – ele disse rindo.

Fiquei empolgado em ver como ia ficar. Na realidade tudo estava me entusiasmando. Com seu clima de festa, *Awyky* fez com que aquele ritual se tornasse muito mais leve do que todas as pessoas anteriores tinham feito parecer. Eu traria comida e fumo para o cantador. Outros colocariam a mão, mas como a festa foi feita para mim, teria que ser o primeiro. Comecei a imaginar como seria e me enchi de ansiedade e empolgação, seria um momento muito especial mesmo.

Ao partir, estava perdido no tempo, deixei o presente de lado e viajei para o futuro. Vários lampejos de ideias começaram a disparar em minha mente. Fiquei muito empolgado em produzir um vídeo da viagem, filmagens de locais, pessoas, ritual, a banda. Organizaria entrevistas, faria atividades com as crianças na escola. Ficaria incrível. Já estávamos na rabeta voltando para Ponta Alegre, fazia vários registros da paisagem com minha câmera. Ainda bem que a trouxe, seria um importante elemento para minha jornada. Desliguei-a e coloquei em cima da minha mochila, situada logo a minha frente. Continuei viajando em meus animados pensamentos. No entanto, tenho que dizer que pensar demais no futuro tem seu preço. Isso te tira do momento presente. Ao perceber que estava entrando muita água na canoa levantei minha mochila, fiquei preocupado se não estava molhando-a. Só percebi que a câmera havia ido dar um mergulho, porque o Capitão perguntou se nada importante havia caído no rio. Fiquei desesperado. Pedi que voltasse. Pensei em mergulhar. Qualquer coisa. No entanto, nada podia fazer. Aquele rio era extremamente fundo. Fiquei indignado, logo agora que eu construía vários planos. Por um momento pensei se aquilo possuía algum propósito, mas só senti mais raiva do Universo por ter me levado algo tão caro e de tanto valor para a viagem. Fiquei desolado. Tudo ficou mais silencioso depois daquilo. Evitou-se falar por um instante. Em certo momento *Yaguarete* resolveu se pronunciar.

- Sabe Kaian, os *Guaranis* possuem uma pergunta para esses momentos em que temos algum tipo de perda material. Quais eram suas intenções com essa câmera?

- Eu ia realizar filmagens, para organizar um vídeo e promover a cultura *Sateré*.

- Então talvez esse não fosse o caminho para seguir.

Mas o sinal precisava ser justo um prejuízo desses? Aos poucos fui me acalmando e refletindo melhor. Procurei analisar com cuidado aquele momento. Por vezes, a vida faz isso... vai nos soprando suavemente na melhor direção daquele rio que seguimos. Feliz é aquele que sabe interpretá-los e aceitá-los. Estava tendo uma vivência numa aldeia indígena, realizando um grande sonho, no meio de um processo de busca espiritual intenso. Não faria bem me apegar a objetos materiais vindo do mundo ao qual estou habituado. Para absorver o máximo daquela experiência, teria que me envolver de corpo e alma em cada segundo, em cada movimento, pessoa, paisagem. Não através de lentes e interesses. Só assim estaria deixando-me conectar de coração com aquele povo e realmente entraria em sua visão de mundo. Aceitei e entreguei. Assim é. Deixaria os botos fazerem “*selfies*” à vontade com minha câmera.

## Mais Confrontos, termina o Romance

Já era segunda-feira e ainda não tinha visto luz elétrica na aldeia. Eles possuíam um gerador a base de carvão que provia energia entre as 18h e 22h. Assim, vinha dormindo cedo todos os dias e, conseqüentemente, despertava cedo também. Levantei da minha rede, percebi que minhas costas não doíam como eu imaginava, pensei comigo: *Quando eu voltar, instalar uma rede na sala será a primeira coisa que irei fazer*. O banheiro carente de limpeza e escuro não deixava de incomodar meus hábitos enraizados. Para completar o ritual do despertar, saí pela porta e contemplei aquela vista incrível. As matas se debruçavam sobre o Rio Andirá, como se tentassem admirar-se naquele espelho gigante de águas negras. As crianças brincavam na água enquanto suas mães lavavam roupas. Pronto, agora podia começar um novo dia. Fui me juntar aos demais no café da manhã na casa do Warana. Era dia de provar biju, um dos subprodutos da mandioca, junto à farinha e ao mingau. Esse eu aprovei, inclusive devorei muitos deles acompanhado do chá de capim cheiroso, sem açúcar, para estranheza de todos.

Era meu quarto dia na aldeia e fazia mais de uma semana que havia saído de Florianópolis. Àquela altura, o ar, a água e várias outras moléculas do meu corpo já estavam praticamente trocadas. Eram Amazônicas. Começava a me distanciar do meu local de partida e o portal de conexão com o meu destino expandia cada vez mais. Com isso, eu ia sendo tecido pelas experiências que vivia. Convivência que levava fios até mim. Infiltravam-se. Enovelavam-se. Em seguida, retornavam para as pessoas. Para o ambiente. Era além do que se podia enxergar com esses olhos. Além do palpável. Todo espaço é marcado por hábitos, costumes e histórias. São linhas que correm para todos os lados e direções. Eu estava ali. Puxando umas e esbarrando em outras. Chegando até a tropeçar algumas vezes.

- Meus caros, desculpem-me a pergunta, mas percebi que nas aldeias que visitamos, há uma grande proporção de integrantes com as feições de seus rostos parecidas com o que nós “brancos” estamos acostumados a ver na televisão. Mas os indígenas aqui de Ponta Alegre possuem características bem variadas. Por que isso ocorre? – indaguei aos tropeços.

- Quanto mais você subir o rio, mais vai perceber características antigas preservadas. Os Sateré possuem mais de cem aldeias ao longo do Rio Andirá e Marau. Têm tribos que no verão só se chega de rabeta, por causa da seca dos rios. Lá ninguém fala português. Somente nossa língua. Mas aqui em Ponta Alegre é diferente por ser a aldeia mais próxima. A porta de

entrada da nossa terra indígena. Sofremos muita influência. Tem muito “índio” casado com “branco” aqui. Vão para a cidade, arrumam casamento por lá e trazem para cá.

- E vocês aceitam esses não indígenas aqui?

- Sim, não há problema quanto a isso. Só exigimos que sigam nossas regras. Eles estão presentes entre nós há tanto tempo que nem me recordo quando chegaram.

- Como assim?

- Na Cabanagem<sup>24</sup>, houve muitos desertores do exército que se esconderam nesse mato, ou os próprios soldados que, após o fim, permaneceram. Quando houve o confronto, nosso povo não se rendeu. Escondemo-nos na mata para lutar. O *Sateré* sempre foi um povo guerreiro. É, o tempo passa. Nossos parentes ficavam escondidos e tacavam flechas com veneno das plantas nos barcos que passavam pelo rio. – Fez um gesto mostrando o caminho dos barcos. - Quando acabou a guerra, as pessoas foram retornando aos poucos para a aldeia. Inclusive esses “brancos” fugidos. Alguns já até haviam se arranjado com alguma mulher índia – explicou o Capitão.

- Está aí Tenente. Se tivesse vivido naquela época podia ter se tornado um *Sateré* igual a esses “brancos” – brincou *Warana*.

Todos riram.

- Por que não pode ser nos tempos atuais também? As índias já estão todas agitadas na aldeia com o estrangeiro – disse *Yaguarete*.

- O ritual da Tucandeira já vai fazer não é? Está cumprindo todos os requisitos – afirmou *Wasa'i*.

- É, mas falta um. Este será difícil de me adaptar. Farinha não vai – falei para riso de todos.

- Aqui é assim mesmo. É farinha no café da manhã, almoço, jantar, merenda. Com açai, cupuaçu, leite. Ou só a farinha mesmo – disse ela.

- É pessoal, não serei um *Sateré* mesmo.

Risos coloriam o ambiente durante esta conversa. Estava me sentindo cada vez melhor com aquela família. Por um tempo seguiu um silêncio de vozes. Terminamos a refeição e seguimos em conhecer a irmã mais nova do Capitão. Recém voltara da cidade. Seguimos por aquelas ruas. Agora, sendo um observador diferente do primeiro, percebi que a aldeia parecia

---

<sup>24</sup> Levante ocorrido nos estados do Amazonas, Pará, Amapá, Roraima e Rondônia, entre os anos 1835 e 1840. Teve motivação pelas condições daquela região após a independência do país. Lutaram juntos índios, mestiços, negros e classes insatisfeitas com sua condição. Fonte: Site “infoescola”.

bem dividida em relação às moradias. Uma região parecia centralizar casas de palha e a outra possuía casas de alvenaria. Nesta última, centrava também as ruas asfaltadas. Perguntei a eles sobre isso.

- Ah, muito bem visto. Hoje temos muita violência aqui na nossa aldeia, mas já foi muito pior. Lembro-me de quando Ponta Alegre era dividida no centro. De um lado ficavam os “brancos” e do outro os índios. Toda semana tinha festa e quem mais cantava eram os tessados<sup>25</sup>. Era briga toda semana. Pessoas se furando. Maldito porre.

- A cabanagem ocorreu muito antes de o senhor nascer. Então, esses “brancos” que citou agora são descendentes daqueles?

- Alguns. Mas eles são principalmente descendentes de um casal de brancos que viveu aqui décadas atrás. A mulher foi quem trouxe a escola para cá e é dado seu nome em homenagem a ela. Os dois viviam aqui e, em certo momento, houve a demarcação de nossas terras. Os “brancos” não casados com indígenas tiveram que deixar a área. Mas como esta mulher havia contribuído muito com a aldeia, possuía o nosso respeito e, sendo apenas duas pessoas, permitiram que ficassem. O problema é que esse casal teve dez filhos. Veja só que interessante, se esses filhos tiverem mais cinco cada um, já são cinquenta descendentes na próxima geração. Então foi assim que a quantidade de mestiços aumentou aqui nessa aldeia – explicou o Capitão

- E é esse o pessoal que mais temos dificuldades em adequá-los às regras – disse *Yaguarete*.

- Entendo. É como se não se identificassem com a ancestralidade indígena, já que parte de seus ancestrais não são nativos.

- Assim que é. Algumas lideranças nascem para atender essas diferentes pessoas que fazem parte da nossa comunidade. Em Ponta Alegre nomearam outro capitão local só para representar essa parcela do povo – disse *Yaguarete*.

- Como diria aquela frase “Muito cacique para pouco índio”. E esses descendentes de “brancos” são considerados indígenas? – perguntei.

- São.

Meus pensamentos giravam em torno da identidade indígena. Afinal, o que definia este grupo social? Um impulso instigante me levava nesta direção. Como as pessoas se

---

<sup>25</sup> Faca grande, também conhecida popularmente como “facão”.

identificam com esse “Ser índio”? E com o “Ser um *Sateré-mawê*”? Será que todos os integrantes de Ponta Alegre se reconhecem nesta denominação? Todos sentem orgulho?

Chegamos à casa da irmã do Capitão. Chama-se *Ipohyt*<sup>26</sup>. Ela, com 40 anos de idade, era a caçula da família. Trabalha no colégio como professora de Língua Materna e Cultura *Sateré*. Fomos apresentados.

- Gostaria de conhecer um pouco mais como funciona a educação aqui na aldeia. Haveria possibilidade? – perguntei.

- Claro. Na próxima semana iniciam as aulas e pode assistir uma das minhas.

- Que ótimo! Como funciona o sistema? Tem Ensino Médio aqui?

- Temos sim, mas é só técnico. Nos demais anos temos disciplinas de todas as áreas e, diferentemente dos “brancos”, temos aulas de Língua Materna. Nesta, além do idioma, ensinamos aspectos históricos e culturais do nosso povo.

- Interessante, seria muito enriquecedor mesmo eu participar de uma aula dessas.

Esse assunto cessou e seguiu outro rumo.

- E como vão os preparativos para as eleições? – perguntou o Capitão.

- Estão se encaminhando. No ano anterior quase vencemos. Atualmente, pelas pesquisas, parece que estamos com vantagem. Mas agora começam as jogadas políticas. Promessas, oferta de vagas para determinadas famílias. Dividem benefícios entre os apoiadores.

- Não podemos parar de lutar. “*As crianças são o futuro do amanhã*”. Estamos deixando a desejar ainda na educação dos nossos jovens. Precisamos mudar a direção da escola. - Concluiu o Capitão.

Minha preconceção sobre os povos originários vinha entrando em colapso progressivamente a cada dia que permanecia em meio àquele povo. Minha relação anterior com esses povos estava mais para um romance. Esperava encontrá-los em harmonia, com muito a nos ensinar sobre viver em comunidade conosco mesmo e com o meio ambiente. Mas vinha me deparando com diversas decepções amorosas. Não estava preparado para tanto. Agora me confrontava com um fazer político, muito próximo ao nosso, já alicerçado naquele espaço. Primeiro, diferentes igrejas, agora diferentes lados políticos também. Aquilo me pesava. A dor nas costas, que sempre me acompanhou, gritava novamente. Um grito inaudível que ressoava tão alto quanto um tambor. Minha vontade de cooperar aumentava a cada

---

<sup>26</sup> Flor

momento. Ouvir aquilo tudo que eles passavam, causava-me uma dor, angústia e raiva em níveis acima do que eu esperava. Perdi-me em meio a novos conflitos internos. Uma forte direção assumia a proa da minha vida. Sentia-me responsável em cooperar com aquele povo que me acolhia. Minha pesquisa não podia ser algo superficial ou voltado apenas para nossa sociedade. Possuía uma dívida a ser paga com eles. De alguma forma teria que retribuir. O problema é que ao entregar demais ao outro, acabara esvaziando a mim próprio.

Naquele dia não havia mais visitas previstas. O Capitão foi resolver alguns problemas pessoais, e *Yaguarete* foi visitar conhecidos. Aproveitei para colocar em dia meus relatos de viagem. Conforme a desorientação do meu orientador, comprei um caderno especial, personalizado. Nele eu colocaria toda a minha jornada para, quem sabe, isto se tornar meu TCC. Já havia pensado em tudo. Faria coletas de folhas, flores, pedras. A primeira página seria composta de marcas de mão pintadas com jenipapo. Fotos recheariam aquele bolo de papéis. Apanhei os materiais e sentei-me à mesa da varanda. Na minha vista estava o Andirá. Instigante paisagem para estimular meu processo de escrita. Desajeitadamente, cortei uma castanha para lançar e me pus a escrever.

Uma tarde se passou e meus escritos ainda não haviam alcançado o deslocamento de Manaus para Parintins. Meu pulso dava sinais de exaustão. Estava frustrado. Como viver as experiências e ficar em dia com os relatos ao mesmo tempo? Era impossível, pelo menos para mim. Mas era difícil abandonar mais uma ideia. Como conseguiria cumprir meu objetivo queimando possibilidades desta forma? Sofri. Não imaginava que um sonho fosse tão denso de se viver. Será que eu realmente estava dentro dele? Ou errei as direções que deveria ter tomado nas encruzilhadas que passei? Agora já estava ali, onde quer que fosse aquele lugar. Seguiria. A escrita era mais uma técnica dos “brancos”. Assim como a câmera, fechei e tranquei aquela porta. Adentrei aos espaços mais claros. Deviam ser esses os disponíveis. E na clareira eu vi os sentidos. Tato, olfato, paladar e visão estavam ao redor do fogo. Um caminho me levava até eles. De alguma forma as chamas dançavam e lambiam o ar ao ritmo da minha respiração. Aquele mesmo oxigênio era o que entrava e abastecia meus pulmões. Meu coração bombeava aquela energia vital para meu corpo. Coração e fogueira eram um só. Estava ali. Meu espírito alimentando os sentidos. Era em entrega que devia seguir. Fechei o caderno e guardei na mala.



Sentia meus olhos um pouco mais abertos agora. Mergulhei no rio e segui para o campo de futebol. Aproveitei para assistir os moradores se divertirem. Àquela altura, já podia perceber que a principal diversão deles era o futebol de final de tarde. Não havia gênero. Homens e mulheres jogavam juntos. Os indivíduos logo me chamaram atenção. O grito por uma individualidade era estonteante nos homens. Saltava aos meus olhos. As pinturas corporais tinham dado espaço para as pinturas no cabelo. Amarelo, rosa, laranja, roxo. Cores mescladas com cabelos raspados, riscados, mechas, desenhos. A tradição em movimento. Com isso, voltava a questão da identidade. Quem são eles? Por quem luto?



### Cantador e Caçador

Naquela noite jantaríamos em uma casa diferente. *Yaguarete* veio me dizer que o cantador da aldeia havia retornado de seus longos dias de caça. Era o *Hat*. Famoso pelas suas habilidades de caça, e por sua longa história no Ritual da Tucandeira herdada da sua ancestralidade. Sua casa era de madeira. Ainda sem energia conversamos à luz de velas.



- Então você é o “branco” que quer meter a mão na tucandeira? – perguntou o homem que acabara de entrar na minha história.

- Sou sim. – responde-lhe o homem que acabava de entrar na história dele.

- *Hat* já meteu a mão 70 vezes. – informou *Yaguarete*.

- Nossa! Já nem sente mais as picadas? – perguntei.

- Dor não sinto mais não. Agora só coça – *Hat* disse rindo.

- Quais dicas você poderia me passar para fazer o ritual? – perguntei astutamente.

- Olha, dor vai ter de qualquer forma. Mas tenho algumas sugestões. Primeiro é a mão. Você não deve colocar ela reta. Ponha o dedão na frente da palma de sua mão, pois uma ferroada nesse lugar leva o veneno direto para seu coração. Depois, sempre fique com as mãos levantadas, para que o veneno não desça todo para sua mão. Dance, mesmo que doa, se movimente. O suor ajuda liberar o veneno mais rapidamente. – instruiu-me o cantador.

- Ah! Isso não será problema. Dançar é o que mais gosto de fazer em rituais. – falou o *Sarican*, eu no caso.

- E no restante... Aproveite.

Houve uns instantes de silêncio.

- E a caça, *Hat*? Como foi? – perguntou *Yaguarete*.

- Rapaz! Tive que ir para longe, mas deu para trazer um veado ainda.

- Longe quanto? Você trouxe esse animal sozinho? – Perguntei impressionado. Havia um grande veado pendurado em uma árvore do lado de fora.

- Foi sozinho sim. É difícil levar alguém comigo. Assusta muito as caças. Não faço ideia de distância, mas dá umas quatro horas de caminhada, só para ir.

- Ficou todos esses dias na mata, *Hat*? – perguntou *Yaguarete*.

- Na verdade, fico dormindo na nossa cozinha, perto do igarapé. Se não estou cuidando da roça, saio para caçar.

- Entendi. *Hat*! Estou aprendendo a cantar músicas do nosso povo, gostaria de saber se pode me avaliar. – Disse *Yaguarete*.

- Sério? Olha só que coisa boa. Quero ouvir.

Seguiram-se os cantos naquele idioma desconhecido. Levando aquele som até a fogueira, fui captando-o como uma antena. De alguma forma eu entendia. A tradução chegava através de sentimentos e emoções. Oscilavam entre alegria, raiva, admiração. Levava-me a

outro estado de ser. Não sabia que sentidos possuíam as palavras, mas não deixava de ser movido.

- Estas canções contam as histórias dos clãs? – perguntei.

- Sim, também. Elas falam só de guerra. A gente canta assim bonito, mas são histórias tristes. Essa última fala do peixe. Diz que tem um buraco e entrou um peixe, mas que não sabe que tipo. Hoje a gente entende que esses eram na verdade um clã. Antigamente, os clãs não se uniam. Igual está acontecendo agora. Um queria ser mais do que o outro. Cada clã ficava em um canto e aí eles não se uniam. Guerreavam entre si. Os que não queriam mais isso se uniram e falaram: “*Já que eles querem isso, vamos matar eles*”. E assim, foram matando esses outros. O clã do peixe era um desses, e aí as histórias foram sendo cantadas. As pessoas vão felizes para o ritual, tem festa, mas para a gente que canta, é triste. As músicas só falam de morte e guerra.

- É para ativar o guerreiro *Sateré* mesmo – acrescentou *Yaguarete*.

- Sim. Nós sempre fomos uma tribo guerreira – *Hat* respondeu.

- Quando ele termina de se ferrar é legal mesmo. A pessoa fica forte, sadia. Vira um caçador, pescador, o que ele quiser. Para tudo ele é bom – disse a esposa de *Hat* que acabara de entrar no local.

- É a cultura revivida mesmo – disse *Yaguarete*.

- Legal. Eu acredito muito nesses rituais. Então gosto de saber o que significa e qual o propósito daquilo – comentei.

- Sim, sim. Eu sei. Não fazer de curioso não é? Só por influência. Tem que saber para que serve. Quando quis meter minha mão, ouvi conversa dos mais velhos falando que “*Para quem mete a mão, não tem caça que escape*”. Não pensei duas vezes. Depois de terminado o ritual, peguei minha flecha e fui testar. Minha mão estava até inchada ainda. Não deu outra, peguei um, dois, três peixes. Testei minha espingarda também. Aí eu vi. Funciona mesmo. – afirmou *Hat*.

- É a tradição viva – disse.

A conversa seguiu intercalada com vários cantos daquele sagrado ritual. Havia ainda um outro sonho dentro do sonho que gostaria de realizar. Uma ramificação.

- *Hat*! Seria possível você nos levar para o mato? Gostaria muito estar dentro da Floresta Amazônica. Para nós biólogos, isso é uma grande realização – comentei.

- Olha, como disse no início, não sou de levar ninguém não. Mas para os amigos posso fazer esse favor sim. Vamos para conhecer, sem o foco na caça. É para “pesquisa” que chamamos. Certo?!

- Quando poderia ser? – perguntei.

- Amanhã mesmo. Saímos bem cedo. Vou levar vocês lá onde vivem as caças. Dá umas quatro horas de caminhada só para chegar.

- Mas é bonito, não é?

- É sim. Rapaz! Tem uma árvore incrível nessa mata, muito grande mesmo. Vou levar vocês para conhecerem. É uma Sapopema.

- Essa é aquela com raízes grandes e aparentes?

- Isso mesmo. Ela é a casa do Curupira. Espírito protetor da floresta.

- Ah sim, conheço. É aquele que tem os pés virados para trás.

- Não. Se alguém disser para você que viu o curupira é mentira. Ele não se mostra para ninguém. É um espírito, e ouve-se apenas o assobio dele na mata. É o protetor, e te dá apenas aquilo que precisa. Se o caçador quiser levar mais do que necessita, ele pode confundir-lo. Se não age com respeito, ele faz a pessoa se perder na mata – explicou *Hat*.

- Entendi, que interessante. Nós “brancos” aprendemos que o curupira é um ser do tamanho de uma criança, possui os pés virados e faz brincadeiras para confundir as pessoas na mata.

- Existem outros seres que vivem na floresta e possuem os pés virados, mas não são chamados curupira. Estes outros comem gente e vivem muito mais para o interior da mata.

- Entendi. Queria aproveitar e te pedir uma coisa. Faço umas defumações lá no sul e queria umas penas de aves daqui. Você tem? Trouxe dinheiro comigo. Poderia te pagar.

- Poxa rapaz, não tenho nada agora, as últimas usei para fazer umas luvas da tucandeira. Mas vamos ver se achamos amanhã – respondeu.

Era muito aprendizado para uma noite só, e estava ficando tarde. O dia seguinte seria marcante também.

- Então é isso Tinico. Amanhã estaremos aqui bem cedo.

- Ok. Estarei esperando-os para o café.

No caminho de volta para casa fui repreendido por *Yaguarete*.

- Queria te pedir uma coisa Kaian, não ofereça dinheiro aos indígenas. Papai não gosta. Já notou que ele é uma pessoa bem simples não é? Vive só com o dinheiro para

conseguir viver a vida da cidade. Ele prefere incentivar o povo a continuar com a tradição da troca. Para não entrar a ganância entre nós. Então, é muito melhor você entregar um presente a ele. Posso te dar uma dica? Ele iria adorar aquele teu canivete. – alertou-me *Yaguarete*. Recebi de bom grado seus conselhos.

## A Mata, O Caçador e a Sapopema

Era uma manhã de terça com céu limpo. Despertamos às 6:30 horas. Saltei da cama sem nenhuma dificuldade. Era um grande dia. Nem acreditava no que ia vivenciar. Veria onças? Antas? Macacos? Abraçaria árvores iguais às que eu via no Globo Repórter quando era criança? Que experiência incrível. Meus pés pisariam naquelas trilhas. Antes de sairmos de casa, *Yaguarete* reforçou o conselho da noite passada:

- Kaian, como te falei ontem, aqui não usamos dinheiro. Sempre funcionamos com trocas. É sempre interessante oferecer presentes. Levar comida onde for visitar. Quando lhe prestarem um favor, ficar atento para oferecer algo também. Agora levaremos algumas daquelas bolachas que comprou para tomarmos café com a família do *Hat*.

- Certo! Entendi.

Chegando à casa dele, tomamos nosso café e partimos. Seguimos uma trilha em direção oposta à beirada que aportamos em nossa chegada, há uns dias atrás. Pensei que já tivéssemos começado o caminho em meio à mata. Mas cinco minutos depois, nos deparamos com um rio tão extenso quanto o Andirá.

- Como pode termos nos deparado com outro rio grande assim?

- Ponta Alegre é uma ilha na verdade. Tem um igarapé que passa em um dos seus lados e aqui há essa curva do rio Andirá. Vamos atravessar para pegar a estrada que seguiremos.

Chegamos à entrada da tal estrada. Aportamos a rabeta de *Hat* naquela beirada. A canoa da minha vida também estava aportando ali. Naquele caminho que se abria diante dos meus olhos, preencheria mais páginas da minha existência. Quando o olhei, parei uns instantes. Parecia um portal que eu já havia visto em minhas aventuras meditativas. Estava em um sonho “vivido” mesmo. Naquele lugar e naquele momento era onde eu devia estar, e em

mais nenhum outro lugar. Em respeito, pedi permissão para adentrar aquele espaço. Foi quando notei que os outros faziam um gesto parecido.

*(Espaços de desatenção, com o braço descansando na borda do teclado, enquanto, perdido em meus pensamentos, pedia permissão para entrar nesta parte da história.).*

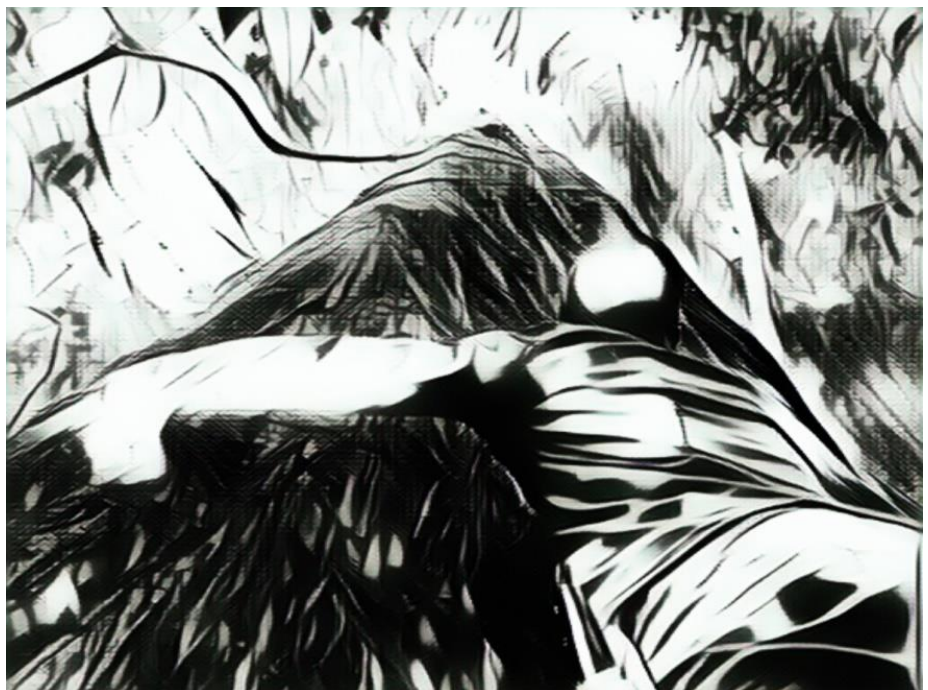
Era aquele cenário. Árvores perdendo-se no alto, folhagem forrando o chão por todos os lados, a luz do sol entrando cortada por entre as folhas e o som de aves e do vento balançando na copa das árvores.

- *Hat*, gostaria de ver um Pau-brasil. É possível? –

- Ah, é aquela vermelha! É muito bonita mesmo. Mas é difícil encontrar. Ficam mais lá para o meio e, mesmo assim, tem que procurar muito. Ela é madeira de lei. Vou tentar mostrar para vocês todas elas.

O caçador ia à frente nos guiando, parando a cada coisa interessante que surgia em nosso caminho. Paramos em frente a uma árvore com uma circunferência absurda. Aproximamo-nos dela.

Impressionando, olhei para o alto. Os raios de luz solar que entravam impediam que eu visse o topo. Era muito alta. Senti-me pequeno perante aquele ser centenário que estava diante de



mim. Resignadamente, a abracei. Ou pelo menos tentei. Meus braços não eram capazes de abraçar nem metade da sua circunferência. Então, pensando bem, acho que eu é que fui abraçado por ela e por aquela extensa floresta. *Yaguarete* e *Hat* já colhiam castanhas para o nosso lanche.

Enquanto andávamos, reparei na forma que nosso guia caminhava. Nenhum barulho se ouvia de seus passos. Era como uma garça flutuando naquele solo repleto de folhas. Eu, ao contrário, estava com minha bota, que parecia procurar os galhos no chão para pisar e fazer barulho. Esforçava-me ao máximo para andar mais leve, porém suspeito que estava afastando todas as nossas caças.

A jornada duraria cerca de quatro horas para chegarmos à área de caça. Os animais procuram situar-se o mais longe possível dos seres humanos. Assim, os caçadores precisam ir longe para encontrá-los. Para tanto, havia trilhas, que no linguajar deles são chamadas de “estradas”. Andar por elas é fácil e tranquilo. Mas a todo o momento surgiam bifurcações. Para quem não estava habituado andar por aqueles lugares, era um labirinto.

Em certo momento começou a chover. O início do ano naquela região é marcado por chuvas diárias. Época que dizem ser o inverno. Mesmo com a densa camada de galhos e



folhas sobre nossas cabeças, paramos para esperar que a chuva diminuísse. De pronto, *Hat* foi cortando folhas de palmeiras. Sem que fosse falado, eu e *Yaguarete* o acompanhamos. Então arranjou alguns pedaços de cipó e amarrou as folhas em troncos de árvores. De tal forma que se formou uma cobertura para três pessoas.

Hora do lanche e do tradicional fumo. *Hat* sacou a famosa farinha. Como já havia me preparado para isso, levei uns biscoitos.

- Kaian e a farinha – falou *Yaguarete* rindo.

Depois, cada um sacou seu fumo e sua palha. *Yaguarete* estava com o cachimbo que ganhou dos *Guarani*. Preparamos juntos. Acendemos juntos. Fumamos juntos. O som da chuva era constante. Fui sendo envolvido pelo momento. Pela mata. Alcancei outro nível de interação com aquele espaço. Senti como se agora eu tivesse finalmente entrado nela. *Hat* contava suas histórias de caça.

- Notei que quando estávamos entrando na mata, vocês pareciam estar rezando. Era por proteção? – perguntei.

- Também, mas principalmente para dizer o nosso propósito nessa jornada. Primeiro peço permissão para entrar na mata. Digo que só vim buscar alimento para mim e meus filhos. E peço que seja dado, pela floresta, aquilo que puder me fornecer. Rezo por proteção, para que eu possa voltar salvo e proteger os meus - deu uma pausa e puxou a fumaça de seu cachimbo - aqui nessa floresta nada é de ninguém, *karaiwá*. O Curupira sabe das intenções das pessoas. Quando estão mal intencionadas, ele despista, confunde os caminhos. Faz a pessoa se perder. Ajuda os animais fugirem. Mas para quem só vem buscar seu sustento, ele mostra o caminho. Protege. Somos parte de tudo isso aqui. Os antigos já sabiam disto. Às vezes venho para mata e fico pensando nisso. Meu pai contava que, há muito tempo atrás, eles viviam aqui. Em meio a essa floresta. Tem algumas histórias nossas que dizem que os nossos ancestrais sabiam a língua dos animais. Conversavam com eles. Mas fico pensando. Vivendo totalmente aqui dentro. Ouvindo eles a todo o momento. É de se concluir que sabiam de todas as formas de comunicação dos animais. Sons de pássaro, rugidos de onças. Com o tempo, as histórias foram sendo aumentadas em torno do fogo.

- É verdade *Hat*. Nunca havia pensado nisso. Com anos de estudo de fósseis, a ciência descobriu a evolução das espécies. Dizem que viemos de outras espécies, de humanos que



viviam em formas de vidas mais próximas a dos animais. E os *Sateré*, em suas histórias milenares, já contavam isso, mas de outra forma – falei.

- Está aí, *karaiwá*. A sabedoria *Sateré* – falou *Yaguarete*.

- Costumo ver as histórias de forma diferente, olho para os pontos que se ligam – informou o contador de histórias. - Meu avô contava que, nessa época, os *Sateré* viviam em meio à mata se alimentando em grande parte das frutas que coletavam. Comiam as formigas também. Dormiam nos galhos altos de árvores. Até que da casca da castanha, conseguiram fazer o fogo. Foi então que começaram a se alimentar melhor. Afastar os animais ferozes. Abriam clareiras na mata. Assim, também foram se afastando dos outros animais e se esqueceram das outras línguas. Eu sei um pouco dos barulhos da mata. Imito alguns pássaros. Você que já vive na cidade sabe menos do que eu. Assim é. Eles que viviam mais dentro da floresta, sabiam de todos os sons.

Fiquei muito impressionado com essa sabedoria ancestral. Conhecimentos que aprendemos com a ciência, mas que ali são ensinados de maneira diferente. Informações milenares que atravessam gerações e ainda são contadas através da cultura oral. Quanto conhecimento sobre o passado não poderia ser resgatado com os contos deles? E essas informações são de apenas um dos vários povos que estão presentes no nosso país. Quantos tesouros não estão escondidos no meio dessas matas?

A chuva aliviou. Apagamos nosso fumo e seguimos caminhando. Em dado momento, *Hat* parou e olhou para seu lado esquerdo.

- É aqui o caminho para a Sapopema.

Ele saiu da estrada para nenhuma outra. Caminhamos aproximadamente cinco minutos ziguezagueando. Eu já estaria perdido. E então chegamos ao nosso destino. Era inacreditável. Apresentou-se na minha vida uma árvore com raízes expostas, de cerca de 10 metros de comprimento e altura que ultrapassava a minha.

- Apresento-lhes a Sapopema.



Cheguei à extremidade de uma das raízes e coloquei a mão sobre ela. Dali fui caminhando em sua direção. Era uma senhora. Uma mestra daquela mata. Quantos anos teria? Centenas? Milhares? Que história teria vivido e/ou presenciado? Cenas de amores. Mortes. Guerras. Lamentações. Orações. Conforme ia me aproximando, sua força entrava em mim. Por vezes meus olhos fechavam, entrando em transe. Tinha relances. Imagens. Vídeos. “Gifs”. Casais corriam, escondendo-se um do outro. Animais passavam e adormeciam ali. Onças, veados, antas, javalis. Caçadores passavam a noite. Visões turvas, borradas de gritos. Perseguições. Corpos desfalecendo. Momentos que atravessavam o tempo. O tamanho daquele ser mudava a cada visão. Caminhava mais em direção dela. Minha mão deslizava. Senti como se sua casca começasse a expandir e envolver minha pele. Seus vasos condutores se dirigiam para dentro do meu corpo. Alimentando-me e drenando impurezas. Estava já muito próximo dela e quase todo tomado por aquela expansão. Todas as emoções daquelas lembranças já haviam me preenchido. Minha consciência já estava quase totalmente perdida. Então cheguei. Levantei minha cabeça perante aquele poderoso indivíduo. Suas folhas perdiam-se por entre a luz do sol. O peso daquela raiz sobre meu corpo forçou-me a ajoelhar. Estava completamente tomado. Então chorei. De gratidão. Alegria. Mas também de dor e raiva. O sulco que adentrava meu corpo jorrava pelos meus olhos. Era tanta guerra. Tanta morte. Flechas. Espingardas. Pessoas gritavam em minha mente. O peso era estrondoso. Aquilo corria ferozmente nas minhas veias. Juramentos de vinganças. Pessoas implorando por ajuda. Ilusões e decepções. Aos poucos, em meio a tanta desgraça, foram deixando de aparecer naquele espaço. Deixando de rezar pelos espíritos da floresta. Abandonando os velhos ensinamentos. *Fale de mim. Fale de mim para eles.* Ela me dizia. *Estava com saudades de você. Sabia que voltaria um dia.* Então eu surgi ajoelhado. Mas em outro tempo. Outra existência. Dormia em seu colo. Nutrido por ela. Gostava de passar a noite na mata fugindo das mudanças e aflições intensas que aquele povo vinha tendo. Em mim vivia a raiva. Dor. Estava exausto de tanta luta. Minha esperança morria. Sem ela o que seria de mim? Naquele dia eu fugia e achava que não me encontrariam ali. Mas fui encontrado e assassinado. A verdade é que, em minha morte, o sentimento que tive foi de libertação. Abandonara toda aquela responsabilidade e sofrimento. Agora retornava. A ferida que estava fechada abria novamente. Aquela raiz escancarava o buraco. Sugava o líquido denso que estava dentro de mim. Aos poucos fui ficando mais leve. As lágrimas foram se tornando mais sutis. *Fale de mim.* Disse novamente. *Falo.* Respondi.

Minha consciência voltou, e percebi que *Yaguarete* e *Hat* tentavam falar comigo, preocupados porque eu estava chorando. Então falei tudo. Quando terminei, eles estavam impressionados me olhando.

- Muito bom. Voltando às raízes – disse *Yaguarete*.

- A Sapopema é a casa do Curupira. Ele monta sua casa por entre essas raízes. É um espaço sagrado. Nosso povo sofreu muito mesmo. A história é marcada por várias guerras. Primeiro entre os clãs, e depois com os “brancos” que até hoje nos incomodam. Mas certo agora de que os espíritos estão conosco, renovo minhas esperanças – disse *Hat*.

- Você já o viu *Hat*? – perguntei.

- Ninguém o vê, mas sei que já estive na presença dele. Certo dia vim caçar e dormi aqui. Acendi meu cigarro, não deu muito tempo, comecei a ouvir um assovio. Era ele, o Curupira, mas é um espírito, como fumaça. Não dá para ver. Peguei meu fumo e joguei no chão, na direção que vinha o barulho. Dormi; quando acordei, o fumo não estava mais ali. Agora, toda vez que venho aqui deixo um cigarro pronto para ele. Façam o mesmo.

Foi o que fizemos. Realizei meus agradecimentos e partimos. A mata era hipnótica. Meditativa. Já caminhávamos há quase quatro horas nela e nenhum sinal de cansaço. Em determinado ponto, *Hat* nos disse que havíamos chegado à área de caça. Foi então que ele saiu novamente da estrada. Fomos abrindo caminho em meio à mata fechada. Não havia nenhum sinal de passagem humana naquele lugar. Era o “meio”, como eles diziam. Um veado ainda cruzou nosso caminho, mas o barulho que eu fazia acabou assustando-o. No fim, conseguimos caçar apenas um pássaro do mato (*nhampo*). Não fazia ideia de onde estávamos, apenas seguia. Chegamos a um igarapé. Ele disse que aquele local é onde as caças costumam tomar água. Almoçamos ali. Farinha e biscoitos novamente. Depois seguimos viagem. A volta foi rápida. O guia estava com medo de anoitecer com a gente sob seus cuidados.

Depois de oito horas, finalizamos nosso passeio. Fatigados, mas extremamente satisfeitos. Tinha sido incrível. *Hat* estava muito feliz de ter-nos proporcionado aquele momento. Fracassamos na caça, mas o intuito era a pesquisa mesmo. Havia cumprido muito bem sua missão. Estávamos novamente naquelas águas mágicas com o sol se pondo.

- É, *surara*<sup>27</sup>. Esse é o nosso Amazonas.

---

<sup>27</sup> Soldado



## Dias a Menos

O cansaço era tanto que, ao voltar, passamos apenas para jantar com *Hat* e, logo em seguida, já seguimos rumo à nossa cama. Ou melhor, nossa rede. Encasquei-me naquele tecido. Como um bebê em posição fetal. Deve ser por isso que é tão confortável, mesmo não apresentando nada que aponte para tal comodidade. Estava envolto. Até minha rede mosquiteira parecia o véu de um berço. Do lado de fora, os mosquitos me faziam companhia. Queriam festa. Entrar no meu aconchego e deliciar-se com o sangue que fervia em minhas veias e artérias pelo intenso dia. Tinha sido oxigenado por oxigênio direto do centro da mata. Como minhas células deviam estar recebendo tão distinta nutrição? Não deixaria mesmo para os mosquitos algo tão precioso. Os grilos e corujas juntavam-se ao coro. Ao transcender minha mente para todo aquele espaço que meu corpo estava habitando e se nutrindo, vinha-me a sensação de estar sendo abraçado, acolhido e invadido. Era como se raízes fossem crescendo pelos meus pés. Aos poucos, ia sendo consumido e nutrido ao mesmo tempo. Algo novo estava conquistando espaço, mas para isso, o velho teria que sair. Não é simples livrar-nos daquilo que estamos tão apegados há tanto tempo. Aquela noite que terminava em um dia de uma experiência inacreditável, também iniciava dias de sensações inesperadas e incompreensíveis. Em sonho retornei. Fui aos confins da minha alma. Encontrei portas que davam acesso a porões e, neles, fui a tempos esquecidos. A infância, adolescência. Encontrei o jovem que na verdade era velho. Viveu há mais de dez anos. Uma década de trilhas tortas e inclinadas. Já havia até me esquecido dos caminhos para encontrá-lo, mas lá estava ele com sua pouca idade. Lembrava-me dos sonhos, das vontades. Ainda com aquela imatura esperança de mudar o mundo. Ainda acreditando que a vida seria uma simples reta, na qual sua fé o levaria, pelas mãos, rumo ao seu destino.

Era quarta-feira. Naquele dia, dei-me ao luxo de levantar somente às nove horas. Quando acordei, Seu *Morekuat* estava comendo castanhas e lendo bíblia na varanda. Sentei à mesa para acompanhá-lo. *Yaguarete* havia saído para passear pela aldeia.

- Capitão, sempre tive uma admiração muito grande pelos pajés, curandeiros das nações indígenas. Gostaria muito de ter contato com algum deles. Seria possível?
- Não se tem mais pajé por aqui não, se mataram, todos entre eles.
- Como assim? Um pajé matava ao outro?
- É. Era por causa de mulher, sabe. Um jogava feitiço para a mulher do outro, e acabava gerando as brigas. Os maridos das mulheres que eram tratadas por eles, também

assustaram os pajés. As pessoas colocavam coisas em suas cabeças e acabavam em ciúme. Então partiam para cima com seus tessados. Conheço gente aí que saiu fugido de aldeia e nunca mais falou para ninguém que era pajé. Converteu-se a Deus e abandonou a pajelança.

- Muito triste!

- É... hoje estão todos escondidos. Nem quem já foi quer dizer que é.

- Mas, para o senhor, esses fatos eram inventados pelas pessoas que não simpatizavam por eles, ou os pajés realmente cometiam tais atitudes?

- Ambas as coisas, *Surara*. Pajés também eram seres-humanos, como nós. Podendo cair nas mesmas tentações. Eram admirados por quem confiava em seus poderes, então eram pessoas que se destacavam dentre as demais. Cometiam erros, mas também eram alvos da inveja do restante.

- E o senhor acredita em seus poderes? O senhor é cristão, não é? Sempre foi?

- Quando cheguei a este mundo meu pai era cristão já. Os “brancos” já haviam chegado em nossas aldeias e trazido a palavra. – Entrou na casa e pegou uma outra bíblia. – Veja só, essa é a bíblia traduzida para nosso idioma. *Anumã* é Deus, nosso senhor. Antes contávamos várias histórias dele, mas com a chegada dos “brancos”, entendemos quem ele realmente é. Então está tudo aí escrito em *Sateré*, para que possa chegar a todos os nossos irmãos. Com a chegada desse conhecimento, percebemos que os espíritos que trabalhavam com os pajés não eram coisa boa.

A meu ver, parecia mais a velha história que já conhecemos. Havia visto essa entrada da religião cristã nas nações indígenas no filme “O Abraço da Serpente”. Em alguns lugares de forma brutal, e em outras sorrateiramente, a passos calculados. Presentes, ganho de confiança, aliciamento ou troca das lideranças. Pelo que já havia observado ali naquela aldeia, a forma amigável foi a escolhida. No princípio, o sincretismo parece ter sido o método adotado. Afinal, “*Não deixamos de adorar e honrar Anumã, apenas trocamos suas vestes*”. Podemos com facilidade relacionar este fato ao desaparecimento dos pajés, afinal, tinham papel importante na liderança das aldeias, logo, era interessante destituir sua imagem. Mas é difícil definir a que nível isso causou o fato na atual situação que está. Tentamos fazer da história algo simples, porém os caminhos da vida são tortos, estreitos e largos ao mesmo tempo. Fato é que minha correnteza me fez encontrar com este rio da história *Sateré*, na qual os pajés foram empurrados mais acima do rio Andirá. Será que minha rabeta consegue chegar lá?

- Vocês já comentaram que há aldeias localizadas mais acima do rio, onde os costumes estão mais preservados. Será que conseguimos chegar lá? Seria legal ver esse contraste.

- Tem aldeias “láááá” em cima do rio que as mulheres até andam com os peitos de fora. Ninguém fala português. As casas são todas tradicionais. Mas vai tempo e gasolina. O que vocês trouxeram não é suficiente. Teria que ter sido planejado antes.

- Aqui não tem máquina para sacar dinheiro, não é? – falei entre risos.

- Se pudesse não teria deixado nem as notas entrarem aqui, quanto mais cartões.

Estava ali a simplicidade novamente estampada naquele homem. Suas simples habitações, o acolhimento às crianças, o carinho com todos e, agora, a aversão ao dinheiro. Faz-me lembrar do trecho da música “Índios” da banda Legião Urbana: “Quem me dera ao menos uma vez, ter de volta todo ouro que entreguei a quem...”<sup>28</sup>. A velha história que todos conhecemos. A moeda de valor do “branco” (pedras, ouro, notas) que entra no mundo indígena. Invertendo valores. Reestruturando ou desestruturando o conjunto social. Era uma mágoa vivida pelo próprio Capitão Geral e, talvez, por outros integrantes da aldeia. Privava ainda pela troca em comunidade.

Naquele dia não realizamos nenhum passeio. *Morekuat* estava ocupado com seus compromissos de Capitão. Assim, passei a tarde descansando. Nesse tempo comigo mesmo, alguns pensamentos começaram a me atravessar. Diante do viés espiritual presente em minha vida, ir até uma aldeia indígena e não conhecer os admiráveis pajés me causou um grande impacto. Havia um desconforto dentro de mim. Para quem vive de maneira intensa uma experiência, é inevitável absorver tudo que vai sendo sentido por você e pelas pessoas que estão a sua volta. Tanta informação, que quase não conseguia acompanhar. Estava muito maravilhado e frustrado com diversas coisas ao mesmo tempo. Além disso, minha conexão ia além. Vivia uma espécie de meditação. Longe do mundo ao qual estava habituado, enfrentava uma nova maneira de ver, ouvir, sentir e ser. Encontrava-me com outro *Kaian*. As dores e perdas vividas por aquele povo pareciam acumular-se sobre meus ombros. Sentia-me, cada vez mais, obrigado a contribuir. Como se fosse uma missão, em que falhar não era uma opção. Mas para onde? De que forma? Era um desconforto inaudível, tentava falar-lhe, entender qual caminho apontava, mas não tinha respostas. Cada conflito que ouvia, seja passado ou presente, causava-me pontadas como se eu mesmo tivesse vivido, ou vivendo. Os dias começaram a se tornar longos e doloridos. Logo eu, tão sedento por aventuras, estava

---

<sup>28</sup> Link para ouvir a música: <https://www.youtube.com/watch?v=XoiW5NmrMbE>.

vivendo de forma penosa tudo aquilo. Quando estava sozinho, principalmente no banho, a dor transformava-se em lágrimas. As cores foram sumindo, e só conseguia ver toda paisagem em preto e branco. Pensava comigo mesmo “*Por que levei este sonho à existência? Por que não me mantive em minhas ilusões?*”. Não esperava que a realidade pesasse tanto. Sem estar à vontade para me abrir, senti-me só.

Ao dormir, os mosquitos e a solidão me acompanhavam. Faziam crescer minha raiva. Sim, tenho que ser sincero aqui. Era esse o sentimento que fervia dentro de mim. Um impulso repleto de energia, desejoso de tomar uma direção, mas completamente enclausurado. Uma fera enjaulada. O deus marciano de escorpião, que reside em minha alma, completamente impotente. Acuado. Eu sei, é confuso de entender. Afinal, desejava muito aquilo. Mas sentimentos tão fortes me acometiam, que não conseguia dar-lhes nenhuma razão. Por algum motivo queria fugir dali. Parecia algo maior do que eu podia suportar. Finalmente adormeci. Sonhos que fiz questão de esquecer me acordaram diversas vezes durante a madrugada.

Um dia a mais ou um dia a menos, cheguei à quinta-feira. Faltava ainda mais de uma semana para meu ritual e minha partida. Tinha que vencer aqueles desafios que minha própria alma me impunha. Aproveitei a manhã para caminhar. Voltei ao rio que aquele garoto havia me levado logo na minha chegada. No entanto, quando retornei para o almoço ainda estava preso. Na chegada, Capitão *Morekuat* e *Yaguarete* precisavam falar comigo.

- Grande *Sarican*, precisamos falar com você. Temos um problema. Nossa comida está acabando e papai tem uma reunião em Barreirinha na próxima terça-feira com os donos de barcos, além de outros compromissos em Parintins. E também, preciso realizar minha matrícula na UFSC, sem energia e internet aqui na aldeia, sou obrigado a ir para lá. Quero ainda passar um tempo com a mamãe. Resumindo, para você não ficar só, terá que voltar junto com nós para Parintins neste sábado à tarde. Terça tem barco para retornar.

Em algum momento isso teria sido recebido com certa aspereza da minha parte, pois havia ido até ali para ter uma experiência de imersão no espaço físico de uma aldeia. Mas diante dos pensamentos que vinham me acompanhando, foi a melhor coisa que podia ouvir. Iria por um breve momento voltar ao mundo que estava acostumado, conversar com as pessoas que me conheciam e me reestruturar. Frase clichê, reluto em dizê-la, mas me atrevo: era uma luz no fim do túnel. Assim combinamos.



Durante à tarde, aproveitei para ler um dos vários livros que havia trazido comigo. Escolhi “A Queda do Céu” para começar. Acompanhado da costureira paisagem do Rio Andirá, iniciei a leitura que me trouxe diversos atravessamentos. Estava vendo com meus próprios olhos vários aspectos descritos, presentes no meio em que eu existia naquele momento.

Imerso em minhas leituras e com aquele novo ânimo, me distraí durante o dia, mas à noite, aqueles velhos sentimentos mostraram-se novamente. Adormeci e fui levado por um sonho, nele, navegava em uma canoa com homens brancos. Era noite e estávamos atracando em uma aldeia. Na situação, eu já havia estado ali, retornei para os “brancos” e agora voltava. Não havia nenhuma luz. Algumas casas abandonadas. Junto a mim, estava um senhor mais velho, com cerca de 60 anos, e um rapaz com aproximadamente 30 anos, este último possuía cabelo longo e estava armado. Eram meus amigos. Mesmo assim estava tenso, pois havia feito amizade com os índios no tempo que passei ali, mas não informei aos “brancos” sobre os laços que criei. Enquanto andávamos, os moradores surgiam como ratos, mostravam-se e logo se escondiam. Até que certo momento, o rapaz que seguia comigo apontou para um desses animais. Minha reação foi logo me jogar em cima dele gritando: “*Não atira*”. Repleto de barro, ele olhou em meus olhos com escárnio. Ali refletia a essência de um homem perigoso, logo soube. Levantei e lhe virei as costas, mas mantendo a atenção nele. Como previa, ele tentou me dar um golpe com a coronha de sua espingarda. Antecipando seu ataque, virei de costas novamente, segurei seu braço e lhe passei uma rasteira. Parei sobre ele segurando seu braço. Nesse momento, surge um menino negro que aparentava ter 13 anos. Ele diz: “*Isso, mata ele, mata ele*”. Logo temi pelo garoto e lhe disse “*Sai daqui Ari. Anda... Sai*”, então saiu correndo. O homem que estava sob meu corpo me olhou com uma expressão de satisfação de quem acabava de descobrir um segredo. Soltei-o e lhe disse “*Só não te agrido pois somos amigos. Então pare com isso*”. Levantamos e seguimos adiante na escuridão. Chegamos então a um barranco com uma escada. Acima havia uma fogueira com indígenas cantando e dançando ao redor. Era gritante a força que saía de seus movimentos. Ficamos escondidos em um lugar que não éramos vistos. Meu coração saltava acelerado ao pensar que iam matar a todos. Então, de repente, aquele senhor à minha frente pareceu ser o *Morekuat*. Ele disse ao rapaz da arma: “*Anda, entrega para ele o objeto indial*”. Era um cocar pequeno com somente três penas em sua armação. Então ele me disse “*Espero que esteja pronto*”. Não estava, mas havia sido descoberto. Não tinha outro caminho. Então falei para ele: “*É hoje que vou morrer, não é mesmo?*”.

Acordei. Assustado, ofegante. Com medo. Caiu sobre mim a força de milênios de pajelança. De repente deslumbrei toda a força de um pajé. De um feiticeiro. Assustei-me. Com isso, compreendi de que se tratavam de seres humanos. Com defeitos, mágoas, raivas, ambições, paixões. Passaram a um estado de real existência em minha mente. Longe das fantasias. Transcendendo os folclores. Como se finalmente ganhassem uma vida de carne e osso. Com histórias e lutas. Foi esse peso que recaiu e me fez pensar... Com que tipo de libertações eu estaria mexendo em meu ritual? Qual o tamanho da ferida estancada que seria aberta? Quantas dores e maldições já não passaram por essas terras? Senti-me menor ainda. Solitário por não haver ninguém para me auxiliar. Com medo de não ser capaz de cumprir meu propósito. Não era um sentimento comum em minha vida. Costumava enfrentar todos os obstáculos. Romper com minhas próprias limitações. Mas ali me acuava. Não conseguia controlar aquilo que me invadia. Era como se não fosse somente meu. Como se a nação espiritual daquele lugar depositasse suas esperanças em mim. Diante da minha sensação de responsabilidade, recebia aquele peso. Somado a isso, o enredo deste ato seria passado no Ritual da Tucandeira. Duzentas formigas injetariam seu veneno em meu corpo. Estaria a horas de barco da cidade para ser atendido. Tudo isto se consolidava sob a forma de uma presença que passei a sentir. Relutei em olhá-la, mas era impossível. Era a morte. Aproximava-se cada vez mais. Surrava ao meu ouvido. Quase podia sentir seu hálito do amanhecer, pois assim era, ela acorda cedo, gosta do trabalho. Acabava de conhecê-la e já a temia. Não queria morrer. Tinha tantos outros sonhos para colocar em existência. Punia-me por ter ido tão longe atrás daquele, comprometendo outros. Mas agora já havia assumido o compromisso e iria até o fim. Mesmo com as noites contra mim. Prosseguiria.

Com muito custo adormeci. Mais um dia a menos se iniciava. Logo retornaria. *Yaguarete* falou-me no café:

- Ei *Karaiwá*, a energia volta hoje. Então, antes de viajarmos, irei dar uma palestra ao pessoal da aldeia sobre direitos e deveres indígenas. Faremos uma espécie de evento no pátio.
- Muito legal *Yaguarete*. Movimentar um pouco a aldeia. Se precisar de ajuda peça.
- Então, ia chegar nesse ponto. Pensamos em realizar algo com as crianças. Como já vi que você leva jeito com os curumins<sup>29</sup>, queria pedir esse favor.
- Lógico que ajudarei. Podemos realizar uma gincana. Ainda tenho alguns doces que sobraram do alimento que trouxemos conosco. Será interessante.

---

<sup>29</sup> Adaptação da palavra: “*Kurum*”=menino.

- Ótimo. Durante o dia faremos visitas às casas para convidar a todos.

Assim foi. Visitamos várias casas. Recepções tímidas, participativas ou silenciosas. Crianças, idosos, grandes famílias. Vi outras cozinhas. Mais animais selvagens de estimação. Casas de palha, barro, alvenaria. Outros campinhos de futebol. Espalhamos a notícia. Com isso me distraí. Planejei realizar uma corrida de saco e algumas brincadeiras com bexigas. Distribuiria doces. Seria uma noite de momento marcante.

Por volta das 18 h, os motores foram ligados e vi luz pela primeira vez na aldeia. Boa parte era iluminada por postes. A grande maioria das casas estava com lâmpadas acesas. Às 19h30min começaria a apresentação de *Yaguarete*. Às 19 h já estava tudo montado. Sistema de som com caixas, microfones, cadeiras. Luvas das tucandeiras como decoração. Só o datashow que não funcionou. Então começaram os convites pelo microfone. Chamando todos os integrantes da comunidade a participar.

“Venham todos. Às 19h30min começará a nossa palestra sobre direitos e deveres dos indígenas. Quem somos nós? Qual o nosso papel? Participando conosco, está o Kaian, vindo direto da Universidade Federal de Santa Catarina para realizar uma atividade com as crianças. Doces, corrida de saco, bexigas. Tragam a família toda.”

O anúncio se estendeu pelos próximos 30 minutos. Entre esse tempo, diversos olhares passaram pelo local, principalmente de jovens saindo para sua vida noturna. No entanto, pouquíssimos realmente pararam. Então comecei as atividades com as crianças, pensei que seria ao fim, mas tive que adiantar. Havia apenas cinco, organizei-os pelos nomes de clãs que eu já havia conhecido. De longe, vi um par de olhos com 1,20 metros de altura, atrás de uma residência. Escondeu-se quando me aproximava. Mas era tarde demais. Já havia encontrado meu sexto soldado. Ganhei sua confiança, com algumas palavras consegui completar as duas equipes. Pronto. Um time era Gavião Real e o outro era Vespa. Alguns ainda se sentiam envergonhados com as brincadeiras, mas era impossível escapar dos doces.

Então iniciei a disputa entre os grupos. Cada time teria que encher cinco balões, levar até metade da quadra e depois retornar. Em seguida, um dos integrantes iria até onde estão os balões e seguraria um por um em sua barriga para que os outros gaviões e vespas estourassem. Depois, era a vez da corrida de saco na qual cada um teria que ir e voltar, passando a vez para o próximo. A primeira equipe que enchesse os três balões, estourasse-os e terminasse a corrida venceria e ganharia os doces.

É lógico que na prática todo o planejamento se entorta. Alguns não tinham força para encher as bexigas e tive que ajudar um time ou outro. Balões rebeldes que não estouraram no aconchego do abraço e acabaram levando pisões ao chão. Tombos. Risadas. Uma mocinha perdida parava ao meio da corrida. No fim foi muito valioso aquele momento. Quando terminaram, vieram correndo buscar seu prêmio.

- Como são todos amigos e estão se divertindo juntos, vou dividir os doces entre todos vocês. Sem vencedores e perdedores – comentei.

Então entreguei seu troféu. Balas e pirulitos. Ficaram muito empolgados.

- Podemos brincar de novo? – perguntou uma das meninas.

- Claro, vamos trocar os times agora – respondi.

Enquanto eu brincava com as crianças, na quadra ao lado do pátio, às 20 horas *Yaguarete* iniciou sua palestra. Apenas oito pessoas haviam ido até o local assistir. Encontravam-se do lado de fora, encostadas no beiral. Olhando muitas vezes para o nada. Apenas com o ouvido atentas ao que dizia o palestrante. Este, no caso, falava muito bem, expondo toda a parte jurídica que tinha conhecimento. Falou sobre os direitos, mas também dos deveres indígenas na constituição. Explanou sobre o álcool nas aldeias. Talvez o som das caixas tenha chegado a algumas casas próximas e atingido mais alguns ouvidos. Apesar da experiência com as crianças ter sido enriquecedora, senti-me um tanto triste por este outro fato. Esperava ver toda a comunidade finalmente reunida. Meu pesar foi direcionado para meu amigo também, já que por duas semanas acompanhei toda sua preocupação com seu povo, e sua dedicação naquele dia para organizar o evento. Infelizmente, lidar com pessoas não é uma tarefa fácil. Ou felizmente. Talvez felicidade não seja um termo para se utilizar nesse tipo de situação. É apenas como é. Várias cabeças com diferentes pensamentos: sempre um desafio lidar.

No caminho para casa, comentei minha observação sobre o número de participantes. Mas ambos, pai e filho, não pareciam exprimir tanta preocupação.

- Os *Sateré* são assim mesmo. Viu como os que vieram estavam? Encostados do lado de fora. Desconfiados. São um tanto acomodados também. O problema que estávamos competindo com a televisão. Era o horário da novela, então preferem ficar olhando cada um na sua caixinha, do que vir aprender mais – disse o Capitão.

- Mas não me preocupo não, Kaian. Como tenho dito para todos eles, agora vim para explicar sobre seus deveres. Quando eu vier para ficar mesmo, aí vamos cobrar. Dei a chance de ensiná-los, mas não quiseram vir. Só que o aviso está dado – disse *Yaguarete*.

- Entendo, se não olharmos com consciência para a televisão acabamos dominados por ela. Talvez tivesse sido melhor ter dado a palestra ontem, com uma fogueira acesa mesmo. – Eu disse.

- É. Quem sabe. Mas na outra oportunidade que estive aqui, conseguimos realizar um evento bem interessante. Fizemos demonstração com Ritual da Tucandeira com o *Hat* cantando. Roda de conversa. Foi mais um momento cultural mesmo. Teve uma grande participação – disse *Yaguarete*.

Já chegávamos em casa nesse momento. O frango havia acabado, então jantamos alguns biscoitos que comprei em barreirinha. Cansados, logo adormecemos. No dia seguinte encerraria minha primeira fase na aldeia.

Viajaríamos às 14h da tarde. A manhã era de culto. *Yaguarete* levou seu violão para participar das canções. Preferi não ir. Enquanto estava sentado na varanda lendo meus livros, vi diversas pessoas passando com seus ternos, vestidos e a bíblia em baixo do braço. “Mudam-se os rituais”, pensei comigo.

Segui ansioso até finalmente o nosso barco chegar. Sinto-me mal em ter esses pensamentos. Afinal, nutri muitas expectativas sobre aquela viagem. Por um tempo considerável da minha vida, imaginei que tais aldeias viviam em completa harmonia consigo mesmos e com o meio que habitavam. Fazia-me mal pensar que teria que voltar admitindo que estava errado. Que idealizei um mundo que não existia. Iludi-me em meio a minha ingenuidade. Pensava que esse final de semana distante da aldeia seria um momento para colocar toda a carga de informações adquiridas no seu lugar.

## Renovação

Conosco, no barco, voltaram alguns primos de 1º grau de *Yaguarete*. A viagem foi muito agradável, com muitas trocas de conversas. Mais juras de existência do Boto. Contava-me um deles sobre certo conhecido. “... *ele saiu de noite visitar sua mãe. Quando retornava pelo campo de futebol, chegando à sua casa, avistou um homem desconhecido caminhando. Estava bem vestido, com chapéu e paletó. Correu para dentro e apanhou sua espingarda.*”

*Depois foi se aproximando do tal indivíduo gritando para parar. Mas como não teve resposta, resolveu atirar. O tiro passou reto, porém o homem parou e olhou para ele. Depois continuou sua caminhada em direção ao rio. Este que atirou, nunca mais voltou ao normal. Ficou louco para sempre. Nunca se pode enfrentar o Boto.”* Seguiu empolgado ouvindo as histórias. Algumas das figuras míticas possuíam apenas a descrença deles, mas outras, como o Boto e o Curupira, eram sempre tratadas com muita seriedade. Existiam muitos aldeões com experiências com estas figuras. Não faltavam histórias de espíritos também.

- Há um lugar que sempre vamos pescar que, juro por Deus, tem uma alma que vive na beirada daquele rio. Já vi duas vezes e olha que eu era meio descrente com essas coisas. Mas eu e um amigo estávamos na beirada pescando, de repente, um homem negro, com paletó branco começa a sair de dentro da água. Ele passa pelo meio de nós dois e entra na mata. Depois daquilo não pegamos mais peixe o resto da noite. Sempre tem um que não acredita e digo para ir lá ver com os próprios olhos. E ele aparece novamente. – relatou *Wāhop*<sup>30</sup>, primo de *Yaguarete*.

- Será que quando retornarmos, eu consigo ir pescar com vocês nesse lugar? – Eu disse, empolgado com as possíveis experiências.

- Não sei se vamos retornar com vocês, acho que ficaremos mais tempo na cidade. Mas se conseguirmos, podemos sim. Podiam ter avisado que estavam em Ponta Alegre, assim poderíamos ter conhecido muita coisa.

O barco navegava lentamente sobre o rio, então chegaríamos somente na madrugada em Parintins. Durante a noite, minha mente começou a assimilar novamente as experiências vividas e produzir mais sentimentos e impressões. As peças se encaixavam de uma maneira impressionante. Não conseguia enxergar nenhum dos caminhos que assumi em minha vida separado do todo. Estava tudo interligado. Sentia como se independente das decisões que tivesse feito nas minhas encruzilhadas, o destino final seria aqui. Nesse estado. Nessa floresta. Junto a esse povo. Meu destino. Por isso, em todos os meios que passei, seja assistindo Globo Repórter na infância, realizando a graduação de Biologia ou dentro do Exército, o meu desejo em conhecer um pouco da Amazônia estava presente. Os objetivos foram adquirindo formas diferentes com o tempo, mas esse sonho sempre esteve comigo. Era ali, meu primeiro ponto de chegada. Onde meu destino se selava. Depois de toda essa altitude que alcancei, havia

---

<sup>30</sup> Jenipapo



apenas o abismo. As linhas me levavam aquele teçume final. Após isso me jogaria para um destino ainda não tecido.

Chegamos a Parintins e já adormecemos. A rede novamente montada na sala. Já estava ficando bom naquilo. Montava minha cama improvisada com destreza e já logo me afagava no seu abraço envolvente. Sentia-me incubado naquele tecido que me envolvia. Antes de adormecer, resolvi contar a *Yaguarete* sobre o sentimento que me possuía naqueles últimos momentos. Contei-lhe tudo, desde as minhas encarnações passadas como menino integrante daquela etnia, até os medos.

- É, Kaian. Reencontrando com as raízes. Já passamos por muita desgraça mesmo. Segue teu caminho e nos dê o melhor que pode. Meu povo precisa de toda ajuda possível. Aqui não cremos em reencarnação, mas segue teu coração. Não acredito que as coisas acontecem por acaso. Com certeza *Anumã* tem um plano para você aqui – disse *Yaguarete*.

- Creio muito nisso, ainda mais quando me recordo da forma que nos conhecemos lá naquele ritual *Guarani*. Se qualquer um de nós tivesse resolvido não ir aquele dia, toda essa viagem não teria ocorrido. Hoje vejo que diversas decisões que tomei ao longo da vida me trouxeram a esse lugar no momento certo. Tive que estar pronto para enfrentar tudo isso.

Adormeci, estava realmente cansado após aquela semana. Com isso, não houve sonhos aquela noite, apenas desliguei meu motor.

*(Desliguei meu motor da escrita também. Ligando novamente a ignição agora no dia seguinte).*

Assim deslizava no tempo. Aos tropeções, é fato, mas ia sendo levado nessa corrente, de forma que ultrapassava a linha de uma semana para meu ritual e, conseqüentemente, término daquela jornada. Na noite passada havia deixado meu celular carregando. Levantei e já o apanhei. Era o grande retorno. Ainda não o triunfal, porém já era uma vitória. Depois de saciar a curiosidade de muitos, chegou o momento de solicitar reforço para o grande trabalho que realizaria no sábado. Onde todas as minhas águas se encontravam. Liguei para Willka Nina.

- Oi mestra querida. Cheguei hoje em Parintins, terça já retornarei para a aldeia. O *Sateré* é uma etnia distribuída em mais de 100 aldeias. Durante meus dias aqui, fiquei nas mais próximas, onde já há muita influência do “branco”. Nelas, a maioria dos indígenas já está convertida para religiões cristãs. Segundo a liderança da aldeia, os pajés delas já foram

mortos ou abandonaram seus trabalhos como tal. Só se encontra eles se subir uma longa distância no Rio Andirá, onde traços da cultura ancestral estão mais presentes. Decepcionou-me muito me deparar com essa realidade, porém, mais do que isso, sinto-me realmente triste. Aquele peso nas minhas costas só tem crescido enquanto estou aqui, além do mais, carrego uma sensação de que todos esperam algo de mim. Não só os vivos, mas o plano espiritual também. Durante esta semana fiz importantes descobertas sobre minha existência que se ligam a todos esses sentimentos. Em conversa íntima com o rio que banha aquela aldeia, descobri-me como um antigo integrante desse povo. Era um menino que morreu afogado enquanto brincava alegremente com seus amigos. Toda a alegria daquela encarnação afundou junto com o corpo daquele garoto. Eu nasci, assim, como você já sabe. Com esse peso e essas idades a mais do que deveria. Assim, todos os canais fluviais da minha breve vida me trouxeram para esse momento, no qual me encontro com esse meu outro ser. Entre 10 e 15 anos, os meninos devem fazer o Ritual da Tucandeira (*Waymat*). Assim provam sua força e tornam-se guerreiros respeitados pelo restante da tribo. A minha criança faleceu antes de realizar seu grande sonho. Foi impedido, levando essa amargura para os mais remotos confins da minha alma. Tentei conversar com ele, mas não foi possível. Há uma passagem de um dos contos deles que reverberou em mim. Dizem que a batida cadenciada do pé direito ao chão é para acordar o menino do guaraná, enterrado pela sua mãe ao ser morto pelo seu tio. É um dos grandes heróis da sua mitologia. Assim será meu ritual, irei acordar minha criança com as batidas cheias de dor que darei ao chão. Através da dor, ele saberá que ainda há vida em mim. Em nós. A questão conflito é que, ao longo da semana fui sentindo que a missão é muito maior que isso, há muita dor enterrada nesse solo. Desde a guerra dos clãs até os cabanos e, consequentes, conflitos internos. Muito sangue derramado e almas que deixaram esse mundo, mas não os vivos que habitam nele. Vagam por aquele espaço, movendo raiva e causando discórdias. As guerras continuam Wilka, ainda não sei por quê, mas sinto que sempre foi meu dever retornar a essas antigas terras que me abraçaram, e realizar esse trabalho. Porém, sei que não consigo sozinho. Então, peço que de longe ancore minha energia e me auxilie nessa grande cura.

- Uau, querido. Resgate muito profundo mesmo. Muito forte. Pode deixar que estarei te ancorando e protegendo. Muitos feiticeiros nessas terras. Há um grande carma aí para você. Cuide-se – disse ela.

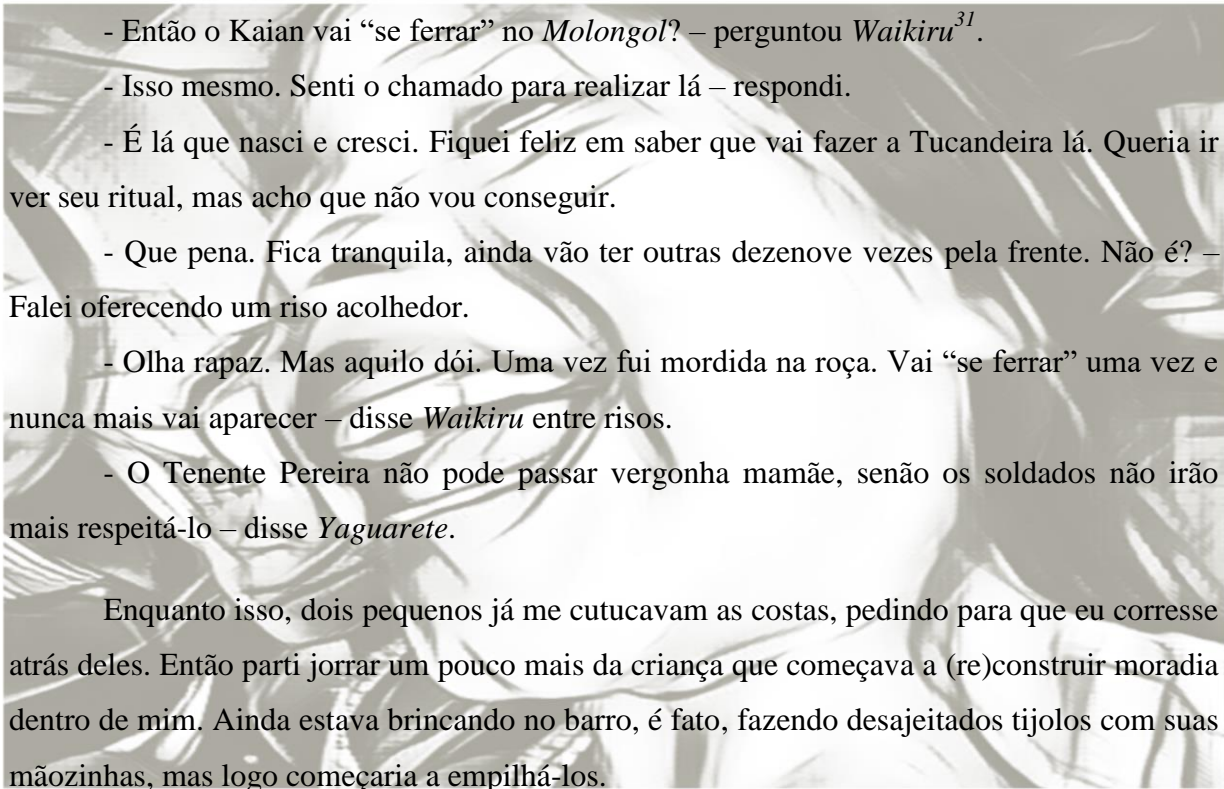
- Meu instinto sempre foi de frieza perante essas situações. Mas esta semana tenho sentido um medo muito intenso.

- Pela ausência de todos esses pajés, não teve mais ninguém que pudesse realizar a liberação das almas presas a esse plano. Então é esse seu papel agora. Você sabe como fazer, então fique tranquilo. Sábado eu vou para a beira do rio e faço uma jornada até você. Farei uma limpeza que não te deixará se intoxicar com o ritual. Me manda algumas fotos do local onde você sentiu essa energia atuar de forma mais intensa. Resgata sua criança que eu faço a liberação dessas almas. Depois colha algum material do local, pode ser uma pedra ou uma folha. Com isso consigo acessar a frequência do espaço para finalizar completamente o trabalho. Quando você estiver lá, lembra-se da utilização do prana dourado. Inunde o espaço com energia dourada, como se fossem ondas. Depois acesse o umbral para liberação das almas e mentalize os espíritos de luz, encaminhando elas para o alto. Só não se esqueça do teu menino. Ele era realmente muito importante para tribo. Por isso você está sentindo toda essa densidade, empatia e responsabilidade. Era um garoto que trazia alegria para os seus. Está pronto. Por isso está aí – tranquilizou-me ela.

Assim foi a conversa que eu estava necessitando. Com boas doses de confiança já começava a sentir minha força voltando. Talvez você se pergunte: *“Por que ele não procurou ajuda com os próprios indígenas?”*. Pois te respondo. Até porque tive que responder essa dúvida para mim mesmo. A descrença na reencarnação faria com que não acreditassem em mim. E mais do que palavras, eram sentimentos. Aquilo vivia tão forte dentro de mim, quanto qualquer outra fração de “ser” que nos compõem. Meus passos eram guiados por essas sensações. Então só acarretaria impressões desnecessárias. E, na possível e pior das situações, poderiam considerar de extrema presunção eu me sentir tão parte da sua tribo. Ou não. Podia estar errado. Mas achei melhor assim. Em meio a tantos confrontos que vinha vivendo, achei por bem não colocar em conflito suas crenças com as minhas.

## **Pessoas que Mudam o Mundo**

Após minha conversa ao telefone, foi o momento de capim cheiroso e beijada para o café da manhã. Realizamos a refeição junto à mãe de *Yaguarete* e seus netos. Agora minha barba, que havia crescido durante essas semanas, tomou a atenção das crianças. Fiquei me dividindo entre brincar com elas, conversar e realizar minha refeição.



- Então o Kaian vai “se ferrar” no *Molongol*? – perguntou *Waikiru*<sup>31</sup>.

- Isso mesmo. Senti o chamado para realizar lá – respondi.

- É lá que nasci e cresci. Fiquei feliz em saber que vai fazer a Tucandeira lá. Queria ir ver seu ritual, mas acho que não vou conseguir.

- Que pena. Fica tranquila, ainda vão ter outras dezenove vezes pela frente. Não é? – Falei oferecendo um riso acolhedor.

- Olha rapaz. Mas aquilo dói. Uma vez fui mordida na roça. Vai “se ferrar” uma vez e nunca mais vai aparecer – disse *Waikiru* entre risos.

- O Tenente Pereira não pode passar vergonha mamãe, senão os soldados não irão mais respeitá-lo – disse *Yaguarete*.

Enquanto isso, dois pequenos já me cutucavam as costas, pedindo para que eu corresse atrás deles. Então parti jorrar um pouco mais da criança que começava a (re)construir moradia dentro de mim. Ainda estava brincando no barro, é fato, fazendo desajeitados tijolos com suas mãozinhas, mas logo começaria a empilhá-los.

Após a refeição, eu e *Yaguarete* alugamos uma moto para facilitar nossa locomoção. Visitamos seu irmão novamente. Almoçamos no seu tio *Gãp*. Nova rodada de *sa’apó* e histórias. Depois seguimos nosso *tour*.

- Então, Kaian, hoje quero te levar para conhecer a Casa do Índio. Outra realidade nossa. Outra luta que meu povo vive. Primeiramente ela havia sido construída para transitar pacientes indígenas, em seguida, acabou sendo utilizada para transitar indígenas por meio do parentesco. E atualmente, ela é um local de venda de artesanato como auto sustento de estudantes indígenas.

Chegamos a tal residência. Parecia um local público. Algo como uma creche. Cor bege gastada. Escrituras na parede da frente. Não havia andares adicionais. Entramos por um portão lateral que dava acesso a um pátio coberto. Então meus olhos se deparam com o “provocador”, aquele que vem para nos desestabilizar. Algumas redes pairavam acima do chão marcado pelo limo, produzido a partir do esgoto que corria a longo tempo. Os ratos possuíam circulação livre. Alguns tanques de lavar roupa. TVs estavam ligadas. Crianças brincavam. Aos fundos, corria o rio, com grandes navegações. Já sem muros, era ampla a vista, parte da calçada já começava a ceder em decorrência das erosões.

---

<sup>31</sup> Estrela.

- Sempre que venho visitar minha família em Parintins, gosto de passar aqui para lembrar por quê e por quem eu luto – disse *Yaguarete* com uma convicção fria.

- Um choque mesmo.

- Fico indignado de vê-los assim. A prefeitura não ajuda, todo ano tem a Festa do Boi<sup>32</sup>, feita em grande parte pelas crenças indígenas, gera enormes recursos para os cofres da cidade. Acha que vem algo para nós? Nada! – falou indignado.

Continuamos andando pelo local. Entramos em um dos quartos. As redes eram organizadas de forma a otimizar o espaço, como nos barcos. Umas acima, outras abaixo. Em um canto, um grupo fazia seu artesanato.

- A principal fonte de renda deles aqui é o artesanato. Mas tem outros que fazem outros serviços na cidade, sendo pedreiro ou segurança. Quem conduz e sustenta esse local é meu primo com seu artesanato.

Seguimos então para uma sala aos fundos do local, entramos em um recinto repleto de esculturas de madeira posicionadas em diferentes mesas. Num canto estavam dois homens e duas mulheres produzindo algumas artes. *Yaguarete* me apresentou a todos, em especial a um homem, disse ser seu primo.

- Olá, mais visitantes. Muito prazer. Me chamo *Egã*<sup>33</sup>, coordeno a confecção dos artesanatos aqui da casa – disse calorosamente o anfitrião.

- É... Kaian, esse é meu



<sup>32</sup> Famosa festa que ocorre na cidade de Parintins.

<sup>33</sup> Galho

primo que faz acontecer tudo isso aqui. *Egã*, esse é meu amigo lá de Florianópolis, veio estudar e conhecer um pouco da nossa cultura, cursa Biologia lá e é tenente do Exército. Um *Surara* – apresentou-nos *Yaguaretê*.

- Muito prazer também. Estava esperando a viagem toda para conhecer um lugar repleto de artesanato indígena assim. Tudo que faz aqui é relacionado à cultura *Sateré* mesmo? – perguntei.

- Sim, cada artefato desses tem uma história. Trabalho há muitos anos com isso. Quando eu morava em Castanhal, aldeia que você deve ter visitado, onde nasci, meus avós me contavam várias histórias e eu era fascinado por elas. Ouvia cada palavra. Como essas máscaras aqui... – Apanhou uma de várias esculturas de madeira em formato de máscara com cocar e pinturas. – Que contam sobre nossos antepassados guerreiros, que, ao irem para os combates vestiam máscaras como essa para impor mais medo aos inimigos.

- Que legal *Egã*! Durante esse tempo que estou acompanhando etnias indígenas, tenho tido dificuldade em ouvir seus contos. Tenho a impressão que os mais velhos limitam até aos mais novos membros do seu próprio povo esse conhecimento. – Perguntei sem ponto de interrogação.

- É porque já roubaram muitos valores nossos. É uma herança difícil de esquecer. Mas penso diferente, acredito que um conhecimento tão riquíssimo, como o nosso, e uma cultura tão linda não devem morrer com nossos anciãos. Por isso conto uma história para quem vem aqui me procurar. Estudantes e professores como você. Mas não mais do que uma ou duas histórias. Então, cada vez que a pessoa retorna conto mais uma – instigou-me *Egã*.

- Acredito no mesmo que você. É inevitável que diferentes culturas entrem em contato. Se os ensinamentos ancestrais não forem repassados para frente com orgulho, podem acabar substituídos ou sofrerem hibridização. Como muito tenho reparado com as culturas cristãs, na qual seus membros, constantemente, tentam repassar a outras pessoas – eu disse.

- Sim, mas é uma barreira que temos que vencer dentro do nosso próprio povo. Muitos ainda desaprovam o que faço aqui, porém, é o que ajuda a sustentar esse local e todos esses indígenas que se mantêm firmemente estudando, buscando algum espaço nessa sociedade.

- Muito bonito mesmo o seu trabalho. Você indicaria algo que eu possa levar que possua uma simbologia relacionada à família? – perguntei ansioso para receber minha história. – Quero levar algumas lembranças.

- Tenho essas canoas, com diversas cores e tamanhos. Dizem que há muito tempo atrás, todos os seres humanos viviam juntos no início do rio, em um local com muitas pedras,



que hoje supomos ser próximo à Cordilheira dos Andes. Lá eram governados pelo Imperador, um de nossos heróis, um homem muito sábio e justo, mas depois de tantos anos vivendo naquele local, a população começou a se elevar demais e já não tinha espaço e recursos para todos. Foi então que ele decidiu sair dali com seu povo, disse que todos deveriam ajudar na construção de canoas – balançou a canoa de madeira em sua mão – para cumprir tal tarefa. Quando estava tudo pronto, iniciaram o embarque para a grande partida. Cada família já estava dentro da sua canoa, porém, um estava ficando para trás. Esse ia entrar, mas falava: “não posso deixar o açaí, ele é muito importante para nossa alimentação”, voltava e buscava o açaí. Quando foi entrar, falou outra vez “mas e o *urit’i*<sup>34</sup>?”, também não posso deixá-lo. Buscou. O ato se repetiu com o guaraná, a onça, a cutia... Até que o Imperador lhe disse: “você, que gosta tanto dessa terra, ficará aqui com sua família, devem cuidar dela, e um dia retornarei para ver se fizeram bem o que lhe recomendei”. O restante do povo continuou descendo o rio. A cada lugar, o Imperador ordenava que uma família ficasse e cuidasse daquele lugar. Essa é a sua canoa. – Entregou-me o artefato, agora carregado de significado.

- Sou apaixonado pela simbologia das coisas. Gosto de ver o que há além do que temos na frente de nossos olhos. Escarafunchar os detalhes – eu disse repleto de empolgação.

- Então volte sempre para mais histórias. Hoje em dia, alguns de nós já acreditam que o Imperador é Jesus Cristo. Seus descendentes são os “brancos” que retornaram. Como ele disse na história, um dia retornaria para ver se cuidamos bem dessa Terra – disse *Egã*.

- Interessante. Mas vai saber se isso não ocorreu mesmo e se não é ainda mais antigo que Jesus Cristo, pois os continentes já foram ligados há muito tempo. É um conto que pode ter sido repassado e adaptado conforme o tempo, desde o surgimento da espécie humana em um ponto do planeta – repliquei, instigado pelas ideias que saltavam na conversa.

- Sabedoria *Sateré*. Tenho muito orgulho de fazer parte desse povo – disse *Yaguaretê*.

- Tenho mais um pedido *Egã*. Você tem algum maracá? Desde minha primeira visita aos *Guarani* desejo um.

- Olha, no momento não tenho, mas passe amanhã aqui que farei um para você. Você gosta de alguma cor específica?

- Vermelho. Peço que o orne com símbolos também.

- Farei isso.

Com isso nos despedimos e retiramo-nos. No caminho de volta, minha visão sobre aquele espaço já era outra. Havia toda uma história de luta que pairava ali. Escarafunchando,

---

<sup>34</sup> Inambu: também conhecido como pássaro do mato.

descobri além de uma casa de tinta bege falhada. Por trás havia luta, arte, cultura, história, sonhos. Havia seres humanos que batalhavam por si mesmos e pelos outros. Um grupo de pessoas que educa e dá sustento para vários jovens, mudando suas vidas e trazendo alternativa, uma luz. Ou várias. Afinal, elas não estão mudando o mundo? Mesmo que seja apenas o espaço que lhe afete.

### Será o Sonho Retornando?

Não sei! Às vezes paro e tento entender os mistérios que rondam minha chegada até aqui. Talvez seja apenas a minha tendência a encarar qualquer aspecto da vida como um quebra-cabeça. Mas é a única forma de existir que conheço. Então continuo... Como posso estar sendo agraciado por conhecer tanta coisa nova? A cada momento percebo que há tantas invisibilidades para nós nesse mundo. No entanto, também somos tão invisíveis para tantos lugares. O tempo e o espaço se entrelaçam perfeitamente para um determinado momento se fazer possível. Se não existo naquele minuto e naquele lugar, quem passa por ali já não cruza suas linhas com as minhas. Assim, toda a realidade se altera e novas possibilidades são formadas e outras são descartadas. O que aconteceria se eu tivesse adiado um ano minha viagem? Se não tivesse ido à aldeia *Guarani* naquele exato dia que *Yaguarete* também foi? Continuaria invisível, assim como eles?

Chegávamos à segunda-feira. Como era bom acordar em um dia como esses e não precisar vestir a farda. Olhava no espelho e apreciava a barba grande destacada em meu rosto, feliz pensava: “ainda não, Tenente Pereira”. Viveria o Kaian por mais algum tempo.

Após o ritualístico café-da-manhã, continuamos nossa rodada de visitas. Foi a vez de conhecermos outra tia de *Yaguarete*. Não tínhamos conhecido antes, pois enquanto estávamos em Parintins ela estava em Ponta Alegre, e quando viajamos para lá, ela veio para a cidade. Mas dessa vez tudo convergiu e fomos visitá-la. Na casa morava ela, o marido e seus filhos. Chamava-se *Akuri*<sup>35</sup> e ele *Caratiu*<sup>36</sup>. Sentamos à mesa da cozinha. Nós quatro. Em cima ia uma garrava de café e uma televisão pequena ligada. Durante um bom tempo a temperatura da conversa foi bem morna, visto que tinha um objeto chamando a atenção. Fazia tempo que não

---

<sup>35</sup> Cutia.

<sup>36</sup> É o nome de uma das etnias brasileiras já sem representantes. Motivei-me a escolher esse nome, pois conheci indígenas lá que eram um dos últimos de sua etnia. Agora vivem nas cidades ou em meio a outras tribos que os acolhem.

vivia um momento como esse, estranhei. Já fazia algumas semanas que visitava casas sem TV e pude perceber a diferença expressiva no desenvolvimento de uma conversa com esse estimulante visual. É muito diferente quando a única opção que se tem é olhar para quem está à sua frente e deixar sair alguma palavra, para não ser consumido por um silêncio e um vazio desconfortante. Quando o equipamento foi desligado, os nossos olhos se tornaram então as telas da vez. A conversa seguiu com as apresentações. Conteí sobre minha vinda ali. Semelhantemente ao que já havia presenciado na outra casa, *Caratiú* falou mais comigo, e *Yaguarete* aproveitou para falar com sua tia, até que, em dado momento, a conversa cruzou.

- Titio, desculpa a pergunta e se não quiser falar sobre, pode ficar tranquilo. Mas é que o papai comentou comigo sobre seu lado pajé e gostaria de saber um pouco mais sobre, já que tem sido raro encontrá-los – comentou *Yaguarete*.

Nesse momento, até endireitei em minha cadeira. Sem querer devo ter estalado os olhos e virado para aquele senhorzinho à minha frente. Pensei comigo: “Como assim um pajé? Como não me falaram que tinha um tão próximo?” Já tinha até desistido de conhecer alguém. Agora sentia minha viagem efervescer novamente.

- Sim, sim. Tranquilo meu filho. Não tenho problemas em admitir minha pajelança não. É o que sou afinal.

- Mas o senhor poderia me falar um pouco mais sobre esse trabalho?

- O pajé é apenas um instrumento de Deus. Nosso poder vem dele e de nossa fé. Quando uma tarefa de cura chega até nós, entregamos nosso corpo ao serviço. Então, através do nosso corpo os espíritos fazem a cura. Não podemos cobrar nada por isso, pois é um dom dado a nós.

- Essas coisas que dizem por aí sobre feitiço, é verdade mesmo?

- Sim! Claro que é. Tem muitos feiticeiros espalhados por aí. Vivem me mandando uma porção de feitiços, mas já sou forte e experiente nisso. Para quem mantém os hábitos de vida corretos, não pega não. Por isso não fumo um cigarro e não bebo uma gota de álcool que não seja um trabalho de cura que tenho que fazer.

- Seu *Caratiú*, então vocês pajés trabalham com a incorporação de espíritos apenas? – perguntei.

- Na maioria das vezes sim. É claro que temos nosso conhecimento sobre as ervas, passamos chás, remédios, mas que também é ensinado por eles. No trabalho, incorporamos caboclos e índios.

- Estou curioso, pois nos últimos anos tenho tido uns episódios que me parecem ser incorporação, mas cada espaço que visito e pergunto, diz ser coisa diferente. Os *Guarani* dizem que é minha própria força interna, os budistas também, os umbandistas dizem que é minha falange espiritual, exú, preto velho e tal. Gostaria de saber a opinião do senhor sobre isso.

*(Pois aí temos um fato da vida de Kaian que não foi exposta anteriormente. Deixemos os primeiros surgimentos de lado, concentremo-nos no fato atual que estou expondo. Fiquem os fatos antigos como um mistério, sem violação).*

- Olha, como sempre digo: “Quem é, não quer ser, e quem não é, quer ser”. Isso só é para quem pode. É um dom dado por Deus. A pessoa que vem para ser pajé já recebe o sinal desde cedo. Eu tinha seis anos e os espíritos já apareceram para mim, dizendo o que teria que fazer para abrir meus caminhos. Isso que acontece com o senhor, os espíritos estão lhe “bulinando”. É preciso abrir um trabalho para expulsar quem te atormenta, porque isso pode acabar atrapalhando a vida do senhor. Prejudicando seu trabalho, seus estudos. Aí sim, vai ver a força do pajé. Nosso trabalho é diferente, não é essas coisas do mal que tem por aí. De candomblé, umbanda. Funciona mesmo. Lidamos apenas com os espíritos do bem.

Acabou pegando na ferida. A intolerância religiosa era algo que me corroía, que matava tantas pessoas no Brasil e no mundo. Em meio às minhas idealizações dos pajés, não esperava encontrar esse tipo de pensamento neles. Guiado pelo instinto do momento, acabei entregando-lhe meu lado reativo.

- Mas o senhor acha que essas outras crenças estão erradas?

- Veja bem, tem o que chamamos de mesa branca, onde se reúne as falanges dos pajés que trabalham em prol do bem e esse outro lado. Esses negócios de Exú, Pomba Gira, isso não é de Deus não. Esses trabalhos que cobram, sempre querem algo mais em troca. Os nossos espíritos não, fazem apenas pelo serviço, pelo bem. Por isso que digo, ser pajé é para poucos. Tem que estar pronto para abdicar de tudo, trabalhar na linha, servir quando for chamado. Não tem hora e nem lugar.

- Mas penso diferente, pois ao pensar dessa forma que o senhor me diz, nega-se toda a cultura de grande parte de um continente, africano, em que as pessoas possuem crenças como essas. E nessa vertente, condenam-se todos ao lado do “mal”. Não consigo acreditar em um Deus que prioriza mais uns filhos a outros – eu disse em tom armado.

- Não é bem assim. Eu não pedi para ser pajé, mas é o dom que recebi... – ele disse mantendo a mesma serenidade do início da conversa.

- Eu entendi o que o senhor quis dizer titio. É a força da nossa ancestralidade – disse *Yaguarete* tentando amenizar a discussão e colocar um ponto final.

Preferi não continuar a discussão também, o assunto acabou mudando. Mas Seu *Caratiú* mudou sua forma de me olhar. Parecia que seus olhos pairavam dentro da minha mente. Sondando. Estava muito fechado para fazer o mesmo. Não toleraria intolerância. Em parte estava frustrado também. Minha espiritualidade havia sido rebaixada à “bulinação de espíritos”. Esperava mais de mim mesmo. Então era uma carga alta de decepções para sustentar. Fui um tanto infantil e permaneci emburrado no restante da visita.

Retornamos para casa. Havia voltado à estaca zero. Por um momento pensei que aquilo traria novos sopros à minha viagem, mas agora meu caminho parecia prosseguir para o mesmo rumo.

### **Caminhos. Ah! Os Caminhos.**

Durante a noite *Morekuat* precisava falar comigo.

- *Karaiwa*, ainda tenho um compromisso em Parintins na quarta, e não poderei retornar com você amanhã para Ponta Alegre. *Yaguarete* quer ficar um pouco mais de tempo com a mãe dele, então deixará para retornar comigo na quarta-feira de tarde. Para que você possa voltar e ficar mais tempo em meio aos indígenas mesmo, comendo farinha... Não é? É o que quer certo? – disse me caçoando. - Voltará amanhã mesmo. Pedi ao *Caratiú* para te acompanhar, ele fará o que fiz por você na outra vez. Vai comprar sua comida amanhã e irá garantir que o “branco” não se perca nos barcos do cais – disse entre risos.

Tive que rir. Teria que passar 8 horas em viagem de barco logo com a única pessoa que eu não havia me afeiçoado. Contanto que não entrássemos novamente naquele assunto, a paz se manteria. *Yaguarete* se divertia com a situação.

- É *surara*, a vida sempre nos desafia – disse sorrindo.

Assim foi. Quando adormeci, em meio ao balanço da minha rede, fui levado para um prédio com partes de madeira e outras de alvenaria, eram preenchidos com diversos móveis velhos. As paredes ruíam descascadas. Fotos antigas minhas e de pessoas conhecidas e desconhecidas “(des)decoravam” as paredes. Através de uma janela vi uma onda gigante

chegar e levar o prédio abaixo. Eu me agarrava aos móveis com uma força tremenda, como se achasse que neles estava minha chance de escapar vivo. Por um tempo até me mantinha, mas logo eles eram carregados também e me perdia. Fui levado...

Acordei. Já estava com vontade de retornar à aldeia. Aqueles dias haviam realmente recarregado minhas pilhas. Logo no início da manhã, segui com *Yaguarete* para a Casa do Índio em busca do meu maracá. Estava ansioso para receber meu instrumento. Como teria ficado? Para quantas histórias ele daria vida?

Chegando ao recinto, cumprimentamos *Epã*, sentia grande simpatia por aquele homem, não apenas pela sua história, tinha algo a mais. De dentro de uma sacola posta em cima do banco ao lado, ele retirou meu instrumento, fiquei apaixonado assim que vi. Pintada de vermelho estava repleta de símbolos. Em seu cabo circundava uma gravura semelhante ao de uma fita de DNA. Coincidência? Cada desenho me fascinava ainda mais. Fiquei por um tempo considerável olhando o instrumento com um meio sorriso no rosto. Parecia que havia recebido um grande presente. Dele irradiava uma grande energia pelas minhas mãos em direção ao restante do meu corpo.

- Nossa *Epã*! Que incrível! Superou minhas expectativas, não tem preço que pague por isso. Obrigado pelo carinho.

- Que isso, *Karaiwá*. Que seja a força *Sateré* te acompanhando para onde quer que vá.

- Pode me explicar um pouco sobre esses símbolos gravados nele?

- Não tudo. Da maioria apenas aceite sua força. Mas esse aqui, por exemplo, os “não indígenas” dizem que eles inventaram a escrita e trouxeram para cá, pois os povos não tinham. Mas essa aqui é a primeira letra do começo ao fim da história da humanidade.

- Sério? Quanto conhecimento milenar guardado aqui. E que força incrível nesse instrumento. Sem palavras. *Waku Sese*.

Saí dali extasiado. Os ventos estavam mudando seu sopro de direção e meu peito começava a se encher de potência. Estava pronto para retornar.

Depois das despedidas, retiramo-nos e fui encontrar com *Caratiú*, que me ajudou a comprar os mantimentos para o restante dos dias e para o cantador no ritual. Seguindo a tradição, eu teria que comprar comida para sustentar ele e sua família durante o dia. O clima entre mim e Seu *Caratiú* seguia tranquilo. Ele era um homem muito sereno e alegre. Tratou-me muito bem. Prestou todo o auxílio que eu necessitei. Para engordar essa impressão nova



que tinha daquele homem, ainda fui carregado pela cidade por ele numa bicicleta adaptada. Um pouco envergonhado também, é verdade, mas foi interessante. A forma calorosa com que todos me tratavam desde que cheguei, me cativava cada vez mais. Sentia meu peito amolecer com o tempo. Depois da turbulência que passei na semana anterior, sentia-me mais leve.



## O Retorno

Desaguei novamente na área indígena Andirá-marau...

Chegamos à Ponta Alegre por volta da meia-noite. Acabei dormindo na casa de *Caratiú*. Cansados da viagem, apenas chegamos e adormecemos.

Sentia-me muito mais tranquilo, comparado ao meu estado antes da viagem para Parintins. Mas o sentimento de cumprir minha missão de encontrar uma pesquisa para realizar ali e que, inclusive, ajudasse aquele povo, não padecia. O que pairava sobre minha mente era a concepção da identidade indígena. Meus questionamentos eram: como aquele povo se relacionava com sua identidade indígena? E com a *Sateré*? Em meio a tantos descendentes de “não indígenas”, todos os moradores da área se consideram “índio”? O que une esses indivíduos depois de tanta diversificação em sua cultura? Para tanto, planejei imprimir questionários na escola e realizar visitas nas casas na quinta-feira para pedir aos moradores que respondessem às perguntas. Tentaria diversificar as idades para ver se o teor das respostas mudaria.

Outra novidade é que haviam iniciado as aulas. Estava muito interessado em conhecer o colégio. Então, logo pela manhã, ao acordar, dirigi-me à escola para verificar a possibilidade de realizar meu desejo. Eu era outra pessoa, desloquei-me sozinho e me sentia muito à vontade andando pelas estradas. As pessoas, casas, animais, já me conheciam.

Chegando ao colégio, conversei com o diretor. Descobri que a turma do 6º ano teria aula de história cultural no período da tarde e eu poderia participar, e então, me programei para retornar. Continuei caminhando pela aldeia. Passei a perceber detalhes que não havia notado anteriormente, como por exemplo, as calçadas de concreto, que haviam secado com um grafismo lhes decorando. Passei a notar outros desenhos como esses espalhados pelos locais que passei. Em muretas de madeira de casas. Nas próprias paredes das residências. Pinturas em casas. Representações artísticas. Em uma dessas casas que passei, acabei encontrando o primo de *Yaguarete* que conheci no barco, na ida para Parintins. Ele se aproximou enquanto eu olhava distraído para a parede. Fiquei admirado com o desenho que a decorava. Composto pelos principais símbolos da cultura *Sateré*.

- *Waku Sese, surara*. Gostou do desenho? Eu que pinte.

- *Waku, Wãhop!* Não sabia que estava em Ponta Alegre. Bom vê-lo novamente.
- Sim, retornei, mas sexta já irei para Parintins novamente.
- Entendi. Muito legal sua arte, não sabia que fazia grafismo. Você faz pinturas para os rituais também?
- Faço sim. Já rodei por muitos lugares desse país mostrando meus desenhos. Sempre me convidam para encontros indígenas.
- Você poderia fazer as minhas pinturas para o ritual? – perguntei empolgado.
- Claro que sim. Venha amanhã cedo aqui que faço.
- Ótimo. Combinado.

Enquanto caminhava, outros pensamentos me rondavam. Finalmente havia conhecido um pajé, figura que tanto movimentou sonhos em minha vida. Quanto mais os dias avançavam, mais eu acreditava na sincronicidade da vida. Nossos caminhos não podiam ter se cruzado em vão. Acalmando meu lado reativo, colocando o velho sério em demasia para dormir, acabei decidindo me jogar.

Ao meio dia retornei para o almoço. Seu *Caratiú* já estava com o frango à mesa.

- Olá rapaz. Vamos, sente-se. Já preparei a comida – falou o senhor enquanto terminava de preparar a mesa e seguia com passos curtos e rápidos para a frente da casa.

A sua residência era de madeira com alguns remendos feitos com telhas, chão de terra e repleto de coisas velhas. Parecia gostar de acumular coisas. Era um homem muito comunicativo. Enquanto eu comia ficou sentado na frente da casa conversando com quem passava. Fazendo piadas para as pessoas à distância. Não tinha a seriedade de um guia espiritual. Terminei minha refeição e me dirigi para onde ele estava.

- Seu *Caratiú*, estive pensando enquanto caminhava. Sei que temos nossas diferenças, mas acredito que nada é por acaso. Inclusive termos nos conhecido. Sempre admirei muito a espiritualidade indígena e, se for possível, logicamente com a autorização dos seus guias, gostaria de abrímos um trabalho para mim.

- Ah sim, meu filho. Claro que sim. Vamos abrir seus caminhos e ver o que os guias têm a dizer. Vamos tirar esses espíritos que estão lhe “bulinando”. Aí sim vai ver só a força de um pajé, a diferença do nosso para esses outros trabalhos que você foi.

Estava tentando. Controlando e resistindo.

- Bom, como disse anteriormente, temos opiniões diferentes. Meu intuito não é comparar, nem julgar melhor ou pior, apenas conhecer o seu trabalho.

- O senhor não me entendeu. O trabalho do pajé é diferente. O senhor vai ver. Espera e vai ver. É forte mesmo. Logo vamos tirar esses espíritos. Estão atrapalhando sua vida. Depois vai ficar livre dessas sensações ruins que está tendo. Hoje terá jogo, então não é bom abrímos. Muita gente passando na rua, falando, amanhã faremos. Aliás, *Morekuat* mandou recado pelo barco de hoje. Pediu para avisar que não conseguirá retornar hoje, talvez venha amanhã, então você dormirá mais uma noite aqui – disse *Caratiú* repleto de confiança.

No fundo eu não queria me ver livre delas, preferia ver como um dom a ser desenvolvido. Decepcionava-me pensar que eram apenas espíritos me “bulinando”, mas mantive a postura que havia decidido assumir. Apesar do meu descrédito para com sua imagem, que aumentava cada vez mais, não retiraria meu pedido. Que preconceitos eram aqueles? Que tipo de guia espiritual era ele? Encerramos ali.



Quando chegou a hora, me dirigi ao colégio. Fui recebido pela professora que lecionaria a aula que eu ia assistir. O conteúdo foi sobre teçume. A professora utilizou papéis com o desenho do trançado para imitar a prática. Com base nisso foi relatado o conto. Com paixão, ela falou do princípio do teçume. Achei incrível. Animais, plantas e seres humanos dividiam espaço no enredo, todos alinhados e conectados. Trançados.



Somos animais também, mas quis expor de forma distinta para evidenciar a conexão que notei. Aquela aula encontrou-se com o perspectivismo ameríndio de Viveiro de Castro<sup>37</sup> que residia dentro de mim. Como fazem suas relações com o mundo que vivem? Nos mitos da crença tradicional *Sateré*, todos os animais eram seres humanos que, em dado momento da história, tornaram-se o que são. Evidencia um protagonismo nosso, afinal, somos para quem a história se constrói. Mas ao mesmo tempo uma raiz primordial única. Independente da forma que tenha esse primeiro ser, transmite-se a ideia de um ponto de partida semelhante, em que todos eram iguais. Com o ressoar das narrativas, esses seres são envoltos em uma importância além das suas características físicas, biológicas e econômicas. São recobertas por bases estruturais feitas de fatores emocionais e culturais.

Ao fim da aula, agradei a turma pela oportunidade. Aproveitei para transferir meus sentimentos pelas vivências que estava tendo e pediram se podiam registrar o momento.



---

<sup>37</sup> “Nativo Relativo”, Viveiro de Castro (2002).



Munido com minhas dúvidas, fui até a professora.

- Adorei sua aula. Gostaria que nas nossas escolas tivessem aulas como essa também, mas tenho algumas dúvidas, na Universidade questionamos muito esse modelo tradicional de se estudar e fiquei pensando, tanta área verde por aqui, e tanta arte alinhada à cultura, não seria interessante levar os alunos para terem aulas ao ar livre? Como essa aula de hoje mesmo, ser ministrada no próprio local em há essas palhas utilizadas no trançado.

- Primeiro, muito obrigado pelo elogio. Sobre a sua dúvida, já realizamos aulas assim, mas não é sempre que conseguimos. O local onde crescem as plantas é longe, levar uma turma lá nem sempre é fácil, e requer o dia todo. Então precisaria de uma organização maior do colégio para tanto.

- Entendo. Nem sempre as coisas são tão fáceis como parecem, não é mesmo? Mas vale se pensar. Depois farei a sugestão para o coordenador também. De qualquer forma, muito obrigado pela oportunidade.

Aproveitando que estava no colégio, pedi para que me deixassem montar e imprimir o questionário que levaria nas residências no dia seguinte. Feito isso, despedi-me de todos e parti.

Já era quase pôr-do-sol, resolvi passar na casa de *Hat*. Chegando lá, me informaram que estava na casa da filha. Ao explicarem o trajeto, segui para lá. Foi uma das pessoas que mais me afeiçoei naquela viagem. Fiquei até muito tarde escutando e contando histórias, mais ouvindo, para ser bem sincero. Aproveitei para rememorar as dicas para o ritual. Conheci também *ariukere*, o bicho-preguiça de estimação da família. Mais um encanto que me enlaçou. Outra novidade. Fiquei brincando com o animal. Como parecia um ser humano (dos preguiçosos). Espreguiçava-se e deitava com o as duas patas dianteiras escorando a cabeça, como se fossem duas mãos apoiadas. Para comer, cumpria o ritual de mastigar bem o alimento antes de deglutir. Depois de muito papo, retornei para a casa de *Caratiú*.



Cheguei e adormeci como um bicho preguiça.

Novamente os sonhos me invadiram.

Dessa vez eu estava em uma rabeta, parado à beira do rio. Era dia. Enquanto me distraía mexendo no celular, outro barco passou, subindo o rio, era semelhante aos que eu vinha viajando. Nesse momento coloquei o celular em cima de um banco e *Caratiú* me gritou: *Venha garoto! Vamos nos atrasar.* Estava ele e sua esposa. Pulei no rio e nadei até eles, quando subi lembrei-me do meu celular. Fiquei preocupado em deixá-lo ali, mas pensei: *Depois eu retorno e pego.* Nadamos até a outra costa. Onde chegamos havia uma trilha larga que subia perfilada por duas linhas de árvores que seguiam até seu destino final. Aportamos ali e, enquanto caminhávamos, um cavalo branco surgiu. Não era muito grande, mas era lindo, seu peito brilhava. A crista rosa. Parecia ter saído de um conto de fadas. Mágico. Ele foi até *Caratiú* primeiro, depois veio até mim. Após o encontro, continuamos a subir, até que chegamos a casa deles. Após deixar nossas coisas ali, fui visitar *Hat*. Chegando lá recebi a notícia que estava muito doente. Nem pude vê-lo e retornei muito triste. Abatido, fui falar com *Caratiú*. “*Não há nada que possamos fazer?*” e ele respondeu-me que não, pois o caso era muito grave e entrou em seu quarto. Mantive-me preocupado com a situação, e, de repente, ele voltou até mim:

“*Vamos Kaian, vou ajudar Hat*”. Chegamos à residência e ele entrou sozinho no quarto. Retornou após algum tempo com boas notícias. Tinha tido sucesso, começou a me contar que ervas havia utilizado e como tinha curado o homem. Achei muito importante prestar a devida atenção, mas enquanto ele explicava só conseguia pensar em meu celular esquecido no barco. *Ninguém roubaria?* Não podia ficar sem o celular, já tinha perdido a câmera. Perdido nesse emaranhado, fui acordado pelo término da fala de *Caratiú*. Foi-se todas aquelas importantes informações. Assim foi.

## A Força do Pajé

Levantei cedo nessa manhã. Estava me sentindo cada dia mais empoderado. Por vezes, sentia a criança mexendo-se dentro da cobra que a deixei e pensava: “*estamos quase lá*”. Pensava em todas as almas brigando por décadas naquele espaço, e me sentia mais ardente para completar meu objetivo.

Tomei o café, apanhei as folhas contendo o questionário e segui para minha missão pela aldeia. Enquanto caminhava, o sonho da noite pairava sobre minha mente. Por que *Caratiú* surgia sob uma forma de tanta maestria? Acredito que tenha sido um daqueles sonhos confusos que mistura diferentes elementos vistos durante o dia.

Mas voltemos para o passeio. Em estado de independência caminhando pela aldeia, falando com os moradores. Tantos encontros tornando possíveis. Tantas pessoas estavam prestes a sair do seu local de invisibilidade que habitavam dentro de mim. Viajava em meus pensamentos. Pensava em gravar algumas pessoas falando. Registrar fotografias. Já havia aprendido a lição da perda da câmera, estava mais inteiro no local. Acredito que agora estava no rumo certo da pesquisa. Ótimos materiais seriam colhidos. Então escolhi ir primeiro à casa do homem mais velho da aldeia, o Sr. Constantino tinha 94 anos. Chegando lá, descobri que ele era avô do garoto que colhi amapá no início da viagem. Falei com o menino primeiro.

- Tudo bem, *kurum*? Gostaria de entrevistar seu avô. Tenho algumas perguntas aqui para ele.

- Oi! Pode tentar, mas ele não ouve muito bem.

Realmente foi frustrante. Ele não entendia o que eu falava e já não estava muito lúcido pela idade, então acabei decidindo seguir meu caminho. A próxima casa também foi de uma idosa. Apesar da idade, era muito tímida. Não sabia ler e escrever, portanto, transcrevi o que ela dizia.

- Acho que ser índio é viver essa vida de roça nossa. *Sateré* come *u'i*<sup>38</sup>, toma *sa'apo*. Minha casa de palha, veja, meus avós já faziam casas assim. *Pira pe*<sup>39</sup> né. *Miat pe*<sup>40</sup>. Como se fala? – Fez um gesto com as mãos de pescar e caçar.

- Caçar? Pescar? – Resolvi a mímica dela. Ela não falava totalmente o português. Mesclava as palavras.

- Isso, *Karaiwa*. *Uity*<sup>41</sup> cresceu aqui nessa casa que vivo, *Ity*<sup>42</sup> também. Esse é meu lugar.

Apenas anotei o que ela dizia, para depois traduzir. Despedi-me dela e segui meu trajeto. Passei por outras residências, mas a maioria deles era muito tímido. Não havia pensado nisso antes, fazia falta alguém para realizar a ponte entre mim e as outras pessoas da aldeia. Nem todos estavam acostumados com nós “não indígenas”. Ficavam um pouco desconfiados ou tímidos.

Passei por um local que estava tendo uma construção. Havia alguns homens trabalhando lá. Estavam cavando o solo com ferramentas. Nem precisei me convidar, ao me avistarem na estrada, logo me chamaram. Cumprimentei-os e perguntei o que estavam fazendo.

- Estamos levantando mais uma casa do Senhor. Aqui levantaremos uma casa de oração para Jesus – disse um dos homens, que parecia possuir cerca de 35 anos. Chamava-se *Pohit*<sup>43</sup>.

- *Pohit* será o pastor da nossa sagrada igreja – disse outro homem. Um senhor que aparentava ter mais idade. Chamava-se *Nu*<sup>44</sup>.

- Mas o que traz aqui nosso querido visitante “branco”? – perguntou *Nu*.

---

<sup>38</sup> Farinha.

<sup>39</sup> Pescar.

<sup>40</sup> Caçar.

<sup>41</sup> Avó.

<sup>42</sup> Mãe.

<sup>43</sup> Grilo.

<sup>44</sup> Pedra.

Contei-lhes sobre o importante e querido espaço que as nações indígenas ocupavam na minha vida e, conseqüentemente, dentro de mim. Contei-lhes sobre o Tenente Pereira e as ideias de pesquisa nas nações indígenas. E como esses ventos foram me soprando até ali, até eles. Expliquei-lhes sobre as questões que havia preparado para a pesquisa daquele dia. Fui recebido com olhos brilhantes.

- Óh! Um *Surara* então. Ficamos muito felizes em receber o amigo estrangeiro aqui. Bom saber que se preocupam com nós lá de tão longe. Creio que a troca de conhecimento é muito importante para todos – disse *Nu*.

- Então pode responder meu questionário? – Perguntei a *Nu*.

- Não sei ler nem escrever filho, mas deixe que *Pohit* responde para você – respondeu com um sorriso afetuoso no rosto.

Entreguei uma das folhas para *Pohit* e expliquei-lhe como fazer. Um tanto acanhado me falou:

- Deixa que vou falando e você escreve, pode ser? Sou melhor com as palavras ditas do que escritas, afinal sou um pastor – disse o indígena.

- Está bem, pastor – respondi entre risos.

- Então, ser índio acho que está ligado ao nosso coração. Veja que mudamos tanto com o tempo, já nos vestimos com roupas agora, há asfalto em algumas das nossas ruas, energia elétrica. Mas o coração está aqui. É dessa terra. Nossos ancestrais nasceram, cresceram, morreram e mataram nesse lugar. Há séculos plantamos nesse lugar. Ainda comemos nossa farinha. O *Sateré* não vive sem ela. Pode ir até outras terras longes, como a do nosso amigo “branco” e ainda assim vai comer sua farinha. O nosso guaraná vai sempre ser sagrado – explicou-me ele.

- Legal! Uma das ideias que vejo ser erroneamente difundida em meio aos “não indígenas” é a de que a pessoa, para ser índio, deve andar só de tanga, com umas penas na cabeça e viver em casas de palha, sem isso perde seus direitos de ser indígena. Acham que vocês não tem o direito de modificar seu próprio modo de existir em sociedade – falei-lhes empolgado com a conversa.

- Isso mesmo, *Karaiwa*. É bom mesmo você vir para mostrar lá para o “branco” que nós já não somos como nossos antepassados. Agora já estamos civilizados e acreditando em Jesus. Certo dia estava vendo um Ritual da Tucandeira. Acho que já falaram para você sobre não é? – Fiz um aceno de cabeça em concordância – Então,

nesse momento eu já havia encontrado Jesus em minha vida, e olhei para aquelas pessoas sofrendo em dor, gritando, chorando e as pessoas em volta rindo do sofrimento alheio. Sabe, olhei para aquilo e pensei: “*é o inferno*”. É o inferno mesmo. Deus na forma do “branco” já veio nos alertar que com esses costumes estávamos é seguindo o caminho do demônio. Então, é importante que vejam que já não somos aqueles indígenas hostis do passado que os receberam com lanças e flechas nas mãos. Hoje muitos de nós estamos entendendo a verdade e, graças a mais essa igreja dentro da nossa aldeia, iremos atingir mais pessoas – disse *Pohit* com extrema força em sua voz.

Fiquei um tanto impressionado com aquela declaração. Pareceu-me querer justificar todo o passado sangrento ocorrido em prol da colonização. Não esperava encontrar um comentário assim. Acredito que ele tenha percebido minha viagem interior, pois quebrou o silêncio logo.

- *Surara*, você é católico ou evangélico? – perguntou *Pohit*.

- Nem um, nem outro. Tenho minha fé, creio que exista um Deus, mas prefiro não me fixar em nenhuma religião. Prefiro ser livre para permear várias crenças e colher aquilo que me faz crescer. Gosto muito de rituais. Já participei com os *Guarani*, agora, também farei o *Waymat* do seu povo no sábado. Acho que independente do que você acredita, o importante são suas atitudes – disse-lhe, pisando em cacos de vidro, para não transformar isso em uma discussão não desejada para aquele momento.

- Ah! Então irá fazer a Tucandeira, provar um pouco da nossa tradição milenar. Entendi. Mas sabe, meu amigo, um dia você vai encontrar Jesus no seu coração, vai ver o quanto suas palavras confortam. Vai estar lá na sua terra precisando de ajuda e o Senhor vai te encontrar. Nesse momento irá lembrar de mim “*É! Pohit estava certo, Jesus é o único caminho*”. Sabe, antes eu não acreditava, meu único deus era a bebida, vivia jogado por essas estradas aí, inclusive, cheguei a tomar álcool puro. Estava sem rumo nenhum. Afastando minha família, trazendo infelicidade para as pessoas que viviam perto de mim. Um pai e um filho ausente. Não via outra possibilidade de vida. Ria dos meus amigos que iam para a igreja, mas a dor começou a aumentar. Então ele chegou – Levantou uma bíblia – Dez anos que aquele outro deus não entra em minha vida. Finalmente comecei a olhar para minha família. Quando Jesus entrou em meu coração, entrou também o amor, por mim mesmo e pelos outros. Percebi que antes vivia no inferno e havia deixado o demônio entrar na minha casa, até que me apaixonei. E agora estou aqui, cumprindo com a missão que me foi dada, pregando a palavra. Não



importa o quanto demore, um dia você vai lembrar das palavras desse pastor e vai encontrar Jesus – pregou *Pohit*.

Aquela conversa abriu minha consciência para outro ponto que não havia notado. De repente estava olhando para o ser humano, não para o pastor ou o índio dogmático, mas para a pessoa com sua história, suas dores, alegrias, perdas, frustrações. Cada um possui um caminho. Não se chega onde está sem, percorrer longas estradas, passar por diversas encruzilhadas e ser movido pelas pessoas que aparecem no meio disso. Respeitei-o de repente. Quanto vinha julgando? Certo ou errado? Para quem? Por quê? Minha seriedade levantando barreiras que bloqueavam a entrada da profundidade de cada ser humano. De repente tive um vislumbre do indígena *Pohit* como pessoa única, não como peça da sociedade.

- Quem sabe *Pohit*, a vida vive nos impressionando, não é mesmo? Mas quem sabe o encontre em outros locais? – disse transformado.

- Como você disse antes, *Surara*. O que importa é o bem que fazemos – disse *Nu* voltando para a conversa.

Então reparei no trançado bem trabalhado da palha que cobriria a igreja, assemelhava-se ao grafismo. Perguntei como funcionava.

- Isso o *Nu* responde. Ele tem um grande conhecimento de artesanato e cultura *Sateré* – disse *Pohit*.

- Esse é o caminho do porco. Usamos um conto para facilitar o ensinamento. Já falei com o Capitão sobre a construção de um local para abrigarmos a nossa cultura e ensinarmos aos pequenos artesanatos e histórias. Antigamente tínhamos um local assim, onde os líderes encontravam-se para tomar as decisões. É uma ideia que ele compartilha também – disse *Nu*.



- Muito interessante, *Nu*. Acredito que vendo os mais velhos valorizando a cultura, aprenderiam a valorizar também. Além de poder tornar-se uma fonte de renda para eles – disse completando sua fala.

- Isso mesmo. Aproveitando que o amigo entrou no assunto, queria perguntar. Vê se pode me responder. Porque a gente vive aqui nessas terras e não sabe como funciona o mundo lá fora, mas é meu sonho assim, fazer o artesanato crescer na aldeia. O que eu queria perguntar é se o “branco” se interessa em comprar – *Nu* expôs.

- Claro que sim. Olhe, eu mesmo quero levar peças para pessoas que conheço. Mas fui encontrar só lá na cidade, com o *Epã*. Ainda assim gostaria de levar algo daqui. As pessoas gostam de comprar artesanatos que representem a cultura local. Gostam também de histórias e peças com significado. Então, mais potencial ainda tem o artefato feito pelas próprias mãos de um *Sateré* da área indígena Andirá-marau com tal história e significado – expliquei-lhe.

- Olha só! Isso que precisamos aprender. Sabe, dói ver os nossos jovens perdidos nessa bebedeira, brigando, roubando os vizinhos. O que o filho acha disso? – perguntou curioso.

- Concordo com o senhor. Perdendo a cultura e arte não tem como não haver transformações. E os mais novos acabam buscando seus próprios rituais, seja a bebedeira da noite, ou o assalto ao galinheiro do vizinho. É bom que os mais velhos

estruturem o mundo que eles vivem. Não digo tirar-lhes a liberdade, mas ser a base que sustenta todas essas transformações que o povo tem passado.

- Muito bom saber que temos com quem contar lá fora. Entre amigos faremos mudanças. Aceita almoçar conosco? – Convidou *Nú*, repleto de felicidade.

Aceitei. Foi uma grande experiência almoçar com eles. Havia me habituado com as famílias de *Yaguarete*. Era bom ver outra face do povo. Outros rostos. Diferentes histórias e pessoas. Quando falei que só havia comido frango ali, ficaram indignados. Queriam que eu ficasse mais tempo para experimentar pratos diferentes como o peixe que finalmente estava comendo. Mas já era tarde. Então restou apenas a promessa de retorno. Quando saí de coração entrelaçado com aquelas pessoas, me pus a pensar: *“E se, em meio aos meus julgamentos, tivesse ido embora já ao início da conversa?”* A vida me rendia cada vez mais em meio às minhas limitações. Seguia leve. Com essa visita, percebi também que aquelas perguntas não faziam parte do meu caminho. Abandonei-as. Por quanto teria que passar para entender que era para eu levantar a cabeça e olhar o “Outro” à minha frente? De repente me lembrei das palavras de Almiros Martins em seu vídeo *Ymá Nhendehetama*: *“Como ser humano ele desaparece. Se afoga no mar das palavras da burocracia, das teorias acadêmicas. Ele é afogado no meio das palavras quando a academia, os estudiosos entendem mais de índio que o próprio índio.”* Estava ali para aprender com o próprio índio e só seria possível se levantasse a cabeça e lhes desse ouvidos, olhos, nariz, voz e entrega. Sem papeis, sem câmera. *“Olha para eles”*, é o que meu peito dizia. Olhar nos olhos, conversar sobre o que as palavras levassem. Sentar com as pessoas.

Passei ainda em mais algumas casas. Agora estava totalmente desarmado, e conheci aqueles seres humanos. Cada um com sua individualidade. Mulheres divorciadas, descendentes de brancos e de negros, famílias de dez irmãos, jovens casais de quatorze anos de idade, cozinhas de farinha, evangélicos, católicos. Havia tanta diversidade naquele espaço que é impossível querer resumi-los em estereótipos vagos e preconceituosos. Assim retornei para casa de *Caratiú*, muito mais alegre. Encontrei-o à frente da casa esperando a oportunidade de uma conversa passar.

- *Waku sese*, Seu *Caratiú* – cumprimentei-o.

- *Waku*. Como foi o passeio? – perguntou.

- Muito bom. Não foi o que planejei, mas acabou sendo melhor. Vamos conseguir mesmo abrir o trabalho hoje? – perguntei. Já era final de tarde.

- Vamos sim. O *Morekuat* pelo jeito não aparecerá hoje novamente. Vamos abrir teus caminhos depois que desligarem a luz elétrica, fique tranquilo. Aí o senhor vai ver, vamos tirar o que te atormenta – E então prosseguiu me explicando. – Veja, um pajé nunca trabalha sem seus instrumentos. O copo de água e a vela sempre devem ser colocados à mesa. Trabalhamos com a força dos caboclos e índios.

- Tenho um tio que possui uma paralisia no braço, gostaria de levar a ele alguma erva para ajudar nas dores intensas que anda sentindo. O senhor teria algo para indicar? – perguntei.

- Tenho sim, venha. – Entrou para os fundos da casa. Levou-me até uma planta. - Essa aqui nós usamos para saber se a dor que a pessoa sente é feitiço ou somente física. Você vai levar algumas folhas, ferve bem e as amarre no lugar machucado. Deixe ali por uns trinta minutos, se doer é feitiço, então seu tio deve tomar o chá dela.

Enquanto falava, lembrei-me do sonho que tive e, de repente, o entendi. O celular representava tudo que eu trazia do meu meio. Conhecimentos, regras, valores, equipamentos. Perdido nesses artefatos, perdia tudo que *Caratiú* podia me oferecer. Novamente olhei superficialmente para aquela pessoa. Agora via o cavalo mágico que ele podia me oferecer. Uma vida inteira curando pessoas. Envolvendo-se com as ervas. Mas ainda assim, um ser humano, sujeito a imperfeições e com o direito que toda pessoa tem de errar. Perdido em meus julgamentos, bloqueei qualquer bem que ele podia ter feito em sua existência e toda experiência que podia me proporcionar. Agora estava ali, ensinando-me. Finalmente o pajé que esperava.

Continuou me falando sobre outras ervas e técnicas. Dediquei toda minha atenção e me transformei, encontrei-me novamente. Após a rodada de conhecimentos ancestrais, fomos à frente da sua casa. Sentamos no banco colocado estrategicamente. Esperou e, finalmente, passou a primeira vítima, a vizinha. Envolveu-a em uma longa conversa repleta de piadas. Pensei comicamente comigo mesmo “*Cada um tem o mestre que merece, não é?*” Assim era, em meio a tanta seriedade, ele estava me mostrando que os guias espirituais não precisavam ser gurus sérios e perfeitos. A cura também pode ser alegre. Não é feita somente de dor. Ri. Estava feliz com a situação.

A sensação de isolamento que vivi na primeira semana desapareceu. Entrelaçava-me cada vez mais com aquele povo. Estava em relação plena. Sentia os sinais e os seguia. Percebia instantaneamente o resultado. Uma das percepções que tive é que devia ir despedir-me da mata e pedir auxílio aos espíritos da floresta para o ritual. Então fui para casa de *Hat*. Seguindo o conselho de *Yaguarete*, levei de presente para ele meu canivete que continha um dispositivo para produzir faísca. Ficou muito feliz. Acredito que mais pelo gesto de amizade do que com o presente em si. Então perguntei sobre a possibilidade de ir à mata novamente. O que aceitou prontamente com visível alegria. Perto do momento das luzes se apagarem, retornei.

Para voltar, cruzei o campo de futebol. Era noite. Apenas eu no lugar. Então uma energia estranha tentou invadir-me, senti um aperto no peito e perda de controle. Minhas pernas cederam e desequilibrei. Fui agachando rapidamente. Pensei que cairia. Mas apenas girei, girei, girei. Uma energia estranha pairava em minha mente e sentia várias presenças em meu entorno, que me fez acelerar os passos. Logo que cheguei, falei a *Caratiú* sobre o que havia sentido.

- Calma, logo vamos ver quem anda bulinando o senhor e afastar.

Quando a energia caiu, ele levantou, seguiu para a cozinha, acendeu a vela, encheu um copo d'água e começou a defumação.

- O senhor venha cá. Vamos começar.

Eu estava apreensivo, quase arrependido. O que descobriria? Peguei meu maracá e fui atrás do meu destino. Havia duas cadeiras postas à mesa. Uma bem em frente ao lugar que estava a vela e o copo d'água. Foi nessa mesma que sentei.

- Sente-se aqui. Procure respirar e relaxar – Depositou suas mãos sobre a minha cabeça – Fecha o olho e relaxe – Em meio à defumação e com sua energia sobre mim, minha cabeça começou a ceder – Isso, relaxe. Venha e se apresente – Minha cabeça baixou completamente.

Eu ainda estava ali, mas já não tinha mais controle sobre nada no meu corpo. Sentia o que ele sentia, mas eu mesmo estava inerte. Meus lábios resmungavam. Eram expressões de dor. Meus dedos batiam nas minhas coxas sem parar. *Caratiú* sentou-se na outra cadeira.

- Se apresente – disse o pajé.
- Ari – disse a entidade que emprestava meu corpo.
- O que você quer?
- Eu quero paz – respondeu dolorosamente.

Foi um gatilho. Nossas existências se entrelaçaram. Em um momento eu estava sentado no chão em meio a pessoas de cor negra. Então uma voz putrefata me roçou os ouvidos: “*É sua vez negrinho*”. Mais um lapso, estava amarrado no tronco. O chicote estalou e seguiu em minha direção. A dor foi tanta que tudo explodiu. Em dor, memórias. Raiva. Fuga ou morte. Medo. Tensão. Trilhas em meio à mata ouvindo o som dos latidos de cães. Seguia sangrando. A cada passo, sumia um companheiro de fuga. Então me transporto. Indígenas e união. Brancos e guerra. Fome. Derrota. Morte. Chorei de cansaço. Eu só queria paz. Não sabia se era meu sentimento ou o dele. Então *Caratiú* realizou seu rezo sobre mim e expulsou o espírito. Voltei.

- Agora sente-se ali. – Trocamos de lugar. Eu tremia compulsivamente. Minha consciência queria saltar novamente.

- Não deixe mais nada entrar – disse o pajé de olhos fechados.

Começou o rezo para o senhor Pena Branca. Nunca tinha visto tanta força. Já não era meu corpo que tremia, a casa parecia tremer compulsivamente. *Caratiú* tremia cada vez mais enquanto rezava, até que seu caboclo desceu.

- Oi, meu filho, já vi tudo. Para se livrar desses espíritos que te atormentam, você deve tomar um banho de alecrim. O pajé vai te dar as orientações sobre a frequência. Precisa de mais alguma coisa? – perguntou-me Pena Branca.

- Preciso sim. – Apanhei meu maracá e estendi para ele. – Recebi este maracá durante minha viagem e gostaria de pedir ao senhor que abençoasse.

Parou por um tempo realizando um rezo com o instrumento em mãos.

- Entendo, entendo. Tem um papel e uma caneta? – perguntou-me. Fui apanhar e lhe entreguei. – Veja, você ganhou esse objeto da sua entidade de cabeça e através de você ele o usará, mas ainda não está pronto, precisa tomar os banhos para que as entidades possam se aproximar. Quando chegar a hora ele vai se apresentar e você será seu canal de cura. – Começou a escrever no papel. – Mostra isso ao homem e ele saberá o que fazer. Mais alguma coisa?



Eu estava paralisado, perdido. Era muito para tão pouco tempo, muita informação e transformação. Respondi que não, o tremor voltou. Então *Caratiú* estava de volta.

- Uh! Viu só? Sentiu a força do pajé? O que ele te falou?

Apenas mostrei-lhe a folha.

- Entendo, já previa. Começaremos amanhã seus banhos e terá que cumprir rigorosamente. É graças a eles que sua entidade de cabeça vai conseguir chegar. Aí vai ver a força que tenho falado. Quando chegar na sua terra vai poder curar as pessoas. As pessoas da sua corrente logo vão sentir. Seja na umbanda ou qualquer outro. Vão sentir. Vai ganhar dinheiro porque será bom. Verão sua força – disse meu mestre maluco.

- Tenho medo de assumir compromissos e ter que me prender a uma determinada crença. Gosto da minha liberdade, tanto que essa é a razão para me manter afastado das religiões. Mas o senhor diz que posso trabalhar de qualquer forma? – perguntei.

- Sim. O senhor vai ter a força e tem que seguir seu destino. Por vezes na vida ficamos perdidos, mas é porque nos afastamos dos nossos guias. Agora não, você vai estar com eles e poderá ver mais claramente teu propósito. Não sou eu que vou falar como será seu trabalho não. São eles. Seus mestres. Só estou aqui para lhe firmar o ponto até poder andar sozinho. Amanhã começaremos. Agora vamos dormir – falou-me.

Fui deitar. Ainda em estado de choque, demorei a adormecer. A pesquisa e a busca pela criança eram apenas a ponta do iceberg. Quanto mais mergulhava, mais pontas soltas eu trançava novamente à minha criação. Estava me sentindo cada vez mais completo. Minha vida estava agregando minhas projeções de infância. A criança é um mestre mesmo. E ainda nem tinha alcançado realmente, mas estava próximo.

## Adeus Ponta Alegre

Como da última vez íamos partir cedo para nossa trilha. Levantei e *Caratiú* já estava com o primeiro banho de ervas pronto. Os primeiros para limpar meu campo espiritual.

- Você vai ver, só com esses primeiros banhos que tomar, já não vai sentir quase nada no ritual.

Em seguida, peguei minha mochila e meu tescado e segui para a casa de *Hat*. Ele estava me esperando para o café da manhã. Comemos juntos.

- Como está, *Surara*? Está chegando o momento do seu ritual. Com medo? – perguntou-me.

- Para ser bem sincero, estou muito bem. Vamos ver como estarei amanhã - respondi.

- Sim. Provavelmente ficará, mas o segredo é manter a calma. Controlar a respiração. E hoje? O que quer ver?

- Gostaria de ver a Sapopema novamente, podemos? – falei-lhe.

- Claro! Vamos lá sim. – *Hat* ficava empolgado de ter encontrado alguém que gostava tanto das coisas que ele amava. Pouquíssimas pessoas ali conheciam aquela árvore.

- Também quero trazer um pouco de breu branco e *Tawari*<sup>45</sup> – acrescentei.

- Tem no nosso caminho também. São materiais usados pelos pajés.

Já sabia disso. *Caratiú* havia me dito. Enquanto ele se arrumava, fiquei brincando com um dos seus animais de estimação. Era um pequeno jaboti. Era muito comum ver animais selvagens de estimação, principalmente filhotes órfãos, cujos pais acabavam caçados.

- Hoje não levarei a espingarda, irei à moda antiga. – Veio com um arco e flecha.

---

<sup>45</sup> Espécie de árvore para se enrolar tabaco. Também é utilizado para referenciar o próprio cigarro feito dessa casca enrolando o tabaco.

- Agora sim, caçador – falei. Na verdade um pouco surpreso pela confiança em estar protegido apenas por cinco flechas.



Seguimos o mesmo caminho, agora acompanhados dos cães de caça. Enquanto andava, comecei a imaginar o que faria quando chegasse à Sapopema. Segui o processo em minha mente, abaixando próximo a ela para pedir sua força. Quando fiz isso, cobras brancas começaram a subir do chão para minha coluna. Multiplicando-se e me envolvendo.

Seguindo nosso caminho, passamos na árvore que produzia o breu branco. Coletei um punhado. Era uma resina produzida por uma árvore específica. *Hat* explicou-me sobre as grandes capacidades medicinais daquela planta. Um pouco mais adiante encontramos a árvore *Tawari*. Era uma das grandes árvores da mata com uma

grande circunferência. Habilmente, ele pegou seu tessado e arrancou lascas da sua casca. Cirurgicamente, separou folha por folha das lascas. Elas descolavam ao puxar.

- Está aqui. O melhor de tudo é que não mata a árvore. Veja como mais acima já há marcas. Depois tem que deixar secar no sol e, em seguida, cortar nos tamanhos que deseja. Coloca o fumo e enrola. – Entregou-me o material que guardei carinhosamente.

Quando chegamos a certo momento da trilha que estava empoçado, *Hat* parou e se abaixou apanhando algo. Era uma cobra de coloração branca pequena.



- Nossa, *Hat*. Que cobra é essa? – perguntei encantado.

- É uma jiboia – disse *Hat* maravilhado também, como se fosse a primeira vez que visse uma.

- Ela não é venenosa?

- Não! É bem mansa, quer pegar?

- Sim! – Peguei e a acariciei por um tempo e entreguei-a novamente a ele.

- Vou levar para criá-la. As cobras são um símbolo de poder para nosso povo. O clã que naturalmente apresenta

potenciais para ser pajé é o da cobra. Chamam-se *Moi* – falou, guardando-a em sua mochila.

Pensei nas cobras que haviam invadido a minha mente no início da trilha. Seguimos caminho por entre aquele verde todo que nos envolvia. Meus sentimentos pulsavam junto com toda aquela vida que estava a minha volta. Sentia-me extremamente conectado com cada ser ali. Como se fizesse parte daquilo tudo.

Alcançava uma compreensão que jamais havia vislumbrado. De repente, o ser branco na mochila de *Hat* me tirou do devaneio.

- *Hat*, ela escapou da sua mochila pelo rasgado. Quer que eu leve na minha? – Avisei-o.

- Quero. – Colocou-a na minha mochila em meio ao breu branco.

Seguimos em direção à Sapopema. Enquanto caminhávamos, a cobra mexia-se na parte de baixo da minha mochila. Na base da minha coluna. Mesmo local onde as outras haviam adentrado meu corpo. Então percebi que ela havia surgido em nosso caminho para mim. A partir do seu calor, uma forte energia subiu para o restante do meu corpo. Estava tudo alinhado.

Chegamos à Sapopema. *Hat* tradicionalmente enrolou seu fumo e ofereceu ao *Curupira*. Dessa vez fiz o mesmo. Fui até uma das alas encobertas por suas raízes, sentei-me encostado nela e ajustei minha respiração. Deixei-me envolver de vez por toda aquela natureza. Então ouvi o assobio.

- Parece que finalmente está descobrindo quem é – disse a força.

- Parece que sim. Vivo e alegre. Estou prestes a realizar o grande trabalho da minha vida. Vim humildemente pedir a sua energia para cumprir esse desafio – disse.

- Será feito! - encorajou-me a força.

Uma figura indígena alta e forte surgiu na minha frente. Estremeci só de olhar em seus olhos. Estava com um bastão nas mãos, decorado com uma pedra violeta na ponta, que usou para tocar o meio da minha testa com ele. Então um olho abriu no local. O chão ruiu abaixo de mim e despenquei. Caí por muito tempo. Longo tempo. Atravessei horas, dias, meses e anos. Estava à frente do meu lar familiar. Mas não como atualmente. Ainda era a pequena casa de madeira da minha infância. Atrás se encontrava o chão de terra com a árvore ao centro. Dela pendia o antigo balanço carregando o velho jovem Kaian de seis anos. Risos ecoavam no espaço. O balanço parou e o menino iniciou sua caminhada até mim. E eu até ele. Em encontro. Então, ele começou a passar a terra do chão em sua pele. Em um ato instintivo, fiz o mesmo. Cobertos pelo mesmo material. Cobras brancas começaram a subir por nossas pernas e nos envolver. Neste ritual, completamos a caminhada em direção ao outro e nos encontramos. Selamo-nos. Feitos da mesma matéria. Encobertos pela mesma matéria.

Então despenquei novamente. Estava em um lugar escuro e mãos fizeram grafismos em toda minha pele. Pés, mãos, peito, cabeça. Fui inteiramente tatuado por aquela tinta espiritual. Terminado, sentia-me repleto de força e coragem. Como se pudesse fazer qualquer coisa. Então saltei da minha queda e voltei. Abri os olhos, que agora eram três.

Quando eu e *Hat* terminamos nosso ritual, seguimos nosso destino. No caminho me passou um desejo.

- Você cantaria no meu ritual, *Hat*? Sei lá... Terá outro cantador, mas gostaria muito que você cantasse pelo menos uma canção – convidei-o

- Claro. Ele será o principal, mas posso ir sim. Ficarei muito feliz.

Completamos nosso passeio sem maiores surpresas. Logo que chegamos, me despedi e segui para a casa de *Caratiú*. Quando cheguei fui surpreendido por *Wāhop* que me aguardava.

- Você não apareceu para eu te pintar, mas vim até você – disse-me

Agradei muito e ele iniciou seu trabalho. Com um pedaço de mato fino molhado em jenipapo, iniciou sua arte. Logo *Caratiú* veio me falar:

- *Karaiwa*, *Morekuat* e *Yaguarete* já chegaram, disseram que vocês vão hoje para o Monlongol, aproveitar uma carona com o barco dos *Tuxaua*. Precisa estar pronto para quando o barco chegar. Já preparei o banho para você tomar agora antes de ir, e o de amanhã antes do ritual – disse-me o velho pajé.

*Wāhop* terminou seu grafismo na minha pele. Semelhante às tatuagens que havia recebido na floresta. Em um dos lados desenhou uma formiga tucandeira, disse-me que é o desenho que fazem para o ritual.

- Esse é meu presente. Espero muita força para você. Estarei lá, se possível – falou-me

- *Waku Sese*, meu amigo. Obrigado por tudo – Despedimo-nos.

Quando tudo estava pronto, dirigi-me para o ponto de embarque, na praça local. Eles já me esperavam.

- Olha aí o *Surara*. Não fugiu – disse *Yaguarete rindo*.



- Bom ver que não fugiu também, *Sateré* – disse rindo, devolvendo a provocação.

- Vamos hoje para podermos começar cedo o ritual. Amanhã Kaian vai provar a força do *Sateré*. Nunca mais vai querer voltar – disse o Capitão rindo.

A conversa seguiu nesse mesmo tom alegre até o barco chegar. Embarcamos e seguimos rumo ao meu destino final, onde todos os caminhos da vida me levaram. Sabia. Era ali. Independentemente de qualquer outra decisão que tivesse tomado anteriormente, todas as trilhas e escolhas teriam me trazido até aqui.

*“Estou chegando, kurum.”*

### **Sarican: Dor e (Re)Nascimento**

Despertei para meu último dia de vida. Ouvi falar sobre diversas culturas que tem na “morte e renascimento” um importante mito da sua existência. Assim, por diversas vezes morri durante minha vida para que um novo pudesse florescer. Mas agora, grande parte estava prestes a deixar de respirar. Parece que todos os presságios de morte que tive durante a viagem convergiram para cá. Sob dor intensa das ferroadas das Tucandeiras, os *Sateré* realizam o ritual para deixar nascer o homem dentro de si. Agora era minha vez, mas no meu caso, morria o adulto, o velho, para dar o lugar ao renascimento do menino. Minha criança. No entanto, a caminhada foi longa. Foi um longo processo. Segui as migalhas de pão deixadas na trilha. Tive que passar pelos pântanos da primeira semana que cheguei à Ponta Alegre. Estar cara a cara com meus medos. Derrubar preconceitos. Pré-julgamentos. Absorver novas visões de mundo.

Levantei como um guerreiro. Sentia-me indo para a guerra. Um pouco do Tenente Pereira acordou comigo naquele dia. Na última noite havia dormido tarde finalizando minha pintura. Faltavam as mãos. Pintam-nas para que não apareçam as ferroadas. Ao despertar, elas já estavam escuras da mistura do fumo com jenipapo. As pinturas nos meus braços também já estavam bem destacadas. Sob intensa meditação e concentração, levantei e comi apenas frutas. Limitei as palavras e em respeito à tradição, apenas lavi as mãos no rio. Pelas memórias cantadas no ritual sobre as guerras antigas com o clã do peixe, é vedada a entrada no rio antes de “meter a mão”. Ao levantar, *Yaguarete* trouxe-me um presente.



- Olhe, Kaian, *Nu* mandou entregar para você. Esqueci de te dar ontem. – Era um colar de miçanga, intercaladas por pombinhas esculpidas em madeira marrom escura.

Pensei: “*Mais um aliado comigo*”.

- *Waku Sese*, meu amigo – agradei de coração.

Ele já estava pronto também. Mesmo sendo a sua trigésima vez, ainda ficava sério. Tenso. O ritual exigia concentração. Reforçou os conselhos:

- O segredo é manter a calma. A Tucandeira provoca dores intensas durante todo o tempo, mas há pontadas de tempo em tempo. Nesses momentos, respira. Deixe a musculatura solta. Não faça força, para não espalhar o veneno. Lembre-se que na hora de “meter as mãos” deve estar com elas na posição de concha. Antes ser ferroadado nas costas da mão do que na palma. Depois que retirá-las da luva não abaixe mais o braço, deixe as mãos na altura do peito, para que o veneno não concentre para baixo. E dance. Sempre que puder, dance. Sue. Libere toda energia que puder. Será muita.

Acordamos às 06h30min da manhã. O ritual seria apenas às 9h. Peguei a trilha para o barracão, onde seria o ritual. Enquanto caminhava, sentia como se um exército estivesse me seguindo. Nunca senti tanta força na vida, tanta confiança. Sobre as sensações, essa era de uma certeza inigualável de que tudo estava onde devia estar. Plenitude. Quando cheguei ao local, meus olhos cederam automaticamente e pude sentir Wilka Nina trabalhando. Juntei-me a ela e, através de um cone que pendia do céu, inundei o espaço com energia dourada. Projetei símbolos de poder nos quatro cantos. Guerreiros espirituais juntavam-se ao pelotão. Era um grande dia, podia sentir. Um marco.

Após essa visita, retornei para a beirada do grande Rio Andirá. Estava na hora de retirar o menino da cobra. Sozinho, sentei-me em um canto mais reservado. Estava envolvido pelo meu mundo interior, em uma única íntima relação comigo mesmo. Sentei-me com as pernas cruzadas. Contemplei aquele vasto rio que se apresentava aos meus olhos. Inspirei profundamente e fechei-os ao expirar. Afastei tudo que influenciava minha mente, deixando-a vazia por alguns minutos, até que abri as portas apenas para meu inconsciente. Inspirei e expirei. Entrei...

Mergulhei no leito do rio e nadei. Nadei. Nadei. Para muito fundo fui. Seres cruzavam meu caminho. Botos. Tartarugas. Cobra. Encontrei-a, mas estava vazia. *“Ele já está dentro de você. Está pronto, basta acordá-lo”*. Compreendi logo. Em seguida, munido dos meus aprendizados, segui para o mundo superior. Ao céu... Um gavião me levou cortando o céu, cruzando nuvens chegamos à porta de um palácio dourado em meio a uma densa floresta tropical. Uma grande escadaria em sua frente me levava para seu interior. Adentrei a grande porta de entrada. Dentro, em um grande sofá, me esperava o grande índio que havia me encontrado na mata. Sua força era descomunal. Ele gargalhava com seu cachimbo na mão, e o som espalhava-se pelo local. Expressava uma felicidade intensa: *“Conseguiu então, finalmente chegou”*. Entregou-me meu maracá e seu cachimbo. *“Meus presentes para te ajudar no seu desafio. Lembre-se deles durante o ritual”*. Despedi-me, e retornei com o primeiro canal aberto.

Em seguida, fui para o submundo. Um escorpião guiou meu caminho. Passamos pelos escombros e tuneis até chegar à Grande Mãe. Bem ao centro pairava uma grande rosa vermelha, onde caí envolvido por suas pétalas. Ao centro estava ela, magnífica com seus longos cabelos pretos e vestido vermelho. Fui até ela e pedi sua força para o trabalho que faria naquele dia. Respondeu apenas com um sorriso. Raízes cresceram do chão adentrando meu corpo. Indo até meu coração, onde uma rosa cresceu. Do coração, uma grande força irradiou-se para todo meu corpo, e recebi um cajado ornamentado com pedras vermelhas. *“Está feito”*. Preenchido de extrema força, retornei.

Agora com ambos os canais abertos, céu e terra, retornei para o barracão. Estava ancorado por ambas as energias. Via um exército de anjos descendo em todos os lados. Inúmeros tubos de luz pendiam para o céu carregando almas. Com suas espadas, eles ceifavam uma por uma. A partir dali os vivos seriam livres pelas suas escolhas. Livres do ódio que pairava na dimensão paralela, livres da raiva de séculos de guerra, do sangue, da morte. O futuro dependeria de suas próprias escolhas. Os caminhos estavam abertos. Desobstruídos.

Era 9 horas e o ritual ainda não havia iniciado. O cantador estava começando a colocar as Tucandeiras na luva, dopadas após passarem um tempo de molho em um líquido produzido a partir da folha verde de caju. Uma rabeta chegou trazendo a família do Waraná. Seu pequeno veio correndo me abraçar. *Wasa’i* me trouxe outro presente.



- Olhe, Kaian, é para te proteger. – Colocou-me um colar muito extenso que era necessário dar-lhe quatro voltas para colocar no pescoço.

- *Waku*, meus amigos. Fico muito feliz que tenham conseguido vir assistir – respondi-lhes emocionado.

- Claro que viemos. Vai que você vai embora e não retorna mais para nos ver – falou

A receptividade daquelas pessoas mexia em grandes estruturas. Meu coração amolecia a cada gesto, parecia bater até com mais fluidez.

Enquanto faziam os preparativos, eu e *Yaguarete* nos afastamos do local para nos concentrarmos. Esperamos por quase duas horas. Quando já não suportava mais de ansiedade, nos chamaram. Como de costume, o dono da festa deve ser o primeiro. O pau já estava fixado horizontalmente no meio do barracão. Uma haste pendia verticalmente com a luva posta ao meio. As penas de gavião real e arara dançavam no ar, mexidas pelo vento. A sensação de poder que transmitiam era inegável. O cantador já aguardava atrás delas. Amarraram o chocalho no meu joelho e me dirigi para frente do altar.

*“Aquele que quer “meter a mão” deve, por conta própria, apanhá-la e estendê-la ao cantador. Depois que tocou a luva, não há mais volta.”*

Lembrei-me do velho aprendizado. Ou foi alguém no meu entorno que disse. Várias pessoas estavam lá para assistir. *Awyki*, Capitão, *Waraná*. Esqueci-as por um tempo. Curvei meu corpo abaixo e lembrei-me de todas as razões, todos os caminhos e desafios vencidos. Não podia esquecer-me do Kaian que havia iniciado essa jornada, assumindo o desafio de se aventurar nessa pesquisa e nesse sonho. Era fruto de coragem. E era exatamente esse sentimento que necessitava agora. Então lembrei-me e fui tomado por essa força. Estava pronto para “meter a mão”.



Assim fui em direção a ela, que se originou dos pelos do órgão genital feminino de *Uniamoire'i*, conhecida por alguns como sendo a própria mulher, a minha dor. Tirei-a da haste e entreguei ao cantador. Em seguida, de olhos fechados, parei minha mão esquerda sobre o pau central. Era isso, não havia mais volta. Completava e selava meu destino. A luva encaixou-se em minhas mãos. Pude sentir as traseiras das formigas roçarem minhas mãos. O cantador segurou em meu braço esquerdo que era picado e *Yaguarete* o outro. Outras pessoas juntaram-se a roda. Seguimos os passos da dança. Dois para a direita e à frente. Dois para a direita e atrás. A perna direita bem cadenciada ao solo ecoava com a batida de todos. O chocalho chacoalhava junto ao movimento. Com os passos seguiam as canções. A tradição era algo em movimento, mas ali, repetíamos o que milenariamente os homens daquela etnia vinham realizando. Nossos pés



marchavam no ritmo dos vários outros homens e mulheres antes de nós. Estávamos juntos. Em comunhão.



Realizei três voltas, o mínimo a ser respeitado. Apenas no fim delas minha mão começou a reclamar de dor. Acredito que como era uma dor extremamente diferente para meu corpo, meu cérebro não tenha enviado os sinais instantaneamente. Então, para espanto de todos, estendi minha mão direita para ser ferroadada também, a dor foi ao mesmo tempo em que as picadas chegaram. Mantive a concentração. As batidas do meu pé direito ao solo cadenciado com a música esvaziava qualquer dor. Completei três voltas com a outra mão também. Foi quando deixei a luva para que *Yaguarete* iniciasse seu trigésimo ritual. Dançamos juntos. Estávamos unidos pela dor.



Quando ele encerrou suas voltas, paramos de dançar. Então, sem distração, a dor irrompeu em minhas mãos. Pareciam estar ardendo em meio ao fogo e em pontos específicos, como na base do meu dedo mindinho, assemelhava a alguém torcendo com extrema força. Estavam paralisadas. Já não podia mexê-las mais. Mas era suportável. Minha missão me sustentava. Finalmente outro garoto, com aproximadamente 12 anos encarou o desafio também e retornamos para a dança. Esse não foi tão controlado como eu e *Yaguarete*, chorou e abandonou a luva na primeira volta. Duas garotas de aproximadamente 15 anos também colocaram suas mãos e não demonstraram nenhuma dor, fiquei impressionado. Alguns dizem que as mulheres não sentem dor, pois a formiga é a própria mulher, então não a agride, outros dizem que é porque elas já sofrem uma dor pior no parto. Seguiram-se outros rapazes que tiveram a mesma reação do primeiro. Novamente paramos. Fico pensando como seria se tivesse feito esse ritual antes de tudo que aprendi na vida sobre meditação. Ou sem todos os propósitos que reuni para aquele momento. Outra pontada de dor e me encolho novamente.

Já havia passado mais de uma hora. Quando ainda se está no início é muito mais fácil de sustentar a dor, pois ainda está repleto de adrenalina, pronto para encarar qualquer desafio. Mas com um tempo considerável sob dor intensa e sabendo que há muito mais ainda pela frente, passa-se a ficar mais difícil sustentar. Para ajudar, passávamos mais tempo parado do que dançando. Meu coração sofria para trabalhar. Sentia que estava tentando lutar contra o veneno. Então resolvi pedir um fumo.

- *Morekuat*, pode enrolar um tabaco para... – Parei de falar. Meu peito doía quando falava.

- Claro! Está vendo como a formiga não é fácil? Procura não falar e nem se esforçar muito – aconselhou-me o Capitão.

Ajudou-me a fumar, pois minhas mãos não conseguiam segurar o fumo. Para ajudar, ainda não havia sentido nada de diferente. Tentei me conectar com a criança, mas sem sucesso. Não podia chegar tão longe para falhar. Então *Hat* chegou.

- *Waku*, *Sarican*. Doendo muito? – perguntou ao me cumprimentar.

- Hoje as formigas não deram chance – falei em baixo tom com a cabeça virada para o chão.



- Viva *Anumã*. É assim mesmo, mas é bom. Vamos dançar? – falou-me enquanto se levantava.

Eu e *Yaguarete* o seguimos até o altar, e então puxou a música. Sua voz era mais forte que a do primeiro cantador, o que nos fez mergulhar em suas canções. De repente nos multiplicamos na roda. Crianças haviam dado as mãos para juntarem-se ao ritual. O momento era incrível. Sentia a energia de todos passarem uns aos outros, chegando a mim. Pulsávamos no mesmo ritmo, na mesma frequência. Minha consciência foi se alterando. Meus olhos fechavam em êxtase. Ouvi o caloroso riso de uma criança e centenas de ovos eclodiram dentro do meu corpo, dando vida ao mesmo número de pequenas cobras brancas. Corriam por todo meu corpo e fui inundado por uma energia incrível. Pela primeira vez me sentia pleno. As dores nas costas sumiram. Sentia o contato dos meus pés com o solo, e aquilo fazia irradiar energia por todo o espaço. Então vi, não só o pequeno em sua curta vida, mas além daquela existência, eu na existência de curador, carregando instrumentos, colhendo ervas, tratando pessoas, participando ativamente das causas da aldeia. Com ele não morreu apenas minha alegria, mas tudo que ele carregava ancestralmente dentro de si. Era um dos pajés daquele povo. E agora, sob a minha existência, voltava para cumprir seu papel. Vivo. Era o que eu sentia. Em existência. Estava forte. Alegre. Não entendia o significado das canções, mas elas entravam carregadas de um sentimento de familiaridade. Repleto daquilo, cravei meus pés ao solo. Rachaduras abriam-se. O exército fazia seu trabalho. Eu uivava dentro de mim.

Em meio aquele elo senti também afeto e amor. Senti os amigos que deixei ali, em cada um. *Yaguarete*, *Hat*, *Morekua*, *Caratiú*, *Waraná*. Meu clã. Estava feito. Renasce o menino. Renasce o pajé.

Apesar da grande libertação que tive, a dor prosseguiu. A aldeia estava em festa, com *Awyky* liderando a banda. Mas era só para quem não havia “se ferrado”. A dor nos perseguia. Já faziam quatro horas do início do ritual e atingi o ponto máximo de dor. Afastei-me do barracão para um local mais isolado onde eu pudesse expressar caretas. Dentro de mim vozes riam “*Achou que ia fazer tamanha transformação sem sentir dor?*” Apesar do sofrimento, eu estava tranquilo.

Às 16h nosso barco chegou e eu ainda estava com muita dor, mas mesmo assim era hora de partir. O Capitão carregou as minhas bagagens e de *Yaguarete*, já que ainda

estávamos com nossas mãos imobilizadas. Como perdemos o barco direto para Parintins, tivemos que pegar um que ia até Barreirinha. Como as noites eram frias, sofremos muito. Foram seis horas até lá tentando dormir para esquecer a dor. Chegando lá, o único jeito foi ir com um pequeno barco de pesca com apenas cinco lugares, totalmente aberto dos lados. Quando olhei aquilo, virei para *Yaguarete* ao mesmo tempo que ele me olhou.

- Achei que o pior já havia passado – disse a ele.

Ele apenas fez uma expressão de sofrimento e adentramos o pequeno barco. Seguimos encolhidos em nossos bancos com as mãos amortecidas, enquanto Seu *Morekuat* e seu amigo serpenteavam por entre aqueles rios. Em dado momento *Yaguarete* virou e disse:

- É a trigésima vez que “meto a mão”, mas é a pior delas – disse-me.

- Está doendo muito, mas está incrível. Acho que nunca me senti tão bem – disse-lhe deixando um sorriso escapar.

- Estou me divertindo muito também – disse-me. Gargalhamos juntos.

Perdemo-nos algumas vezes. Quase entramos em um lago de capim, mas chegamos. Era por volta das 23h quando finalmente estávamos em casa. *Morekuat* arrumou nossas redes e me deu o banho de ervas. Mesmo não fazendo parte de suas crenças, me ajudou com os procedimentos que *Caratiú* havia passado. Eterna gratidão por essas pessoas.

No dia seguinte deixei Parintins às seis da manhã. *Yaguarete* ficaria mais uma semana ainda.

- Adeus meu amigo. Nasce aqui uma grande amizade. Muito obrigado por ter me proporcionado tamanha experiência. *Waku Sese*.

- *Waku Sese, karaiwa*. Que *Anumã Wato* esteja com você guiando por onde andar.

- Seu *Morekuat* e Dona *Waikiru*, muito obrigado também por todo carinho, cuidado e receptividade. Sem palavras. Sempre lembrarei de tudo que fizeram por mim, e são muito bem vindos lá em Florianópolis também. *Waku Sese*, grandes *Sateré* – Despedi-me.

- Agora irá espalhar para os outros amigos “brancos” do que são feitos os *Sateré*. Muito bom saber que temos mais um aliado. Que *Anumã Wato* esteja com você, grande amigo. *Waku Sese*. – Despediu-se Seu João.

- Agora faltam somente 19 vezes “ferradas”. Terá que retornar para terminar. *Waku Sese, Karaiwa*. – Despediu-se *Waikiru*.

## Devaneios na Poltrona do Avião

Sou só mais uma pessoa entre essas tantas sentadas agora nas poltronas desse avião. Pergunto-me: para onde estão indo? De onde vieram? Olho então para a terra, para aquelas longas serpentes de rio e penso: “*Não sei. Sei apenas que vim de lá*”.

Diferente de tudo que imaginei, coberta de desafios, encontros e desencontros, essa viagem foi um divisor de rios. Ou um encontro. Todos os caminhos me traziam para cá. “*Tudo aquilo que o homem ignora não existe para ele.*”<sup>46</sup> Assim era. Tantas invisibilidades tornaram-se visíveis a partir dos encontros, por vezes trombadas e rompimentos de preconceitos. Pessoas, histórias, emoções. Muitas vezes não imaginamos o tamanho do processo que uma simples decisão pode desencadear. Parecia apenas um menino, uma inocência a ser resgatada, mas na verdade, havia muito mais. Diversas dimensões do meu ser foram mexidas. Mundos colidiram para transformação de novos. Quanto, afinal, há para viver nesse mundo se deixando desaguar nesse universo de possibilidades? A partir daqui outras bifurcações se farão. Seguirão para novos rumos.

## PARA FINAL DE CONVERSA...

Em meio às motivações que surgiram no início e movimentaram o nascimento desse trabalho, optei por realizar essa pesquisa através de mergulhos em vivências com comunidades indígenas. Somente através dessas incursões é que as referências chegaram, ligando pontos e complementando as ideias que fui construindo. Não desmereço aqui nenhum modo de fazer pesquisa, mas fiz uma escolha ética. Um gesto formativo que me levaria a compreender de forma mais ampla um outro mundo.

---

<sup>46</sup> Albert Einstein.

Para a apresentação dessas ideias, a narrativa surgiu como meio pelo qual apresentei as minhas vivências e aprendizados. Diante de tantos modos diferentes de “ser indígena”, em situações diversas, optei por esse modo de escrita carregado pela busca por certa leveza. Nele, dei vida a personagens e lugares, tentando transportar o leitor para aquele mundo também. Procurei expor os diversos rumos que a pesquisa foi tomando, inclusive as frustrações. Tratou-se de uma história na qual um sujeito carregado de ideias vagas se lança ao mundo, possibilitando potenciais encontros, que o levaram a realizar um nascimento com uma nova forma de “ser”. “Nascer dentro do mundo”. Esse fui eu; meu processo formativo.

## REFERÊNCIAS

BONIN, Iara Tatiana. **Povos Indígenas na Rede das Temáticas Escolares**: o que isso nos ensina sobre identidades, diferenças e diversidade?. Universidade Luterana do Brasil, Revista Currículo sem Fronteiras, v.10, n.1, p.73-83, Jan./Jun. 2010. Disponível em: <http://www.curriculosemfronteiras.org/vol10iss1articles/bonin.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2018.

CASTRO, Eduardo Viveiros de. **O Nativo Relativo**. Revista Mana, vol. 8, nº 1, p. 113 - 148. Rio de Janeiro, Abr. 2002.

CRUZ, Denízia. **Kariri Xocó**: Contos Indígenas. São Paulo: SESC, 2017.

Infoescola. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/historia/cabanagem/>> Acesso em: 17 de set. 2018.

JECUPÉ, Kaka Werá. **A Terra Dos Mil Povos**. São Paulo: Peirópolis, 1998.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu**: Palavras de um xamã yanomami. 1ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

KRENAK, Ailton. **Culturas indígenas**. Youtube, 2016 Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=LEw7n-v6gZA>>. Acesso em: 7 abr. 2018.

MARTINS, Almires. **Ymá Nhandehetama**. Youtube, 2011. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Xjn5GGRVCjo&t=3s>>. Acesso em: 15 mai. 2018.

MUNDURUKU, Daniel. **O caráter educativo do movimento indígena brasileiro (1970-1990)** Cap. 3: Coleção educação em foco. Série educação, história e cultura. São Paulo: Paulinas, 2012.

Povos Indígenas no Brasil. Sateré-Mawé. Disponível em: <[https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Sater%C3%A9\\_Maw%C3%A9](https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Sater%C3%A9_Maw%C3%A9)> Acesso em: 15 de jul. 2018.

Portal dos filhos do Waraná. Disponível em: <<http://www.nusoken.com/livre-academia-do-wara/primeira-seccao-patrimonio-historico-cultural/a-11>> Acesso em: 15 de jul. 2018.

RIBEIRO, Maria de Jesus Pacheco. **Dicionário Sateré-Mawé/Português**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Rondônia, Guajará-Mirim, 2010.

Wunder, Alik; Villela Alice. **(In)Visibilidades e Poéticas Indígenas na Escola: Atravessamentos imagéticos**. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Revista Teias: Micropolítica, democracia e educação, v.18, n. 51, Out/Dez de 2017. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/30739/22836>>. Acesso em: 22 mar. 2018.